

AIANNE CARELLI NASSER DE MELLO

**OS IDOSOS NA UNIVERSIDADE DA MELHOR IDADE-
UMI/UCDB: o que dizem sobre suas histórias de vida e
identidades**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
CAMPO GRANDE – MS
2020

AIANNE CARELLI NASSER DE MELLO

**OS IDOSOS NA UNIVERSIDADE DA MELHOR IDADE-
UMI/UCDB: o que dizem sobre suas histórias e identidades**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

Orientador (a): Dr. Carlos Magno Naglis Vieira

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
CAMPO GRANDE – MS
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Católica Dom Bosco
Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1 3360

M524i Mello, Aianne Carelli Nasser de
Os idosos da UMI-UCDB: o que dizem sobre suas histórias e identidades/ Aianne Carello Nasser de Mello; sob orientação do profº Dr. Carlos Magno Naglis Vieira..-
Campo Grande, MS : 2020.
115 p.: il.
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, Ano 2020
Bibliografia: p. 89 a 95
1. Universidade da Melhor Idade - UMI/UCDB. 2. Educação de idosos - Aspectos sociais e culturais. 3. Universidades e faculdades - Idosos - Mato Grosso do Sul. 4. Envelhecimento. I.Vieira, Carlos Magno Naglis. II. Título.

CDD: Ed. 21 -- 371.90474

“OS IDOSOS NA UNIVERSIDADE DA MELHOR IDADE-UMI/UCDB: O QUE DIZEM SOBRE SUAS HISTÓRIAS E IDENTIDADES.”

AIANNE CARELLI NASSER DE MELLO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira (PPGE/UCDB) orientador

Prof.ª Dr.ª Barbara Borges (Universidade de Manitoba/Canadá) examinadora externa

Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Lima Paniago (PPGE/UCDB) examinadora interna

Campo Grande - MS, 02 de março de 2020

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO

MELLO, Aianne Carelli Nasser de. **OS IDOSOS NA UNIVERSIDADE DA MELHOR IDADE-UMI/UCDB: o que dizem sobre suas histórias de vida e identidades.** Campo Grande, 2020. 114 p. Dissertação (Mestrado), Universidade Católica Dom Bosco-UCDB.

RESUMO

A pesquisa de mestrado está vinculada à Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena e ao Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da UCDB. Situada no campo da Educação, a pesquisa busca verificar como os sujeitos idosos participantes do programa Universidade da Melhor Idade – Universidade Católica Dom Bosco (UMI/UCDB) posicionam suas identidades e histórias. Ainda nesta direção, o trabalho tem como objetivos específicos: a) descrever a interação do projeto com o programa da UMI/UCDB; b) identificar as posições dos idosos da UMI/UCDB, sobre suas identidades frente ao processo de envelhecimento, através de suas histórias de vida. Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, mais precisamente no último censo de 2010, verifica-se que o crescimento da população idosa vem ocorrendo de forma significativa, o que proporciona realizar uma escuta atenta e sensível a esse segmento da população. Tendo como eixo norteador autores que dialogam com os estudos de cultura e identidade, a pesquisa de caráter qualitativo tem a intenção de produzir seus dados a partir de procedimentos metodológicos, como: a realização de entrevista, análise documental (currículo, projeto político pedagógico e dados de matrícula que trazem elementos de sua identidade), observação e agendas produzidas pelos idosos que participaram das aulas de Atualidades em Saúde, acerca dos elementos norteadores do projeto. A pesquisa mostrou que o Programa UMI/UCDB foi sendo construído, ao longo de 22 anos, no espaço acadêmico, juntamente com o corpo docente, conforme o perfil sociocultural, necessidades e anseios dos participantes, considerando também as tendências das Universidades Abertas à Terceira Idade (UnATIs) em promover o envelhecimento bem-sucedido. A partir das narrativas das histórias de vida dos idosos, foi possível observar que o contexto social em que viveram e a forma como posicionaram suas identidades ao longo de suas vidas se refletem da mesma forma no processo de envelhecimento.

Palavras-chave: UMI/UCDB; idoso; identidade; história de vida; envelhecimento.

MELLO, Aianne Carelli Nasser de. **OS IDOSOS NA UNIVERSIDADE DA MELHOR IDADE-UMI/UCDB: o que dizem sobre suas histórias de vida e identidades.** Campo Grande, 2020. 97 p. Dissertação (Mestrado), Universidade Católica Dom Bosco-UCDB.

ABSTRACT

This Master's dissertation is linked to the research line Cultural Diversity and Indigenous Education and to the research group Intercultural Education and Traditional People, of the Postgraduate Program in Education – Master and Doctorate of the *Universidade Católica Dom Bosco –UCDB* (Catholic University Don Bosco). Situated on the field of Education, the research has as its main purpose to verify how the elderly participants of the Program University of the Third Age (*Universidade da Melhor Idade - UMI*) from the UCDB manage their identities and life histories. In addition to this main purpose, the paper has as specific aims: a) to describe the conjunction of the project to the Program UMI/UCDB; b) to identify the positions of the elderly at the UMI/UCDB with regard to their identities concerning to the aging process, through their life histories. Based on data of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE*), more precisely of the 2010 census, it was found that the growth of elderly population occurs more and more significantly, which allows an attentive and sensible listening to this population segment. Having as axis some authors who dialogue with studies on culture and identity, this qualitative research aims to produce their own data from methodological procedures on, such as interviews, document analysis (curriculum, political-pedagogical project and registration data which show elements of their identity), observation and calendars produced by the elderly who participated in classes of Health Actualities, concerning the guiding elements of this project. This investigation reveals that the Program UMI/UCDB has been built over 22 years in the academic space, together with the teaching staff, according to the sociocultural profile, the needings, and the demands of the participants, by considering the biases of the Open Universities for Studies on the Elderly (*Universidades Abertas à Terceira Idade-UnATIs*) to promote the successful ageing too. From the life history narratives of the elderly on, it is possible to remark that the social environment where they lived, and the way they managed their identities during their lifes, reflects in the same way on the ageing process.

Key words: UMI/UCDB; elderly; identity; life history; ageing.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido Elton, que sempre apoiou meus sonhos e necessidades.

Aos meus filhos, João Pedro e Mariana, pela compreensão e respeito pela busca de meus objetivos.

Aos meus pais, que me deram uma formação que respeita a dignidade da pessoa humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre guiou e iluminou meus caminhos.

À minha família, pela força e o incentivo em todas as necessidades.

À Profa. Me. Leiner Maura Vieira de Mello, minha sempre coordenadora, que me apresentou o trabalho com os idosos e a qual tenho como exemplo de dedicação e amor à Educação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira, que percorreu comigo o caminho desta pesquisa com grande disponibilidade e interesse, contribuindo, assim, para o meu crescimento intelectual.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), por provocar minha consciência e pela dedicação com que desempenham seus papéis, especialmente à Profa. Dra. Maria Cristina Paniago que, desde o primeiro contato, me apoiou e incentivou a entrar no Mestrado em Educação.

À secretária do PPGE Luciana de Azevedo, pela atenção e seriedade em seu atendimento aos alunos.

À Profa. Bárbara Borges, com quem tive a oportunidade de trabalhar quando de sua estada na UMI, e que atualmente está na Universidade de Manitoba/CAN, por continuar seus trabalhos na área do envelhecimento humano, pelo apoio e acolhimento ao contribuir para esta pesquisa com seus conhecimentos.

Aos meus queridos idosos do programa UMI/UCDB, meus eternos professores.

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS DA PESQUISA.....	10
CAPÍTULO 1 – A AUTORA E A PESQUISA:	14
HISTÓRIA, MOTIVAÇÕES E DELINEAMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
1.1 A HISTÓRIA DE VIDA DA AUTORA ATÉ A RELAÇÃO COM O OBJETO DE PESQUISA	14
1.2 OS IDOSOS DA UNIVERSIDADE DA MELHOR IDADE-UMI/UCDB: O QUE ME LEVOU A PESQUISAR ESTE TEMA?	20
1.3 A ENTRADA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE/UCDB: DESCONSTRUINDO VERDADES E REPRESENTAÇÕES	22
1.4 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
CAPÍTULO 2 – O IDOSO NA SOCIEDADE: SITUANDO O CENÁRIO.....	36
2.1 ASPECTOS DEMOGRÁFICOS DA POPULAÇÃO IDOSA: APRESENTAÇÃO DO CONTEXTO.....	36
2.2 DIREITOS DOS IDOSOS: BREVES APONTAMENTOS	42
2.3 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS SOBRE O ENVELHECIMENTO.....	45
CAPÍTULO 3 – DO PROJETO AO PROGRAMA: A HISTÓRIA E OS SUJEITOS DA UNIVERSIDADE DA MELHOR IDADE/UMI NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO/UCDB.....	51
3.1 AS UNIVERSIDADES ABERTAS DA TERCEIRA IDADE/UNATIS E A INSPIRAÇÃO PARA O PROJETO COM IDOSOS NA UCDB	51
3.2 A HISTÓRIA DA UMI/UCDB	56
CAPÍTULO 4 - OS IDOSOS DA UMI/UCDB E OS SEUS POSICIONAMENTOS SOBRE IDENTIDADE E HISTÓRIAS DE VIDA	64
4.1 QUEM SÃO OS IDOSOS DA UMI/UCDB	64
4.2 AS IDENTIDADES DOS IDOSOS DO PROGRAMA UMI/UCDB	68
4.3 “ENTÃO, TUDO COMEÇOU HÁ 40 ANOS ATRÁS”. AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS IDOSOS.....	76
5. CONSIDERAÇÕES	85
REFERÊNCIAS	89
ANEXO I – DADOS RECOLHIDOS DAS FICHAS DE MATRÍCULA NA UMI/UCDB EM 2019	97
ANEXO II – DOCUMENTAÇÃO UNIVERSAL REFERENTE AOS DIREITOS DOS IDOSOS.....	98
ANEXO III – AGENDA DO IDOSO	100

*Os idosos são incumbidos da grande
responsabilidade de transmitir sua
experiência de vida, sua história familiar, a
história de uma comunidade, de um povo.*

(Papa Francisco, 2018, p. 3)

NOTAS INTRODUTÓRIAS DA PESQUISA

“No mundo há muito para aprender com aqueles que a modernidade tornou invisíveis”. (MALDONADO-TORRES, 2010, p. 437)

Início o meu trabalho com esta expressão de Maldonado-Torres (2010), no sentido de ir delineando e organizando seus conteúdos para conduzir o leitor a uma reflexão sobre o papel que os idosos têm e representam em nossa sociedade; um papel muitas vezes visto como marginalizado, subalternizado, excluído e inferiorizado pela população mais jovem e, inclusive, por eles mesmos. Em algumas situações, essas atitudes são fruto de uma cultura pejorativa no que concerne ao envelhecimento.

Pretendo, nessa dissertação, motivar uma reflexão sobre a população idosa a partir dos participantes da Universidade da Melhor Idade/UMI que estudam e circulam pelo espaço da UCDB, considerando a proposta do Projeto Político-Pedagógico do programa, na construção das identidades destes idosos.

Nesse sentido, estudar o idoso é estar diante de uma ampla e complexa discussão, pois reflete diversos atravessamentos sociais e culturais em inúmeras sociedades. Um dos desafios ao realizar o estudo com a população idosa é proporcionar novas leituras sobre este grupo, despertar e motivar não somente o interesse, mas atitudes de conscientização e reconhecimento do seu papel no ambiente em que ele circula e estabelece vínculos. Diante dessas questões, considero que suas visões de mundo e filosofias cotidianas devem ser elementos da produção de seus saberes, percepções e conhecimentos almejados pelos objetivos desta pesquisa.

A pesquisa de Mestrado está vinculada à Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena e ao Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais no

Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco – PPGE/UCDB, e pretende realizar uma escuta atenta desse segmento da população, levando em consideração suas posições acerca do processo de envelhecimento, através de suas histórias de vida. Tendo como área do conhecimento os estudos da educação, o trabalho se faz relevante na medida em que procuro apresentar que, além da ótica lançada sobre o mundo vivido e projetado pela população idosa, a presença destes na construção do presente não deve ser desperdiçada, excluída e marginalizada pela sociedade que os cerca, muito menos no espaço acadêmico.

A partir da convivência com este grupo, por meio da docência e outras experiências relacionadas ao desenvolvimento de políticas públicas, como a participação no Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa Idosa, percebi que muitas vezes o idoso é inferiorizado, excluído, colocado à margem em seus diversos contextos, fazendo com que se torne invisível aos olhos dos filhos da modernidade – filhos que ainda olham para o envelhecimento com um determinado preconceito, pois vivem a idolatria da juventude, da idealização da beleza a partir da aparência física. São filhos que acabam ignorando, desqualificando e desrespeitando aqueles que possuem inúmeras experiências e podem colaborar para a produção de novos aprendizados.

Em outras palavras, não podemos deixar que a presença do idoso seja sempre percebida como um desconforto, e sim como um paradigma positivo para si próprio e para os outros. Diante dessas reflexões, acabo me questionando se o ser humano que envelhece é “caduco” em nossa sociedade atual? Qual o seu lugar, o seu valor? A partir dessas questões, podemos pensar sobre o processo do envelhecimento como um campo próspero para o significado que o idoso e a sociedade estão construindo e formando em suas histórias, entrelaçadas aos costumes, às tradições (convenções), aos estereótipos, às participações sociais em geral, em seus diversos núcleos de inserção e representação.

Diante desta temática desafiadora, estudaremos o grupo de idosos matriculados e participantes da Universidade da Melhor Idade/UMI, programa da UCDB vinculado à Pró-Reitoria de Pastoral. Este programa compreende ações voltadas para pessoas a partir de 50 anos, sem limites de escolaridade, em preparação para o envelhecimento saudável, com práticas que promovam a saúde física, mental e social desta população, especialmente dentro do ambiente universitário.

A pesquisa tem como objetivo geral verificar como os sujeitos idosos participantes do programa Universidade da Melhor Idade na Universidade Católica Dom Bosco (UMI/UCDB) posicionam suas identidades através de suas histórias; são seus objetivos específicos:

- a) descrever o desenvolvimento do projeto ao programa da UMI/UCDB;
- b) identificar as posições dos idosos da UMI/UCDB sobre o envelhecimento, através da Agenda do Idoso.

Tendo como eixo norteador autores que dialogam com os estudos de cultura e identidade, a pesquisa, de caráter qualitativo, tem a intenção de produzir seus dados a partir de procedimentos metodológicos como: a realização de entrevista semi-estruturada, análise documental (currículo, projeto político pedagógico e dados de matrícula), observação e diários produzidos pelos idosos durante as aulas da disciplina de Atualidades em Saúde, acerca dos elementos orientadores do projeto.

A pesquisa de Mestrado está organizada de forma a conter a introdução, que denomino de *Notas Introdutórias*, e quatro capítulos.

O primeiro capítulo trata das questões que levaram esta pesquisadora à escolha do tema, ou seja, a minha história de vida com a população idosa. Ainda no mesmo capítulo, escrevo sobre os atravessamentos diretos que me levaram a pesquisar esse tema, a entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco e as leituras com que a linha de pesquisa contribuiu para a pesquisa e a formação acadêmica. Por fim, descrevo os procedimentos metodológicos que auxiliaram na produção da dissertação.

No capítulo 2, será apresentado o levantamento demográfico da população idosa no Brasil, além das ações políticas, legislaturas e projetos voltados às demandas do idoso em nossa sociedade atual, sob uma perspectiva histórica.

O capítulo 3 traz a construção do programa da UMI/UCDB, a exemplo de outros projetos desenvolvidos no Brasil, tais como as Universidades Abertas da Terceira Idade/UnATIs, assim como os desafios diante da criação de um projeto pedagógico diferenciado, formação do corpo docente e currículo em função da diversidade e heterogeneidade do público idoso atendido e dos valores diferenciais deste programa, observados no campo empírico.

O capítulo 4 apresenta os idosos da UMI/UCDB, suas posições sobre o processo do envelhecimento, além de suas histórias de vida e identidade, valorizando os seus saberes e conhecimentos, traduzidos em suas falas, expressões e olhares outros, como possibilidade de diálogo com os saberes acadêmicos, favorecendo a “ecologia dos saberes” (SANTOS, 2007) e espaços de encontros intergeracionais e interculturais.

Desta forma, pretendo trabalhar com a população idosa a partir do programa UMI/UCDB, a fim de identificar como posicionam suas identidades nas questões sociais, tendo como instrumento metodológico a Agenda do Idoso.

CAPÍTULO 1 – A AUTORA E A PESQUISA: HISTÓRIA, MOTIVAÇÕES E DELINEAMENTOS METODOLÓGICOS

Neste primeiro capítulo, apresento alguns aspectos da construção da minha identidade a partir de acontecimentos e experiências em minha história de vida que me motivaram para a escolha e o desenvolvimento desta pesquisa, considerando também os atravessamentos que os estudos propostos pelo Programa de Pós-graduação em Educação provocaram em minha visão de mundo. Durante o período de estudo, convivência e pesquisa, muitos aprendizados ocorreram e sensibilizaram pesquisa e pesquisadora, o que influenciou diretamente o desenvolvimento deste trabalho, em função dos afetamentos decorrentes da linha de pesquisa *Diversidade Cultural e Educação Indígena*.

1.1 A história de vida da autora até a relação com o objeto de pesquisa

(...) o processo do envelhecimento pode ser definido como uma grotesca máscara sendo imposta ao corpo e ao rosto de alguém, que esconde sua capacidade de representar seu “eu verdadeiro” aos outros. (MIKE FEATHERSTONE, 1998, p. 67)

O idoso é um ser humano que teve a oportunidade de envelhecer. Envelhecer, em si, não é bom nem ruim, pois depende da forma como é percebido, assim como muitos outros aspectos identificados ao longo da vida. Mas onde está a graça de envelhecer, então? Ou envelhecer não tem graça nenhuma? A máscara que o idoso coloca em si é a mesma máscara que a sociedade coloca nele? Onde está o “verdadeiro eu” do idoso hoje, em nossa sociedade? Ou, melhor dizendo, como o idoso se vê, como se reconhece hoje em dia? Penso que, apesar das máscaras, caricaturas ou estereótipos que o possam subjugar/enquadrar,

somente o próprio indivíduo pode reconhecer-se e assumir seu papel e sua dignidade a partir da forma como se vê, desenhando assim seu lugar e papel no mundo.

As relações com os idosos foram sendo construídas em minha vida por debaixo das máscaras. Para ilustrar o que está por trás desse adereço (a máscara), um breve histórico da minha vida é oportuno para conduzir o leitor a entender a relação com o tema de pesquisa. Nessas linhas, procuro estabelecer as relações que foram sendo construídas, desde perdas e significados pessoais.

Na minha vida familiar, a convivência com os mais velhos sempre foi valorizada e muito respeitada. Desde a infância, a presença dos meus avós sempre foi marcada por relações singelas e experiências marcantes: eram coisas corriqueiras que só aquela pessoa fazia, com o seu próprio jeito.

Na história da minha vida, não pude conhecer todos os meus parentes idosos, mas sabia do seu lugar na história da minha família. Uns viveram mais, outros menos, mas todos, com sua importância e exemplo, contribuíram para escrever um pouco dessa história. Hoje, consigo perceber que foram situações simples, mas profundas que marcaram minha memória, meus afetos, meus desejos e aspirações. Por esse motivo, sempre os admirei e, talvez por isso, sempre busquei a companhia dos mais idosos, o que se projetou gradativamente na minha profissão.

Desta forma, trabalhar com os idosos para mim nunca foi sacrifício; ao contrário, sempre tive afinidade e empatia por eles. A relação que desenvolvo com eles é baseada no respeito e na parceria, sem infantilizações ou dependência, o que é ainda mais favorecido pelo meu papel de fisioterapeuta, sem desconsiderar minhas outras atribuições como educadora e pesquisadora.

Neste sentido, entendo que o processo da reabilitação envolve essencialmente a esperança e a coparticipação que o terapeuta deve despertar no paciente, o que justifica a luta diária do tratamento, com suas dores e alegrias, frustrações e conquistas. Assim, colocar-me no lugar do outro, respeitar sua condição física, motivar o processo da reabilitação, forjou em mim um olhar muito humano e sensível na atenção à saúde como um todo, especialmente na relação com os idosos.

Mas foram os reveses da vida que me levaram a ser fisioterapeuta. Esta foi a grande surpresa da minha vida, quando pude perceber a “grotesca máscara que me foi imposta” e

com a qual tive de aprender a lidar. É algo que hoje me permite perceber os dois lados do processo de reabilitação, em que faço um paralelo com o processo do envelhecimento. As deficiências não são motivo para a discriminação, pois quem não as tem? Desta forma, enquanto trato meus pacientes, eu sou tratada; enquanto lhes dou esperança, reforço a minha; enquanto os ajudo a superar suas dores e limitações, supero também as minhas.

Entendo este processo como

[...] o significado que as pessoas atribuem às suas experiências, bem como o processo de interpretação, são elementos essenciais e constitutivos. (BOGDAN, 1994 p. 55)

Hoje, enquanto terapeuta, professora e pesquisadora, busco utilizar as minhas identificações com o idoso para provocar uma reflexão sobre como compreender o significado dos acontecimentos na vida das pessoas. Qual o fruto destas experiências refletidas em sua forma de levar a vida, com seus horizontes variáveis e infinitas possibilidades? O que afeta diretamente o processo do envelhecimento?

Com isto quero dizer que, apesar de algumas dificuldades que possam aparecer em decorrência de doenças, acidentes, traumas e da própria longevidade, o idoso não deve ser julgado e descartado pela sociedade. Afinal, qual ser humano ou qual idade está livre de imperfeições? Por isso, como se pode marginalizar ou desvalorizar o idoso por seus limites? Qual a relação das perdas e ganhos (LYA LUFT, 2003) que o idoso apresenta, e que pode contribuir com o contexto em que ele está inserido? Estas foram algumas ideias que me intrigaram ao longo do tempo, até chegar a este momento de construção da pesquisa, na qual a valorização da posição do idoso, seus saberes, conhecimentos e história de vida são essenciais para dialogar com o universo acadêmico, considerando também o que os idosos têm a oferecer, “revelando seu verdadeiro eu”, conforme a provocação de Featherstone (1998, p. 67)

A experiência que constitui os sujeitos é inalienável; quanto mais se pode esperar e considerar daqueles que têm mais anos de vida, mais experiência, não como verdades absolutas, mas como visões e posição a ser consideradas nas tomadas de decisão, no planejamento de futuro e aprimoramento do presente!

Mas, até este momento, minhas percepções eram fruto apenas dos meus valores, da minha história de vida e da minha atuação clínica e docente no campo da saúde. A partir da entrada no PPGE, fui fortemente impactada pelas outras abordagens no campo da Educação,

especialmente a partir dos estudos pós-coloniais que me proporcionaram novas experiências e leituras de mundo. Muitas leituras me ajudaram a perceber outros interesses no trabalho com os idosos do Programa UMI/UCDB, no sentido da marginalização, desvalorização do saber e da produção de conhecimento, da depreciação de sua representação social.

Nos estudos sobre a subalternidade, Spivak (2010) escreve que o subalterno aparece como elemento de dependência ou subordinação a grupos marginalizados, não possuindo voz ou representatividade em decorrência do *status* social. Analisando a situação de nosso país, observo que, no Brasil, as desigualdades sociais são ainda obstáculos para vencer esta subalternidade, sendo que o idoso encontra-se, muitas vezes, marginalizado por estereótipos negativos associados à velhice, relacionados especialmente à produtividade econômica.

Nesse sentido, Goldfarb (2006) aponta que o lugar social do idoso seria quase um não-lugar, pois, embora os idosos sejam, a partir dos investimentos das últimas décadas, reconhecidos como sujeitos, incluídos no panorama cultural contemporâneo (até porque seria impossível não incluir o grupo etário que mais cresce), eles são empurrados para as bordas da estrutura social, claramente obrigados à subjetividade ancorada na passividade, à pobreza de trocas simbólicas e à renúncia ao papel de agentes sociais. E ainda, segundo Teixeira (2016), são empurrados em direção à perda de todo poder, até sobre si mesmos.

Ainda continuando a discussão com Spivak (2010), um fator muito relevante da análise da autora é sobre os preconceitos e rótulos impetrados por aqueles que se julgam dominantes sobre o outro, subjugado por sua diferença. As diferenças são essencialmente legítimas e, como tal, devem ser respeitadas e não invisibilizadas, naturalizadas ou negadas, sejam elas de ordem racial, econômica, religiosa ou condição de saúde inclusive, pois aquele que goza de boa saúde tem uma qualidade de vida muito diferente daquele que dela carece.

Além disso, a exemplo do que foi dito acima, pude compreender o subalterno dentro de mim: os rótulos, os preconceitos, os julgamentos, são elementos que hoje trago na pesquisa a partir do meu afetamento, e isto também é uma realidade para muitos idosos em seus contextos e concepções, marcadas pelos mesmos motivos.

Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens no vazio. A partir das relações dos homens com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a (FREIRE, 1999, p. 43)

Reforçando a ideia de “deixar o subalterno falar”, Freire (1999) defende que a humanização das sociedades depende da valorização das relações, daquilo que dinamiza o mundo, ou seja, da potência do que cada um traz consigo. Desta forma, não haveria espaço para desvalorizar o outro; os espaços que educam o ser humano seriam efetivamente construtivos, sem produzir seres subalternos.

No desenvolvimento da pesquisa, fui observando que a minha própria história de vida me motivou e deu significado a esta temática que trago, considerando que

[...] o modo como fazemos nossas pesquisas vai depender dos questionamentos que fazemos, das interrogações que nos movem e dos problemas que formulamos (PARAÍSO, 2012, p. 26).

Nessa mesma direção, recorro as palavras de Freire (1996):

Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho, e se ‘dispõe’ a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente, quanto o saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente (p. 31)

Estas palavras reforçam e embasam a questão fundamental da produção do conhecimento que perpassa as gerações e se encontra em vários lugares, contextos, dentro e fora do espaço acadêmico, partindo da empiria, da cultura e das concepções históricas e seus paradigmas, sem descartar o antigo.

No ambiente universitário, o desafio de romper as fronteiras e os muros das diferentes áreas do conhecimento, nas quais cada um transita entre os seus, o olhar para o outro, para as diferenças, pode ser muito construtivo na elaboração dos novos saberes e conhecimentos, sem desconsiderar os outros também construídos até o momento, vislumbrando uma nova pedagogia do encontro das diferenças e da ecologia dos saberes. Isso requer uma abertura de mentalidade e atitudes que reforcem e apoiem estas ações dentro da academia.

Neste sentido, o PPP/UMI prevê que

[...] a atual conjuntura social, na qual todos nós estamos inseridos, amplia o papel e o significado da educação formal em todos os níveis de escolaridade, exigindo de nós abertura e interação, tornando assim a vida mais significativa e abrindo oportunidade à dinamicidade. Isto implica em uma nova postura educacional, na qual é relevante unir prática cotidiana

ao conhecimento científico como uma forma de desafio constante. Assim também deve ocorrer nas aulas com participantes de terceira idade.

Creio que todo este processo de desconstrução, que ainda não acabou e vem esboçado nestas poucas páginas, possibilitará a esta pesquisadora “em obras”, e ao contexto em que me encontro especialmente enquanto docente e discente, promover uma maior visibilidade, conscientização e possibilidades de caminhos futuros de desenvolvimento interpessoal e intergeracional, em prol dos princípios e valores que sustentam a ecologia dos saberes no ambiente acadêmico; e, como pontua Walsh (2009),

[...] seria como uma ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, viabiliza maneiras diferentes de ser, viver, saber e buscar o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só se articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que- ao mesmo tempo- aceitam a criação de modos outros de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteira (p. 14)

Ou seja, o reconhecimento das diferenças como parte do aprimoramento dialógico do processo de ensino no ambiente universitário, no qual se tem a oportunidade da convivência com grupos intergeracionais, sinaliza um dinamismo e uma humanização das relações sociais e educacionais em prol do desenvolvimento humano e profissional em sua complexidade que não pode – ou não deveria – ser desperdiçado.

Desta forma, percebi a necessidade de provocar a academia para associar o idoso a uma melhor visibilidade, visando à produção de conhecimento, pois, se de um lado o idoso traz a experiência de vida, do outro a graduação traz o suporte de novos conhecimentos. Esta combinação é necessária e essencial. Neste processo, todos saem ganhando, pois isso possibilita o intercâmbio da experiência de vida com a superação dos limites intrínsecos e extrínsecos relacionados ao processo de educação, da construção do sujeito e do meio em que ele está inserido, afetando e se deixando afetar. Sobre essa discussão, recordo as palavras de Candau (2011), que nos permite compreender que a interculturalidade

[...] se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença; um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados; uma tarefa social e política que interpela o conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e

tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade; e uma meta a alcançar. (p. 10-11).

Assim, a relação com o campo empírico foi sendo construída de forma dinâmica, respeitando e valorizando o outro em suas diferenças, considerando os atravessamentos da história de vida no campo empírico e a expectativa de provocar, no ambiente acadêmico, um espaço dialógico intergeracional e intercultural.

1.2 Os idosos da Universidade da Melhor Idade-UMI/UCDB: o que me levou a pesquisar este tema?

Não é nada fácil a condição dos velhos através dos tempos (...). As mitologias, a literatura e a iconografia transmitem uma imagem da velhice que se altera segundo as épocas e os lugares. Mas, até que ponto se aproxima esta imagem da realidade?

(SIMONE DE BEAUVOIR, 1970, p. 11.)

A “condição dos velhos através dos tempos” é uma questão que me causou inquietação pela forma como eu os considero, em contraposição ao que a sociedade em geral considera. Dentro da minha casa, aprendi a respeitar a figura do idoso representado pelos meus avós. Com o passar do tempo, percebi que nem todas as famílias respeitam seus idosos, nem todos os cidadãos respeitam os idosos em nossa sociedade e que hoje vivemos uma realidade social na qual precisamos de leis para assegurar o respeito e a dignidade de que os idosos necessitam.

Por alguns anos, fiz parte do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa Idosa de Mato Grosso do Sul, e me deparei com uma triste realidade de violência doméstica: esta se faz presente na maioria dos casos que envolvem os idosos, seja pela indiferença, pelo abandono, pelo abuso financeiro, pelo assédio moral ou pela violência física e psicológica. Perguntava-me se precisamos ter, hoje em dia, leis para dar preferência em assentos coletivos, acesso a serviços, vagas em estacionamento e em último caso, garantir sua segurança pessoal. Descobri que sim: é preciso, hoje em dia, haver leis que amparem o idoso numa sociedade que trata o idoso de forma desqualificada, injusta e extremamente abusiva à sua integridade física, moral e social.

Paralelamente a esta participação, trabalho como docente da UMI/UCDB há 15 anos. Esse período de trabalho com os idosos da UMI também despertou muitos olhares e

me instigou a querer observar mais de perto as questões inquietantes da realidade que os cerca, a sua visão a respeito dos acontecimentos do dia-a-dia, a maneira como se vêem e os ensinamentos da vida.

Além dessas muitas observações, existem tantas outras indagações percebidas que não caberiam nesta pesquisa, mas algumas delas serão analisadas mais detalhadamente no capítulo 4, a fim de contribuir com a valorização do ser humano que envelhece.

Quando comecei a dar aulas de hidroterapia para os participantes da UMI/UCDB, sempre perguntava o que eles estavam sentindo e o nome das patologias ou padecimentos diagnosticados. Muitos deles não sabiam descrever seus sintomas, muito menos o nome das doenças ou qualquer outro tipo de quadro clínico a que se referissem. Comecei então, inevitavelmente, a fazer observações a respeito dos cuidados preventivos que deveriam adotar de acordo com cada caso, e notei que tinham muitas dúvidas e interesse em entender melhor o seu próprio estado de saúde. Depois de alguns anos, surgiu a oportunidade de, uma vez por semana, interagir em sala de aula com eles, ministrando a disciplina de *Atualidades em saúde*. Daí em diante é que tive a experiência como professora na sala de aula; até então, eu exercia minhas atividades pedagógicas enquanto terapeuta, no atendimento clínico do setor de hidroterapia.

Ao final dos semestres, quando os conteúdos já tinham sido cumpridos e surgia uma brecha para interagir sem preocupação com horário, os participantes relataram que gostariam de ter mais tempo para expor suas experiências.

“A experiência de aprender a ouvir as vozes dos que estão posicionados nas fronteiras da exclusão” (BACKES; NASCIMENTO, 2011, p. 25) – nesse caso, os idosos – me fez perceber o quanto eles querem se expressar mais, querem que alguém os ouça, pois eles têm muito a oferecer na construção do conhecimento e no resgate das memórias vividas, na valorização de sua história de vida. Esse grupo quer se sentir reconhecido através de suas falas. Contudo, quase não há momentos para que os idosos se manifestem tanto quanto gostariam, pois as aulas não ultrapassam uma hora, cada uma.

A participação dos idosos em sala me impressionava pelas partilhas, exemplos, testemunhos de situações que eles contavam sobre os temas que eu trazia. Percebia que eles tinham vontade de falar sobre o que eles sabiam, histórias que conheciam; eles sempre se manifestavam e ficavam felizes com esta oportunidade de poder falar, contar suas

experiências de vida. Recordo que ficava admirada e grata pela oportunidade de ouvir e aprender com tantas partilhas. A partir dessa experiência, comecei a pensar em como aproveitar melhor estes ensinamentos e poder compartilhá-los com tantos outros ali no ambiente da UMI/UCDB.

Esta ideia inclusive encontra respaldo na declaração do Papa Francisco, no ano de 2018, ocasião em que lançou um livro intitulado “Sabedoria das Idades”. No livro, uma de suas citações fala sobre a importância do intercâmbio entre as gerações: “É preciso ter aliança entre jovens e idosos” (p.11). Encontro-me na missão entre estas duas considerações, pois a UMI é o espaço ideal onde estou inserida para promover este estudo e esta reflexão, para que o idoso seja uma figura ativa, colaborativa e inspiradora: “Eles vão inspirar os jovens a seguir em frente com criatividade enquanto planejam o futuro” (p.11).

1.3 A entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UCDB: desconstruindo verdades e representações

A decisão de realizar o processo seletivo do Mestrado em Educação na UCDB surgiu num momento em que eu não apenas valorizaria a instituição em que me formei e na qual trabalho atualmente, mas também porque, a partir daí, este Mestrado poderia contribuir para ampliar meu espaço de trabalho no programa da UMI. Mesmo tendo conhecimento do Mestrado em Psicologia na instituição, ligado à área da Saúde, a opção pela Educação se deu na busca por aprimorar minha formação e, com isso, atingir um melhor desempenho da minha ação docente.

Recordo que a minha expectativa inicial era conhecer o mundo da Educação dentro de uma visão didático-pedagógica. Porém, logo na aula inaugural, percebi que as questões políticas e problemáticas da atualidade social e cultural eram as proposições básicas, especialmente, da linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena em que fui aprovada.

A propósito, o tema de entrada no PPGE era sobre a questão pedagógica relacionada ao idoso em paralelo com a pedagogia salesiana, o que se enquadraria na linha II que trata da Formação de Professores e Práticas Pedagógicas. Porém, houve um redirecionamento de linha e, posteriormente, do tema da pesquisa, até se chegar à temática atual, o que considero

tão importante quanto a ideia inicial. Mais tarde, fui percebendo que a metodologia salesiana não fugiria totalmente dos objetivos e da ementa proposta na linha III, pois a valorização das diversidades culturais sempre foi uma proposta educacional do modelo preventivo de Dom Bosco, patrono desta instituição. A este respeito,

[...] a Pedagogia Salesiana, também conhecida como o Sistema Preventivo, é um dos diferenciais da educação salesiana. Ela é fundada em três bases: “amor” – também entendida na palavra italiana *amorevollezza*. Os jovens devem ser amados e saber disso. Dom Bosco resumia: “Faça-se amar e não se faça temer”. “Razão” – Dom Bosco acreditava que só a razão podia dizer ao coração o que é o bem. É por isso que a ciência sempre foi um grande pilar da educação salesiana. “Espiritualidade” – no projeto de Dom Bosco, a espiritualidade é o fundamento e coroamento dos valores e dos compromissos educativos do amor e da razão. (PAULA, 2008, p. 65).

Como podemos perceber, os jovens são o principal objetivo do olhar desta pedagogia, mas não o único, em se tratando de um ambiente universitário em que várias idades transitam, com suas diferentes identidades e contribuições de conhecimentos. Seguindo o mesmo raciocínio da referida citação, os idosos devem ser amados e devem saber disso. Os idosos devem trabalhar a razão, ter acesso à informação, se desenvolver e se reconhecer neste processo. Por fim, o idoso deve ser acolhido num ambiente que o queira, que o valorize, fazendo parte do ambiente acadêmico, como se fosse a alma do corpo, reforçando a espiritualidade, ou seja, o sentido que conecta todas as partes do corpo.

Desta forma, a temática do idoso foi muito bem aceita dentro do PPGE, como algo novo e motivador de reflexões diversas dentro da academia e, ao mesmo tempo, um desafio a enfrentar diante da ementa proposta e dos referenciais teóricos trabalhados na linha III, em que o tradicional e o revolucionário são negociados a todo o momento. Aliás, penso que seja este o cerne da questão do envelhecimento, quando as dualidades devem ser ressignificadas a todo instante: o idoso e o jovem, o conhecimento empírico e o acadêmico, o conhecimento tradicional e as novas descobertas, como partes complementares e não antagônicas. Daí é que acredito fortemente no diálogo, na interculturalidade, na intergeracionalidade, enfim, na alteridade.

A propósito, a alteridade foi experimentada por mim, meu orientador e colegas constantemente, ou seja, colocar-se no lugar do outro foi muito mais do que uma proposta filosófica paradigmática; foi verdadeiramente um terreno escorregadio, cheio de desconfortos, estranhamentos e perturbações. Embora minha prática clínica e docente, além das motivações pessoais comentadas anteriormente, já me houvesse sensibilizado, o contato

com outra área de conhecimento me causou sofrimento intelectual, pois nesse momento começou o meu processo de desconstrução; meus muros começaram a ruir, ou seja, os paradigmas em que eu alicerçara meus conhecimentos até então foram colocados à prova. Fui compreendendo que

[...] a educação é um processo eminentemente dialógico, em que precisamos nos colocar na lógica do outro para entender o que o outro fala, por que fala e por que age deste ou daquele modo. Ou seja, a educação não é como uma transferência unilateral daquele que sabe para aquele que não sabe; porque simplesmente não existe aquele que nada sabe; o que há são saberes de complexidade e níveis diferenciados, devido à experiência que constitui cada um dos sujeitos (TOMAZZETTI, 2012, p. 114-115).

Assim, o processo de educação deve ser encarado como uma via de duas mãos, e o que cada um traz, seus contextos e visões de mundo, deve ser considerado neste processo para haver sentido, significado, interesse e respeito, ao mesmo tempo em que somos provocados a relativizar nosso Eu existencialista e abstrair da fixidez de nós mesmos, considerando a complexidade de cada sujeito.

Conforme fui tendo acesso a autores como Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (1998), Spivak (2010), entre outros, estes muros foram sendo desconstruídos no sentido de ouvir e considerar o ponto de vista do outro, da alteridade, de ressignificar, aprender coisas novas e reconsiderar as minhas certezas e formas de enxergar e entender o mundo, até então focado na área da saúde. A saúde física, mental, espiritual e social era o meu campo de visão. Sempre relatei a questão social com os processos de convivência, do bem-estar, da solidariedade, da comunicação e dos processos de relação interpessoal; ou seja, nada estava relacionado à política. Porém, Costa (1996, p. 8) considera que

[...] a crise repercute na vida de cada pesquisador, desorganizando não apenas sua vida intelectual, mas o conjunto de convicções políticas e existenciais que vêm dando sentidos às suas vidas.

A crise foi uma constante no período em que participei do PPGE, a ponto de pensar em desistir, tamanha foram as contrariedades que tive de suportar silenciosamente ou com reações intempestivas. Acredito que minha expectativa era tanta que igualmente me deixei afetar. Aprendi neste período muito mais do que o meu propósito com a pesquisa. Aprendi muito sobre mim, me fiz pedra de rio que, para desgastar suas pontas duras, se deixa rolar correnteza abaixo.

Comecei a entender e perceber os processos de construção, de fabricação dos conceitos, das representações, das identidades, dos paradigmas, das relações de poder que

estão entremeadas na vida de todos nós. Por trás de um sujeito há uma história complexa que perpassa a educação dentro e fora da escola. Como fomos criados? Como fomos produzidos na nossa formação, enquanto indivíduos e cidadãos? Estas e outras perguntas começaram a ter repercussões para mim, enquanto pesquisadora, em todo o quadro de saúde, pois não se consegue compartimentar o que acontece ao longo da vida da pessoa. Tudo tem um efeito, uma consequência, uma afetação a curto, médio ou longo prazo, e a saúde é diretamente comprometida neste processo de inter-relações sociais.

Utilizando as palavras de Bogdan e Biklen (1994, p. 53), começo a compreender que o nosso ponto de vista “depende do ponto em que nos encontramos, da nossa perspectiva”. Desta forma, não poderia deixar de fora desse processo as experiências que vivi nos dois lados, aquilo que foi a mola propulsora para o caminho que escolhi seguir em relação à fisioterapia e, posteriormente, aos idosos.

Entendo que tudo na vida tem um propósito e um tempo certo. Além disso, quando me disponho a fazer ou participar de algo, me abro muito aos ensinamentos que estão por vir, mesmo que me isso doa (pedra de rio). Neste caso, me doeu muito perceber as máscaras que eu tinha e que eu assumi, tendo ou não consciência disso, as pessoas envolvidas que também foram produzidas desta forma e o meio em que fui criada e que agora eu crio.

Não ficamos de fora e nem por fora do que já foi dito e escrito em todas as perspectivas teóricas sobre o objeto de pesquisa. Participamos da tradição do nosso objeto porque necessitamos saber o que já foi produzido, para analisar, interrogar, problematizar e encontrar outros caminhos. Necessitamos interrogar o legado deixado por outros que nos antecederam e nos deixaram seus ditos e escritos. (PARAÍSO, 2012, p. 35).

Hoje entendo por que estou neste Mestrado em Educação, discutindo questões que vão além do processo tradicional de formação educacional (aquilo que eu tinha em mente), trabalhando com a terceira idade e estudando questões interculturais. O mundo é multicultural, plural e não singular. Meus pacientes e alunos do programa da UMI também são multiculturais e com a identidade em construção. Os docentes e discentes com os quais me relaciono também compreendem e fazem parte desse contexto cultural diferenciado. Entender um pouco mais deste universo complexo e heterogêneo me dará mais perspectivas para trabalhar melhor minhas aptidões e contribuições no campo da saúde e em todas as outras relações interpessoais em que estou inserida socialmente.

Como nos diz Paraíso (2012), o legado deixado pelos outros nos seus ditos e escritos deve gerar reflexão, assim como a nossa própria trajetória, a fim de criar uma visão híbrida, autêntica, singular em busca de outras respostas, outras soluções, outros caminhos que o nosso objeto nos provoca. Ou seja, não se pode sair ilesa da pesquisa, passando por desertos insólitos, miragens tortuosas e oásis reconfortantes. Me encontro a caminho, aprendendo com a educação, com o outro, com a pesquisa, como num espelho em que encontro minhas próprias realidades, reconstruindo verdades e representações.

Estamos falando aqui do trabalho do pesquisador como aquele que transforma, em primeiro lugar, a si mesmo: aquele que, como o filósofo, é chamado a ultrapassar não só o senso comum, ordinário ou acadêmico, mas a ultrapassar a si mesmo, a seu próprio pensamento. (FISCHER, 2005, p. 58).

1.4 Os procedimentos metodológicos

Trata-se de caminhos a percorrer, de percursos a trilhar, de trajetos a realizar, de formas que sempre têm por base um conteúdo, uma perspectiva ou uma teoria. [A metodologia] pode se referir a formas mais ou menos rígidas de proceder ao realizar uma pesquisa, mas sempre se refere a um como fazer. Uma metodologia de pesquisa é pedagógica, portanto, porque se trata de uma condução: como conduzo ou conduzimos nossa pesquisa. (MEYER e PARAÍSO, 2012, p. 15).

A presente pesquisa percorre caminhos pela abordagem qualitativa com caráter investigativo; tem como procedimento metodológico a utilização de entrevistas, observações, histórias de vida por meio de material de apoio (cf. Agenda do Idoso, Anexo III e análise documental).

Com base nessa estratégia metodológica, a pesquisa foi se desenrolando com a interação dos participantes da UMI/UCDB, com o levantamento e a análise dos dados de suas fichas cadastrais, que trazem alguns itens relacionados aos aspectos socioeconômicos e culturais, além da entrevista com a ex-coordenadora da UMI, o que possibilitou uma melhor compreensão das transformações do programa, desde sua implantação até os dias atuais.

Para tanto, foi realizado um amplo levantamento do referencial bibliográfico relacionado à gerontologia, a identidade e diferença, a legislações, assim como de artigos científicos, dissertações e teses relacionados ao lugar do idoso na sociedade. Para melhor

fundamentar o significado do idoso no âmbito de suas contribuições empíricas ao meio em que está inserido, contribuindo para a “ecologia dos saberes”, explica (SANTOS, 2007):

É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. (p.24)

A fim de promover o interconhecimento descrito pelo autor, a pesquisa foi realizada na UCDB, no Programa Universidade da Melhor Idade/UMI. A UMI é um programa voltado ao público idoso (essencialmente heterogêneo) que oferece atividades diversificadas relacionadas à saúde geral, ao aprimoramento dos conhecimentos e ao convívio social no espaço acadêmico e nos eventos em que são representados ou representam a UMI/UCDB. Neste sentido, de acordo com Gusmão (2003), a escola é um espaço sociocultural por excelência, que vai além da socialização, sendo assim considerada um espaço de sociabilidades. Ou seja, a UMI/UCDB pode ser considerada um espaço favorável para a vivência destas sociabilidades entre os idosos e tantos outros que circulam nestes espaços.

A fim de conhecer e ter mais informações sobre os participantes da UMI, foi realizado um levantamento das matrículas no período de 2018 a 2019, o qual mostrou aspectos demográficos de todos os inscritos no programa. Esse levantamento me auxiliou no acesso às questões básicas, desde a identificação até os dados sociais, culturais e econômicos do contexto em que vivem, tais como: naturalidade, idade, gênero, profissão, renda, opção religiosa e escolaridade.

A cultura, sob a ótica dos Estudos Culturais, é entendida como

[...] um campo de produção de significados, no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla [...] (SILVA, 2007, p. 133).

Assim, o que significa ser idoso, hoje, para os idosos da UMI/UCDB foi uma questão que atravessou toda a pesquisa, de diferentes formas e em diferentes contextos e percepções. É importante ressaltar que toda a metodologia foi pensada a fim de oportunizar a observação da cultura dos idosos da UMI/UCDB de alguma forma, respeitando ao máximo a subjetividade e o significado de sua identidade.

De acordo com Candau (2008), “não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa” (p.13). Esta observação converge com o raciocínio de Oliveira (2013):

[...] a reflexão em torno da pesquisa educacional, em nosso entender, pressupõe também chegar à alteridade, chegar ao “outro” de forma descentrada, percebendo como este universo simbólico se constitui, se constrói e se dinamiza. (p.274)

A opção metodológica de trazer recortes das histórias de vida dos idosos da UMI/UCDB foi pensada como forma de expressar fragmentos refletores de situações que afetaram, significaram ou representaram algo importante na construção de seus valores, na sua identidade e na construção do processo do envelhecimento.

Segundo Warschauer (2004, p. 09) o caminho proposto pela “Metodologia das Histórias de Vida” é a narrativa, pois possibilita o estudo sobre a vida das pessoas e a exposição da sua singularidade diante do universal. Desta maneira, os procedimentos metodológicos possibilitam uma articulação entre espaço e tempo, compreendendo a dinâmica das relações existenciais em busca de uma sabedoria de vida.

A vida é o lugar da educação, e a história de vida o terreno no qual se constrói a formação (DOMINICÉ, 2010). Desta forma, quando escreve sua narrativa sob o seu ponto de vista, o sujeito expõe a sua singularidade diante do universal e pode “transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir”. (JOSSO, 2004, p. 9)

A vida é o lugar da educação e a história de vida o terreno no qual se constrói a formação. Por isso, a prática da educação define o espaço de toda a reflexão teórica. O trabalho do investigador e dos participantes num grupo biográfico não é da mesma natureza, na medida em que ele possui mais instrumentos de análise uma maior experiência de investigação. Mas trata-se do mesmo objeto de trabalho. Dito de outro modo, o saber sobre a formação provém da própria reflexão daqueles que se formam. É possível especular sobre a formação e propor orientações teóricas ou fórmulas pedagógicas que não estão em relação com os contextos organizacionais ou pessoais. No entanto, a análise dos processos de formação, entendidos numa perspectiva de aprendizagem e de mudança, não se pode fazer sem uma referência explícita ao modo como um adulto viveu as situações. (PIERRE DOMINICÉ, 2010, p. 24)

Todas estas reflexões mostram que a história de vida faz com que o sujeito entenda melhor os sentidos e significados de sua vida, considerando sua trajetória, experiências formadoras, grupos de convívio, comportamentos, valores, contextos, transformando ou refazendo suas percepções acerca do que lhe aconteceu e o construiu.

Desta forma, apresento alguns fragmentos das histórias de vida dos sujeitos desta pesquisa e seus atravessamentos, os quais serão identificados com nomes fictícios referentes a pedras preciosas, uma singela e simbólica homenagem que lhes dedico, cumprindo desta forma o compromisso que fiz com os idosos de não expor seus nomes.

Também foi realizada uma entrevista em 13 de setembro de 2019 na casa da Profa. Me. Leiner Maura Vieira de Mello, coordenadora do programa por 20 anos e que participou da UMI desde quando se tratava de um projeto de Mestrado. Nesta ocasião, sua fala abordou o caminho que a UMI percorreu e os exemplos que precederam e promoveram a sua implantação, assim como o seu desenvolvimento dentro do campus universitário da UCDB, as experiências de um projeto pedagógico diferenciado, as motivações e significados que levam os idosos a frequentar a UMI e sua importância dentro e fora do espaço acadêmico.

Paraíso e Meyer (2012, p. 76) consideram que “as entrevistas passaram a se constituir em um importante instrumento de investigação, utilizadas na busca por informações ou sujeitos/informantes específicos”.

A entrevista como uma técnica de pesquisa em que o pesquisador se apresenta em frente ao pesquisado e lhe formula perguntas com o objetivo de obter certas informações referentes à pesquisa em curso. A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas nas ciências sociais e muitos a consideram a técnica por excelência da investigação social. (p.18)

Sobre o material de apoio, uma breve contextualização se faz necessária para melhor compreensão do seu desenvolvimento. De acordo com Klein e Damico (2014, p. 74), “entrar no campo significa deixar-nos envolver por ele, uma vez que o que ali acontece não está pronto, tampouco é algo dado *a priori*”; esse entrar no campo transformou-se numa bricolagem, que, em outras palavras, pode ser compreendida como:

Precisamos sair do conforto das metodologias prontas. É o fazer ciência, o criar, o construir ciência que definirá a “composição” (a bricolagem) metodológica. É na construção do campo de pesquisa que se define a elaboração (in loco) das metodologias (a composição inteligente das mesmas) e não o inverso. Não é a ciência que deve andar a reboque (servilmente) da metodologia e sim o contrário. (BORBA, 1998, p. 17).

Como professora na UMI/UCDB e terapeuta clínica, venho observando, aprendendo e buscando compreender formas de viabilizar uma melhor integração/interface entre os idosos e as pessoas do seu entorno, sejam estas os familiares, parentes, amigos ou a equipe multiprofissional.

[...] toda docência implica pesquisa e toda pesquisa implica docência. Não há docência verdadeira em cujo processo não se encontre a pesquisa como pergunta, como indagação, como curiosidade, criatividade. (FREIRE, 1999, p. 192).

Esta inquietação surgiu a partir de alguns olhares que lancei sobre o ambiente em que os idosos circulam, seja no espaço acadêmico, no ambiente familiar ou clínico. Estes dois últimos me chamaram a atenção pela dificuldade de comunicação, registros e acompanhamento das mudanças ocorridas no processo de reabilitação, o que gera dispersão do histórico clínico, além de confusão e até invisibilidade dos resultados alcançados pelo paciente e por quem o cerca.

Por outro lado, no espaço acadêmico pude observar, especialmente no bloco da coordenação da UMI, onde há um *hall* de circulação grande e aberto, como uma praça que convida à circularidade dos saberes (BEAUVOIR, 1976), como se portavam os idosos juntamente com todos que transitam ali: jovens alunos da graduação, professores em geral, colaboradores da instituição, etc.

Por diversas vezes, observei que os idosos se aglomeravam entre os bancos, num canto específico, esperando suas aulas começar. Eles conversavam entre si, olhavam todo aquele movimento, cumprimentavam os professores que chegavam, sem nenhum tipo de integração com os outros. Ou seja, os jovens só conversavam com os jovens, e os idosos só conversavam entre si. Enquanto este cenário se formava, percebi muitos olhares de estranhamento dos jovens para os idosos, e certo constrangimento destes com esta situação. Com o passar do tempo, foi como se os idosos nem estivessem ali, como se fossem invisíveis ou como se ali não fosse o lugar deles.

Durante as conversas com alguns idosos, sutilmente perguntava como eles se sentiam naquele ambiente cheio de jovens, se tinham amizade ou qualquer outra interação corriqueira. Alguns relataram que se relacionavam com os jovens acadêmicos no ônibus, se cumprimentavam pelo corredor, falavam alguma coisa na fila da cantina; na verdade, apenas superficialidades.

Pude perceber uma maior aproximação dos acadêmicos com os idosos apenas quando estes desenvolviam alguma pesquisa na UMI, e a partir daí, de acordo com a empatia, criavam um vínculo mais afetivo e de admiração. Ouvi de muitos estudantes que, a partir do contato com os idosos através de suas pesquisas, começaram a interagir mais com eles e

valorizá-los ali dentro da UCDB; fato é que, até então, não compreendiam o que eles estavam fazendo ali.

Ou seja, o grupo da UMI foi aumentando muito com o tempo e, com isto, sua heterogeneidade. Ao mesmo tempo, os coordenadores de curso foram motivados a desenvolver pesquisas com este público. Assim, os idosos ficaram cada vez mais presentes em eventos dentro do espaço universitário, tais como programas de rádio e televisão, eventos científicos da UCDB, jornal e revista, festas comemorativas, culto religioso e apresentações culturais, o que favoreceu muito a visibilidade da UMI na UCDB.

Porém, todas estas ações ainda pareciam insuficientes para despertar o interesse por verificar quem são os idosos que transitam na UMI, o que denota um abismo cultural ainda desafiador dentro do ambiente universitário, em que, muitas vezes, o idoso pode ser apenas tolerado ou até mesmo subjugado. Existem como que mundos paralelos que não se cruzam, não dialogam e não se conhecem.

Estas percepções me motivaram a buscar formas de fortalecer a identidade dos idosos, fazendo-os perceber seu valor, lugar e papel na sociedade através das aulas que eu ministrava; inclusive, todo o corpo docente da UMI sempre trabalhou neste sentido, proporcionando um ambiente de dignidade e de construção do sujeito idoso autônomo e independente.

No meu caso, nas aulas de Atualidades em Saúde e Hidroterapia, trabalhava a importância do auto-cuidado na construção da saúde e da qualidade de vida, em que eles eram os protagonistas. Desta forma, a saúde, que é formada por fatores físicos, mentais e sociais, é contemplada e assumida por cada um, dentro de suas possibilidades.

Ao construirmos nossas metodologias traçamos, nós mesmos/as, nossa trajetória de pesquisa buscando inspiração em diferentes textos, autores/as, linguagens, materiais, artefatos. Estabelecemos nossos objetos, construímos nossas interrogações, definimos nossos procedimentos, articulamos teorias e conceitos. Inventamos modos de pesquisar a partir do nosso objeto de estudo e do problema de pesquisa que formulamos. (PARAÍSO, 2012, p. 33).

E foi justamente nesta brecha que criei uma agenda para informações e registros do estado de saúde geral do idoso, que seria de grande valia para ele próprio, seus familiares, cuidadores e a equipe multiprofissional. A Agenda do Idoso foi um material que desenvolvi de acordo com a práxis no atendimento ao idoso, quando percebi a necessidade de um instrumento que reunisse a descrição do estado de saúde atual do idoso (seus dados gerais

para situações de emergência e acompanhamento da equipe multidisciplinar, familiares e cuidadores); o resgate de suas memórias e história de vida, suas percepções e identidade, além de informações adicionais relativas aos cuidados e prevenção para o processo do envelhecimento bem-sucedido.

Ao adentrar no universo simbólico do outro, nós nos lançamos numa atividade perigosa, em que nos arriscamos. A subjetividade é um risco, inegavelmente, mas também é um meio. É por meio dela que abrimos novas possibilidades e nos abrimos para elas. Subjetividades não só nossas, mas também as do “outro”, daquele que é o nosso objeto de investigação(...) ao mesmo tempo que, o processo interpretativo pressupõe a capacidade de adentrar em outras subjetividades, o que não implica, necessariamente a existência de capacidades extraordinárias por parte do pesquisador (OLIVEIRA, 2013, p. 277)

Esta agenda foi oferecida aos idosos da aula de Atualidades em Saúde e eles tiveram o período de férias para produzir o material, que entregaram no retorno dos semestres de 2019. Também cabe dizer que, embora a agenda pudesse ter sido oferecida a todos os participantes do programa, considere, junto com a coordenação, que não teria como ocupar o tempo de outras aulas para explicar o objetivo de seu uso, e assim haveria mais dispersão e dificuldade de coletar o material em tempo hábil.

Desta forma, a agenda foi oferecida aos participantes apenas desta disciplina, e aqueles que quisessem contribuir com esta pesquisa me entregariam uma cópia de algumas questões específicas relacionadas à história de vida, ocasião em que havia as seguintes motivações: fui criado(a) assim...; como me vejo hoje...; fatos marcantes de minha vida...; a vida me ensinou...; o significado da UMI para mim...

Ressalto que esta pesquisa foi realizada por livre opção e consentimento dos participantes, tanto que muitos não entregaram o material mediante este convite; por este motivo, não foi encaminhado para a Comissão de Ética.

Há, portanto, uma diferença central das pesquisas sociais em relação às pesquisas clínicas [...]. Na pesquisa social empírica, entretanto, a profundidade da relação que o investigador estabelece com seus interlocutores constitui uma condição sine qua non do êxito de seu trabalho. Neste caso podemos afirmar que o respeito do autor é uma questão de ética, mas também de metodologia, e faz parte da natureza do estudo. (GUERREIRO; MINAYO, 2013, p. 771).

Pude presenciar, quando da devolução deste material, o contentamento dos participantes ao escrever sobre sua história pessoal e familiar, o que oportunizou diálogos, reencontros, novidades, curiosidades até então desconhecidas. Um dos itens que mais

comentaram ter impacto foi a árvore genealógica. Apesar de nem todos entregarem o material, alguns vieram me agradecer pela oportunidade de registrar estes dados e fatos que achavam que não tinham mais importância, que faziam parte apenas do passado. Aparentemente, não tinham atentado para a conexão de suas histórias, vínculos, contextos, pessoas, etc. e, mais do que isso, à valorização de tudo o que lhes acontecera na construção da identidade e da realidade que vivem hoje.

Este instrumento foi algo inédito para eles e para mim, haja vista o encantamento que o material provocou nas relações familiares e nos outros contextos sociais em que estão inseridos. Pude perceber que, ao rever suas histórias de vida, houve uma releitura, uma contextualização com o seu momento de vida atual, uma valorização das pessoas e acontecimentos que construíram suas identidades, cultura e saberes, além da resignificação do processo do envelhecimento, por meio de uma prática pedagógica capaz de “produzir ou transformar a experiência que as pessoas têm de si mesmas” (LARROSA, 1994, p. 36). Segundo o autor, a pedagogia é uma ferramenta de transformação das pessoas, pelo seu caráter constitutivo que perpassa as subjetividades e produz os sujeitos.

O caráter constitutivo que faz da pedagogia uma das tecnologias mais produtivas na regulação de sujeitos, uma prática cultural dirigida à modificação dos modos de ser sujeito, um espaço de construção que atua “produzindo formas de experiência de si nas quais os indivíduos podem se tornar sujeitos de um modo particular” (p. 57).

Por isso, como já se mencionou anteriormente, a Agenda do Idoso pode ser percebida como uma bricolagem, ou seja, um material inventado, criado por pessoas não especializadas ou técnicas, a fim de viabilizar, investigar ou materializar aquilo a que se propõe esta pesquisa, acerca das percepções do idoso sobre sua identidade, através de recortes de sua história de vida, reforçando sua subjetividade e modos de existir:

À medida que mergulha nas intensidades do platô pesquisado, o corpo do pesquisador torna-se seu instrumento técnico, pois se utiliza de alguns conceitos – teoria – a fim de operacionalizá-los em seus encontros-análises. Dessa forma, os procedimentos e os métodos e as próprias questões de partida, adotados para realização da pesquisa, estão ligados à criação de elos, links, conexões entre o objeto pesquisado e o próprio pesquisador (FONSECA; MARASCHIN, 2012, p. 40)

Ainda diante desse contexto, compreendo que o que é possível realizar é sempre uma análise parcial, incompleta, distante de ideais totalizantes. Não se

(...) têm por objetivo fundar uma ciência, construir uma teoria ou se constituir como sistema; o programa que elas formulam é o de realizar análises fragmentárias e transformáveis (MACHADO, 1979, p. 11).

A Agenda do Idoso foi um instrumento que criou a conexão entre os sujeitos e a pesquisadora, pois possibilitou que os idosos interagissem na construção das questões norteadoras desta pesquisa, favorecendo análises “fragmentárias e transformáveis” ou, como diria Bauman (2001), líquidas.

Porém, a fim de preservar a imparcialidade da pesquisa pelo olhar da pesquisadora, Velho (2003) esclarece que é preciso ter certo estranhamento diante de uma realidade familiar, pois nem tudo que é familiar é conhecido, respeitando assim sua condição social e cultural, que é dinâmica.

Neste sentido, foi um grande exercício me distanciar das minhas percepções e olhares que inicialmente me sustentaram, para deixar o campo responder no desenvolvimento da pesquisa, o que trouxe muitas revelações surpreendentes acerca do processo do envelhecimento, como um caleidoscópio de vidas coloridas, em vários matizes e horizontes com seus mais diferentes contornos, considerando os vários lugares que formam o ser humano, inclusive o espaço universitário, em que

(...) outras tantas cores podem ser vistas e apreciadas: processos mais particulares e contingentes das diversas culturas presentes no cotidiano da escola, nas interações e nas redes de sociabilidade que ali são trançadas. E que, multicoloridas, carregam tons e variações de outros tempos e lugares ou de bricolagem desses outros tempos e lugares, oferecendo outras tessituras que traduzem as experiências dos diferentes sujeitos e participantes das dinâmicas educacionais na escola (ROCHA; TOSTA, 2008, p. 131).

O espaço plural, multifacetado, colorido sugerido pelo autor, em que se movem idosos completamente heterogêneos em suas histórias e identidades, é terreno fértil para muitas possibilidades de novas pedagogias e formas de entender o processo de educação, a partir da “escuta, registro, envolvimento e sensibilidade” (KLEIN; DAMICO, 2014, p. 74) que o campo sugere.

Por fim, Barbero (2014, p. 10), nos convida a pensar que estamos passando de uma “sociedade com sistema educativo para uma sociedade educativa [...] cuja rede educativa atravessa tudo”. Neste sentido, o autor refere-se ao trabalho, ao ócio, ao lar, à juventude e à velhice.

Toda esta metodologia proposta foi balizada nos diferentes enfoques que o campo da pesquisa sugeria, desde o levantamento de registros até a entrevista com uma personalidade chave na construção do Programa UMI, assim como a produção de material de apoio

específico para produzir as histórias de vida e identidade do idoso a partir do seu próprio ponto de vista.

Para tanto, precisamos buscar melhor compreender quem é o idoso hoje em nossa sociedade, para que as reflexões e ações possam ir ao encontro de seus anseios, de suas necessidades, considerando sua heterogeneidade e complexidade epistemológica; como diria Veiga-Neto (2007, p. 31),

[...] o que importa não é saber se existe ou não uma realidade real, mas sim, saber como se pensa essa realidade (...) O que se pensa é instituído pelo discurso que, longe de informar uma verdade sobre a realidade ou colocar essa realidade em toda a sua espessura, o máximo que pode fazer é colocá-la com uma re-presença, ou seja, representá-la.

Portanto, esta pesquisa traz caminhos e olhares que não desconsideram outros, mas que, em seu conjunto, traçam possibilidades de análises sobre as questões que atravessam o processo do envelhecimento, sob o ponto de vista do idoso, com respaldo teórico, documental e o questionamento das realidades que constituem, constroem e representam suas identidades.

CAPÍTULO 2 – O IDOSO NA SOCIEDADE: SITUANDO O CENÁRIO

Neste capítulo, serão tratados aspectos relacionados à construção histórica da velhice em diversos momentos da sociedade, considerando seus diferentes contextos e percepções também na atualidade. Apresentaremos dados demográficos, conceitos e

tendências como base para maior compreensão das demandas que dizem respeito à população idosa, inclusive o desenvolvimento de legislaturas e políticas públicas.

2.1 Aspectos demográficos da população idosa: apresentação do contexto

A população idosa tem despertado a atenção de vários campos do conhecimento devido ao crescimento demográfico e às implicações decorrentes deste fato. No campo da Educação não tem sido diferente; apesar de numa forma ainda tímida, estudos têm sido produzidos nos últimos anos, tendo como foco esse segmento populacional.

Para melhor compreender quem é o idoso na sociedade atual, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) considera a pessoa como sendo idosa aquela acima de 60 anos em países em desenvolvimento, enquanto nos países desenvolvidos se considera a faixa etária a partir de 65 anos.

No rastro dessa discussão, é possível observar que esta diferença de idade em relação ao nível de desenvolvimento econômico entre os países se deve basicamente ao índice de qualidade de vida, determinado pelas condições de trabalho, assistência à saúde, infraestrutura e segurança pública. Focando o assunto a partir de outros olhares, entendo que o envelhecimento em idade diferenciada da população em países em desenvolvimento se deve às dificuldades inerentes às condições sociais e econômicas que a população idosa tem ao longo da vida.

Os efeitos das condições sociais e econômicas vividas por essa população derivam de uma colonialidade que se mantém viva e tem nos sinalizado cotidianamente um padrão de relações que emerge da colonização europeia do novo mundo, e se constitui como modelo de poder moderno e permanente (WALSH, 2009; CASTRO-GÓMEZ, 2007; CANDAU, 2009).

Por outro lado, é possível visualizar que, devido a essas condições, a identidade dos idosos está em constante movimento (BAUMAN, 2005). Assim, amparada nos estudos de Woodward (2000), entendo que, a partir dessas influências, seja possível perceber uma produção de novas identidades com outro estilo de vida, diferente daquela vivida em anos anteriores.

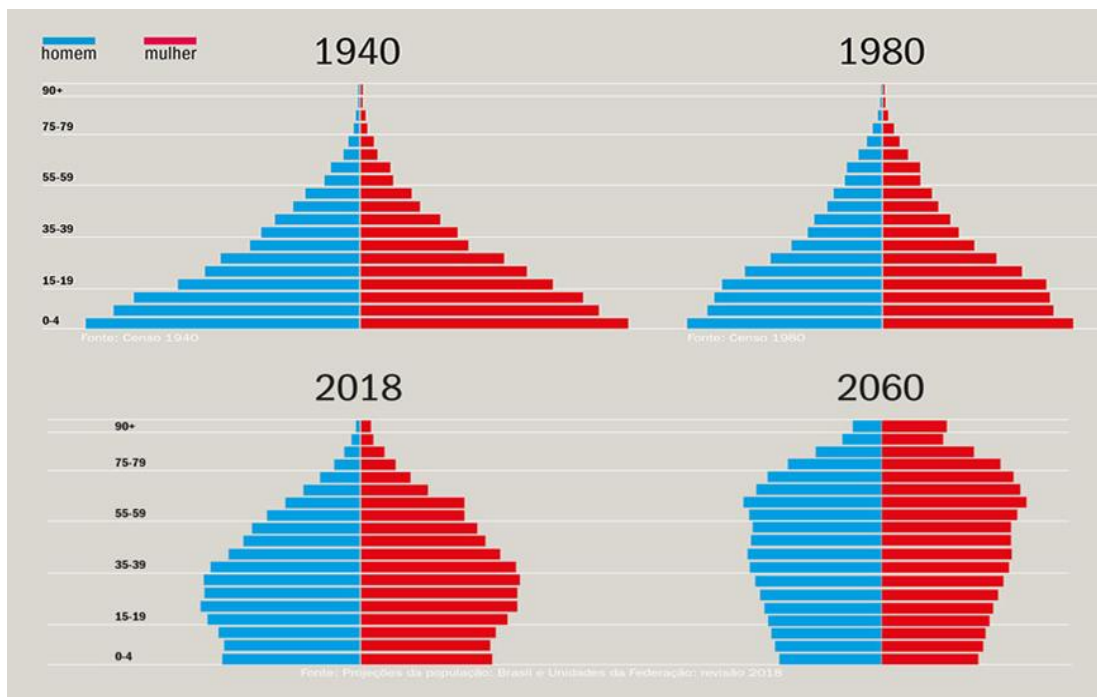
Retomando os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), é considerado envelhecido um país quando 14% da sua população têm mais de 65 anos. No Brasil, levará um pouco mais de uma década para o país ser considerado velho, ou seja, há uma projeção para 2032 de 32,5 milhões de idosos, num total de 226 milhões de brasileiros.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ IBGE divulgou, no ano de 2018, a Projeção de População no Brasil até 2060, considerando um aumento significativo da população idosa:

Segundo o Instituto, o crescimento populacional irá acontecer até 2047, atingindo o número de 233,2 milhões de pessoas. Nos anos seguintes o número de indivíduos começa a cair gradualmente. Quando o assunto são os idosos no País, estima-se que até 2060 o número chegará a 58,2 milhões, o que representará 25,5% da população total. Atualmente são 19,2 milhões de pessoas com 65 anos ou mais. (IBGE, 2018, s/d)

De acordo com os resultados acima descritos, tanto pela OMS quanto pelo IBGE, ilustrarei esses dados de forma mais didática, em forma de gráfico, para melhor compreensão das projeções mencionadas.

GRÁFICO 1 - Proporção da população brasileira até o ano de 2060



FONTE: IBGE (2018)¹

Os dados sinalizados no gráfico acima situam a realidade da população brasileira, na qual a proporção de natalidade, tal como a de mortalidade, vem diminuindo, o que significa que estão nascendo menos brasileiros, ao mesmo tempo em que estes estão vivendo mais. Em outras palavras, temos um aumento da expectativa de vida, que hoje está em 80 anos para mulheres e 73 para homens, e uma queda da taxa de fecundidade.

Barreto (1992) e Palma (2000) explicam que essa transição demográfica se deve não apenas aos avanços tecnológicos na área de saúde, os quais implicam um aumento da expectativa de vida, mas, principalmente, da redução na taxa de fecundidade, que atualmente representa um percentual de 1,77 filho para cada mulher, e que deverá cair para 1,66 em 2060. Além disso, outra justificativa pode estar relacionada à idade média em que as mulheres têm filhos: atualmente é de 27,2 anos, e chegará a 28,8 anos em 2060 (IBGE, 2018).

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao>

¹ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>

No estado de Mato Grosso do Sul, região em que a pesquisa está em desenvolvimento,

A população estimada em 2018 foi de 2.748.023 pessoas. Mais da metade (1.885.888) está na idade produtiva, que vai dos 15 aos 64, segundo o IBGE. Essa parcela potencialmente ativa profissionalmente deve crescer até chegar aos 2.138.529 em 2044, quando começa a cair, alcançando 2.085.112 em 2060. Os cidadãos com 65 anos ou mais somam 228.536, o que corresponde a 1/12 do total de sul-mato-grossenses em 2018. Esse número não deve apresentar retrações e crescerá até a marca de 779.365 em 2060 (IBGE, 2018)².

No município de Campo Grande,

a população total estimada em 2018, correspondeu a 885.711 pessoas. Desse contingente populacional os idosos somam 98 mil pessoas, representando mais de 11% da população total do município (IBGE, 2018)³.

Observando as análises acima, algumas classificações chamam muito a atenção, especialmente quando se considera o indivíduo na “idade produtiva” e “idade potencialmente ativa” até uma determinada faixa etária. A impressão que passa corresponde ao fato de a produtividade da pessoa estar relacionada ao aspecto econômico apenas até o momento da aposentadoria. Esta ideia desconsidera as outras potencialidades do indivíduo, gera marginalização e reforça a mentalidade pejorativa que vê o idoso como descartável e inútil. Diante desta situação, podemos considerar este enquadramento como limitado, ofensivo e agressivo, pois não respeita o processo do envelhecimento da pessoa e traz reflexos e afetamentos diretos e indiretos nas relações humanas, criando fragilidade, insegurança e liquidez. (BAUMAN, 2004).

Boaretto e Heimann (2003) compreendem que esta exclusão renunciada acima se deve ao enquadramento do envelhecimento como uma categoria social, o que significa dizer que, conforme a categoria criada pela sociedade moderna, o indivíduo que nela se encontra está sujeito aos efeitos que este *status* lhe confere, estejam eles dentro ou fora dos padrões idealizados de poder, de valor e, por que não dizer, da importância social culturalmente imposta ou aceita pelo senso comum.

Singer (1981) explica que os indivíduos se tornariam velhos ao passar de um grupo ativo para um grupo que, em tese, não tem mais função social, isto é, sujeitos com

² Para maiores informações, consultar <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/campo-grande>

³ Idem ibidem.

aposentadoria obrigatória. A explicação de Singer coloca em *tabula rasa* a função social atrelada ao valor econômico, sendo que o indivíduo que trabalha vale mais que o indivíduo aposentado, como se o indivíduo aposentado perdesse o *status* antes conferido pelo trabalho remunerado. Em outras palavras, sugere-se que o indivíduo tem valor pelo que produz economicamente, sem considerar outras produções que não são recompensadas financeiramente. Este cenário é no mínimo desumanizador, ao colocar os seres humanos numa lógica operacional apenas, livre de outros significados que constituem a própria natureza humana como sua subjetividade.

Apoiada nos estudos de Vieira (2015) e Silva (2011), e ainda analisando a situação acima mencionada, observo o quanto as identidades são representadas de acordo com os discursos, o que assinala as formas de inscrição pelas quais o Outro é representado. Ainda, segundo Vieira (2015),

[...] a construção da identidade não se dá de maneira harmoniosa, suave e equilibrada; ao contrário, é fabricada em meio às tensões e aos conflitos que emergem do processo de representação, das relações de poder, inclusão e exclusão (p. 63).

Aliás, cabe aqui pontuar algumas teorias que tratam especificamente do envelhecimento no campo sociológico, a fim de justificar suas possíveis influências e repercussões no senso comum. São elas: a teoria da atividade, a teoria do desengajamento e a teoria da modernização. Segundo Doll (2007, p. 21), estas teorias

[...] fazem parte de um grupo de “grandes teorias”, as quais buscam explicar, de forma geral, a relação entre pessoas idosas, envelhecimento e sociedade. Enquanto as duas primeiras teorias focalizam mais no comportamento das pessoas idosas, na sua inserção na sociedade e no seu bem estar, a teoria da modernização trabalha com a imagem e o status social dos idosos nas diferentes sociedades.

Contudo, é importante considerar outros aspectos neste momento, como a heterogeneidade da população idosa, em que, num intervalo de 30 anos, há vários níveis de condições de envelhecimento, baseados na idade e no nível de independência funcional dos idosos. Motta (2004) sugere que a velhice deva ser pensada no plural, não só pela constatação da pluralidade de formas de envelhecer dentro do mesmo grupo etário, mas porque há vários grupos etários dentro desta única denominação genérica de velhice.

Porém, Neri e Debert (1999) preocupam-se tanto com a uniformização abrangente da categoria velhice quanto com muitos recortes desta categoria:

[...] a definição de estágios na velhice poderia transformar o quadro excessivamente pulverizador que os estudos sobre classe social, etnicidade e arranjos de moradia oferecem, e, ao mesmo tempo, propiciar instrumentos de comparação mais seguros. Ainda, ao apontar os diferentes estágios do envelhecimento, chama-se atenção para os resultados das projeções no que diz respeito ao crescimento da população idosa e a redes de parentesco e família. Na população idosa, é, sobretudo, o grupo com 85 anos ou mais que terá um crescimento maior nas próximas décadas. (NERI; DEBERT, 1999, p. 62).

As autoras defendem a heterogeneidade e a complexidade da velhice, sem que isto pulverize o entendimento e o enfrentamento necessários para tratar as questões concernentes aos idosos; neste caso, há a preocupação com a fragilidade que pode acometer os muito idosos (acima de 85 anos), e suas repercussões sociais em relação a moradia e políticas públicas voltadas para eles, além do incremento de grupos de convivência e programas assistenciais.

A partir destas considerações teóricas iniciais, podemos observar a importância de maiores reflexões no campo do envelhecimento humano, já que a educação permeia todos os tempos e lugares. Isso nos mostra o quanto a área tem papel relevante na conscientização da sociedade a respeito das potencialidades, dos significados, dos lugares e das identidades que constituem a velhice.

Contudo, é possível dizer que políticas públicas precisarão ser implementadas; os produtos e serviços terão de ser especializados, assim como a qualificação dos profissionais e os processos de educação deverão ser revistos para melhor atender e entender esta população. Outros aspectos, como sustentabilidade econômica, incremento de ambientes relacionais, engenharias e tecnologias, desenvolvimento dos tratamentos médicos e rede de atendimento à saúde em geral, formam uma rede diversificada e diferenciada na atenção ao processo do envelhecimento. E, mais do que tudo isso, faz-se necessária a promoção de uma cultura de valorização do ser humano em processo de envelhecimento.

Por esta razão, e tantas outras que poderiam derivar destas análises, entendo que se faz necessária a implementação de políticas públicas e de um aparato jurídico que respaldem os direitos e garantias que esta população requer. Neste sentido, procuro pontuar o cenário a seguir.

2.2 Direitos dos idosos: breves apontamentos

Para que os idosos de hoje e do futuro tenham qualidade de vida, é preciso garantir os seus direitos fundamentais em qualquer questão que lhes diga respeito, como: direito à vida, à liberdade, ao respeito e à dignidade; saúde; alimentação; educação, cultura e esporte; profissionalização e trabalho; previdência social; assistência social; habitação e transporte. Além dos direitos fundamentais, também existem especificações jurídicas relativas tanto a punições sofridas quanto à proteção desta população.

Alonso (2005) pontua que o direito dos idosos tem o papel de combater a desvalorização destes, como consequência do capitalismo; esse direito deve garantir proteção, resgatar a cidadania e dignidade desta população, a partir da efetivação das normas existentes. Segundo o autor:

O Direito dos Idosos surge como uma alternativa para compensar ou, pelo menos, minimizar os danos causados por uma organização sócio-econômica que não valoriza o que nós somos, mas aquilo que nós produzimos. E se não produzimos não somos nada, praticamente não participamos da vida social. (ALONSO, 2005, p. 33)

No Brasil, a legislação em relação à atenção ao idoso passou por muitas transformações. As Constituições anteriores à de 1988, tais como aquelas de 1937, 1947 e 1969, apenas mencionavam o termo *idoso* e a previsão de aposentadoria assegurada com o avanço da idade. Assim, a Carta Magna de 1988 foi um marco importante, pois, ao trazer princípios norteadores como o da dignidade humana, trouxe embutida a ideia do respeito a todos sem distinção, sinalizando um grande avanço em relação às Constituições anteriores.

Para melhor compreender esse cenário, apresento uma breve comparação histórica entre as Constituições Brasileiras que trataram dessa temática:

CF 1934: Foi essa a primeira Constituição a tratar explicitamente do assunto “idoso”; determinou, no artigo 121, § 1º, que a legislação do trabalho deveria garantir a assistência previdenciária ao empregador e ao empregado, a favor, inclusive, da “velhice”.

CF 1937: Não alterou a Constituição anterior, no que se refere à velhice.

CF 1946: Em seu texto constitucional não alterou a abordagem a respeito da velhice e não a encarou como relevante problemática social, nem como um direito humano fundamental das pessoas de mais idade.

CF 1967: O artigo 165, inciso XVI, dessa Constituição, repete, quanto à Previdência Social, o disposto na Constituição de 1946, com algumas modificações: deveria ser garantida a previdência social nos casos de

doença, velhice, invalidez e morte, seguro desemprego, seguro contra acidente do trabalho e proteção da maternidade.

CF 1988: A partir da promulgação da chamada “Constituição Cidadã”, de 1988, é que se pode observar a preocupação do legislador constituinte em salvaguardar a velhice e seus direitos, apontando a dignidade da pessoa humana como um dos pilares norteadores da República Federativa do Brasil, reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelos idosos em várias ordens, inclusive em sua manutenção.

Vigente até os dias atuais, a Constituição de 1988 preceitua, como um dos objetivos primários da República, o “bem de todos”, sendo a idade apontada como uma das possíveis discriminações; se não o fosse, não estaria tacitamente expressa no artigo 3º:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

De acordo com a Constituição de 1988, observo que ela:

[...] veda toda e qualquer discriminação em razão da idade, bem como assegura **especial proteção ao idoso**. Atribui à família, à sociedade e ao Estado o dever de assegurar sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar, bem como lhe garantindo o direito à vida. É determinada a adoção de políticas de amparo aos idosos, por meio de programas a serem executados, preferentemente, em seus lares. (CF, art. 230 § 1.º).

Ou seja, a Constituição Brasileira de 1988 considera o idoso dentro do desenvolvimento nacional, o que motivaria, a princípio, uma cultura de valorização do idoso em nossa sociedade. Porém, várias ações nacionais e internacionais são importantes para amparar a efetivação das políticas públicas necessárias para o fortalecimento dos direitos da pessoa idosa. Várias são as abordagens destes documentos sobre o tema⁴, levando-se em consideração as mudanças sociais, carências, necessidades, anseios e projeções que perpassam as diferentes demandas da população idosa em torno de suas diferenças e especificidades. Assim, o envelhecimento merece ser abordado por diferentes áreas do conhecimento, pois necessita de uma maior aproximação, especialmente no campo da

⁴ Cf. Anexo II.

educação; isso passa por políticas públicas para sua implementação. Os estudos sobre o envelhecimento, na área da educação, correspondem basicamente à educação continuada, ao combate do analfabetismo e à “inclusão” do idoso.

Uma sociedade para todas as idades possui metas para dar aos idosos a oportunidade de continuar contribuindo com a sociedade. Para trabalhar neste sentido é necessário remover tudo que representa exclusão e discriminação contra eles. (PLANO DE AÇÃO INTERNACIONAL SOBRE O ENVELHECIMENTO, 2002, §19)

Ou seja, uma sociedade que pretende combater a exclusão e a discriminação do idoso deve ter um planejamento de ações objetivas a este respeito. Assim, a discriminação do idoso é um grande desafio a ser enfrentado no cenário atual brasileiro em todos os aspectos, especialmente em relação à cultura, em que a velhice é estigmatizada. Este estigma está associado à ideia do mal-estar em relação ao idoso, pelo fato de este não corresponder às exigências da contemporaneidade (MOREIRA & NOGUEIRA, 2008), assim como a imagem de improdutividade e declínio, levando à sua rejeição (NERI, 2006).

Se considerarmos que a velhice é uma construção social (PERES, 2007), temos de levar em conta os valores culturais, o contexto histórico e a posição do idoso nestas sociedades. Desta forma, os estereótipos equivocados vinculados à figura do idoso tendem a ser percebidos como um problema, um ônus perante a mentalidade capitalista contemporânea (RODRIGUES, 2008). A partir destas perspectivas, podemos deduzir que os estereótipos negativos associados à velhice podem colocar em risco a sua dignidade e segurança, o que pode desencadear atitudes ofensivas e agressivas contra o idoso, configurando um cenário de fragilidade e vulnerabilidade diante de comportamentos abusivos e desequilibrados de poder. Nessa pesquisa, o estereótipo é entendido a partir dos estudos de Bhabha (2013). Em seu livro “O Local da Cultura”, o autor nos convida a compreender que o estereótipo

[...] não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação, que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (p. 130)

De acordo com Feijó e Medeiros (2011, p. 114), a violência na velhice é percebida

[...] diante de fatos atuais que denunciam casos de maus tratos a idosos, onde as marcas mais prejudiciais aos idosos não são as marcas do tempo, mas a marca da violência que eles sofrem durante essa fase da vida que provoca danos irreparáveis a sua dignidade.

Segundo Faleiros (2004), sabe-se que a maioria dos casos de violência e situação de risco contra idosos não são notificados aos órgãos responsáveis pela defesa dos direitos da pessoa idosa, o que dificulta os registros para que sejam mapeados os agressores.

Este cenário de subnotificação permite inferir que se deve, provavelmente, pelo fato da família ser o *locus* principal onde habitam atos violentos, de negligências e de abusos na velhice, de modo que há um pacto silencioso. (MEDEIROS, 2011, p. 115)

Estas considerações refletem que a violência, apesar da evolução humana, ainda é uma marca cruel de nossa sociedade contemporânea, que não deve ser naturalizada, ocultada, silenciada e minimizada, mas enfrentada, por se tratar de um fenômeno biopsicossocial complexo e dinâmico que se desenvolve na vida em sociedade. (BRUNDT-LAND, 1987; MINAYO, 2003).

Vem ao encontro desta situação de violência o Estatuto do Idoso, que inovou ao definir situações que antes, apesar de ser consideradas atos de violência contra idosos, não possuíam previsão legal como sendo crimes. Também foi determinante ao apresentar que, para tais crimes, o Ministério Público atuará como agente ativo na propositura da ação penal pública incondicionada (BRASIL, 2003, art. 95). Portanto, pensar os direitos dos idosos requer contextualizar suas necessidades, assim como promover uma conscientização social do seu papel na construção social, a partir de relações de respeito à dignidade da pessoa humana, contando com amparo legal para as garantias fundamentais.

Enfim, da mesma forma que as leis foram sendo construídas, também a posição sobre o envelhecimento foi sendo modificada em meio aos contextos históricos e sociais. De acordo com Neri (2006), sempre houve nas sociedades uma recorrente oscilação entre aceitação e rejeição, glorificação e depreciação, realismo e idealismo na caracterização da velhice, o que será tratado a seguir.

2.3 Perspectivas históricas sobre o envelhecimento

O envelhecimento humano é uma temática que, ao longo do tempo, vem sendo observada e estudada com interesse cada vez maior. Por diversos motivos, tem-se mostrado campo das mais variadas discussões e análises nos diferentes estudos a respeito do tema.

Desde a história antiga, a literatura grega mostra conflitos entre os jovens e os idosos, sendo que os deuses, quando envelheciam, se tornavam cada vez mais cruéis. Da mesma forma, outros personagens anciãos eram tidos como sendo tanto sábios quanto fracos, pois não tinham vigor físico para se defender, ficando com um papel mais honorífico do que eficaz.

Para Platão, a velhice tinha como valor o conhecimento (adquirido pela educação), o qual era considerado uma virtude e requisito para a felicidade. Este processo seria plenificado aos cinquenta anos, começando na adolescência; então o ser humano se tornaria filósofo, teria condições de governar com inteligência, pois possuiria a verdade e a felicidade.

Conforme a filosofia Platônica, durante a velhice o homem estaria autorizado a desprezar o declínio físico do indivíduo. A verdade do homem residia na sua alma imortal, que se aparenta às ideias: o corpo não passava de uma aparência ilusória. A princípio, Platão não viu na união do corpo com a alma senão um entrave; mais tarde, julgou que a alma pode explorar o corpo em seu benefício sem, no entanto, ter necessidade dele. ...Platão concluiu: 'os mais idosos devem mandar e os mais jovens, obedecer. (MEDEIROS, 2011, p. 112)

Contrariamente a esta lógica, Aristóteles acreditava que:

[...] o homem só existe por meio da união da mente e do corpo: a alma é a forma do corpo, e os males que afetam o corpo atingem o indivíduo como um todo. Era preciso que o corpo permanecesse intacto para uma velhice feliz. Aristóteles admite que o sábio é capaz de suportar com magnanimidade todas as vicissitudes. Entretanto, os bens do corpo e os bens exteriores são necessários ao bem do espírito. Estima que o homem progrida até os cinquenta anos devido ao acúmulo de experiências. Entretanto, para ele o declínio do corpo acarreta o declínio do indivíduo como um todo. (MEDEIROS, 2011, p. 112)

Beauvoir (1990) adverte que este pensamento aristotélico considera a experiência um fator de involução ao invés de progresso, afastando o poder dos idosos por ver neles indivíduos enfraquecidos. A condição do idoso e a estabilidade da sociedade são marcadas na história romana, considerando-se um radical contraste entre o destino dos idosos que pertenciam à elite e os que faziam parte da massa.

Na Idade Média a velhice era mais desprotegida, discriminada e até mesmo renegada e nem as propriedades e os bens dos velhos ficavam protegidos. A propriedade do velho não era garantida por instituições estáveis, mas merecida, e defendida pela força das armas; os velhos são relegados à sombra; o sistema repousa nos jovens, são eles que possuem a realidade do poder. (MEDEIROS, 2011, p. 113)

Na Idade Média, quando eram comuns as guerras religiosas, continuava a valorização da juventude como idade que “fornecia guerreiros”, e se estabelecia uma ideia paradoxal de velhice, período da vida em que se estaria próximo à morte, que, dentro da visão cristã, é o melhor momento para remissão dos pecados, e é valorizada por ser o caminho para a salvação da alma. (SECCO, 1999, 2002, p. 117)

Já no Renascimento, exaltam-se os ideais clássicos da estética greco-romana. A Europa volta-se para as conquistas marítimas e, novamente, o velho está fora dos padrões valorizados, que implicavam força física, entre outros atributos. Entretanto, aumenta o interesse sobre o tema da velhice, aparentemente devido ao desenvolvimento de novas tecnologias de produção de conhecimento, como a Química, Patologia, Fisiologia e a Anatomia, que, nos séculos XVII e XVIII, ampliam as discussões sobre o envelhecer, tentando separar as noções de velhice normal e velhice doente. (Velhice normal estaria relacionada com questões de produtividade do velho, e velhice doente, com a inatividade ou a incapacidade do velho para o trabalho). (LEME, 1999, p. 117)

Ou seja, apesar do tempo decorrido e dos diversos contextos, o processo de envelhecimento ainda é motivo de reflexões e discussões no desenvolvimento das ciências sociais, sendo muitas as teorias que abordam esta temática, na ânsia de responder às diferentes demandas das sociedades, desde a antiguidade até a contemporaneidade.

Neste aspecto, a perspectiva desenvolvimentista se interessa pelas mudanças biológicas e psicológicas relacionadas ao envelhecimento. Chamowicz (1987) descreve este aspecto voltado às ações de gerontólogos e geriatras, e coloca sua ênfase no processo de decrepitude física, ocasionada por fenômenos degenerativos naturais do organismo. Nesta perspectiva, os idosos aparecem como portadores de múltiplas patologias, sobre as quais os indivíduos e a sociedade devem atuar, no sentido de retardá-las.

A perspectiva institucional sublinha o *status* socioeconômico e os papéis dos idosos, e a cultural se concentra nos estereótipos e percepções dos idosos, por parte da sociedade, ao longo dos anos até hoje.

Silva (2008) explica a segmentação das idades e suas repercussões sociais:

a partir do século XIX surgem, gradativamente, diferenciações entre as idades e especializações de funções, hábitos e espaços relacionados a cada grupo etário. Tem início a segmentação do curso da vida em estágios mais formais, as transições rígidas e uniformes de um estágio a outro e a separação espacial dos vários grupos etários. Desse modo, o reconhecimento da velhice como uma etapa única é parte tanto de um processo histórico amplo – que envolve a emergência de novos estágios da vida como infância e adolescência, quanto de uma tendência contínua em direção a segregação das idades na família e no espaço social. (p.157)

Os estudos de Silva nos auxiliam na percepção socioeconômica do idoso, inclusive de aspectos de segregação que explicariam os comportamentos discriminatórios da família e da sociedade diante do idoso. Infelizmente, a marginalização do idoso é percebida em muitas situações em que ele é colocado de lado, silenciado, negligenciado e invisibilizado. O seu protagonismo social parece decair conforme seus déficits começam a surgir. Nesta fase, o ser humano parece ser considerado como descartável, obsoleto, inútil.

Siqueira (2002) define o sujeito idoso e a conexão que existe com tudo o que lhe acontece e o envolve como algo que o leva a uma circularidade. O ser idoso é, antes de tudo, um ser humano, e o envelhecimento acontece com todos invariavelmente, porém de forma singular. Por este motivo, penso que podemos entender o envelhecimento como processo e não como categoria, pois ao longo da vida é que são construídas as histórias, representações, significados, valores, experiências, que tiveram e têm seu valor.

(...) a velhice é percebida como fenômeno natural e social que se desenrola sobre o ser humano, único, indivisível, que, na sua totalidade existencial, defronta-se com problemas e limitações de ordem biológica, econômica e sociocultural que singularizam seu processo de envelhecimento. Desse modo, somente uma descrição analítica dos diferentes aspectos da velhice não é considerada suficiente para explicá-la, visto que cada um desses aspectos interage com todos os outros e é por eles afetado. De acordo com Beauvoir (1976), é (...) no movimento indefinido desta circularidade que se deve apreendê-la. (SIQUEIRA, 2002, p. 905)

A circularidade referida por Beauvoir (1976) expressa claramente a ideia da percepção da velhice em sua totalidade e singularidade, considerando seus contextos e afetamentos, criando assim uma interação com o outro. Porém, esta interação requer compreender os limites e possibilidades de cada idoso, haja vista que cada um envelhece de uma forma e, embora possa haver alguns déficits, isso não autoriza o seu descarte ou a sua subalternização (SPIVAK, 2010).

Por *subalternos* se entende, segundo a autora, os que são segregados socialmente em razão da sua raça, sexo, classe social, religião, idade, naturalidade e outras diferenças que, ao longo do tempo, vêm aumentando nos mais variados âmbitos das sociedades.

Nesse contexto, que muitas vezes beira a marginalização do idoso, observo, na discussão com Santos (2007), a análise sobre o pensamento abissal, considerando as relações políticas e culturais excludentes no sistema mundial contemporâneo, em se tratando de

[...] Um sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através

de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceita de inclusão considera como sendo o Outro. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética. (p.1-2)

A abordagem do autor traz a representação simbólica da linha que separa os lados, e a radicalidade desta concepção está na ausência dialética. Ou seja, a relevância ou irrelevância, existência ou inexistência, visibilidade ou invisibilidade, compreensão ou incompreensão, dependem de que lado da linha se está, pois a fundamentação, construção ou invenção do outro é um contrarreferencial. Esta percepção não permite a co-presença dos dois lados da linha.

Penso que esta reflexão, embora explique muitas injustiças e desigualdades sociais, provoca uma animosidade e uma fixidez de lado a lado, o que pode servir de combustível para eternas lutas sociais sem solução, pois onde não há intenção de diálogo e superação de fronteiras ou pensamentos abissais, realmente não se pode esperar uma co-presença dos dois lados da linha.

Contudo, Candau (2008) nos apresenta um pensamento contrário ao abissal, segundo o qual a dialética é valorizada como caminho para superação dos conflitos que envolvem o enfrentamento das diferenças:

O desafio está em promover situações em que seja possível o reconhecimento entre os diferentes, exercícios em que promovamos o colocar-se no ponto de vista, no lugar sócio-cultural do outro, nem que seja minimamente, descentrar nossas visões e estilos de afrontar situações como os melhores, os verdadeiros, os autênticos, os únicos válidos. Para isso é necessário promover processos sistemáticos de interação com os outros, sem caricaturas, nem folclorização. Trata-se também de favorecer que nos situemos como outros, os diferentes, sendo capazes de analisar nossos sentimentos e impressões. É a partir daí, conquistando um verdadeiro reconhecimento mútuo, que seremos capazes de construir algo juntos/as. Para isso, é necessário ultrapassar toda visão romântica do diálogo intercultural e enfrentar os conflitos e desafios que ele supõe. (p. 31-32)

Por fim, temos a perspectiva transdisciplinar, segundo a qual

[...] a velhice é percebida como fenômeno natural e social que se desenrola sobre o ser humano, único, indivisível, que, na sua totalidade existencial, defronta-se com problemas e limitações de ordem biológica, econômica e sociocultural que singularizam seu processo de envelhecimento. Desse modo, somente uma descrição analítica dos diferentes aspectos da velhice não é considerada suficiente para explicá-la, visto que cada um desses aspectos interage com todos os outros e é por eles afetado. A perspectiva transdisciplinar, na qual a velhice é concebida como resultado dialético de necessidades fisiológicas, simbólicas e estruturais, combinadas e justapostas pelos atores sociais em meio a condições contextuais vigentes, apontam para a possibilidade de uma maior aproximação com a realidade em função da complexidade de fatores considerados. Entretanto, observou-se que esse tipo de abordagem esbarra em questões teórico-metodológicas, pois, conforme mencionado, encerra a velhice em uma pluralidade de experiências individuais que impossibilita retê-la em um conceito ou noção ao investigá-la, restando ao pesquisador somente a possibilidade de confrontar as diferentes experiências de envelhecimento umas com as outras, e a tentativa de identificar as constantes e determinar as razões de suas diferenças. (SIQUEIRA, 2002, p. 905)

Desta forma, com o intuito de saber melhor sobre os idosos da UMI/UCDB, quero registrar a seguir minhas observações acerca do ambiente em que estes idosos circulam, convivem, interagem, no qual suas atitudes, gestos e palavras expressam fragmentos sutis de sua subjetividade e são um veículo para observar suas identidades, culturas e diferenças.

CAPÍTULO 3 – DO PROJETO AO PROGRAMA: A HISTÓRIA E OS SUJEITOS DA UNIVERSIDADE DA MELHOR IDADE/UMI NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO/UCDB

Neste capítulo, apresento as Universidades Abertas da Terceira Idade/UnATIs, a fim de contextualizar o nascimento do Programa Universidade da Melhor Idade/UMI-UCDB, passando por sua construção histórica no campus da UCDB e a colaboração da coordenação pedagógica no desenvolvimento de um currículo e corpo docente diferenciados. Também trago os dados que foram observados para a análise dos sujeitos do referido programa.

3.1 As Universidades Abertas da Terceira Idade/UnATIs e a inspiração para o projeto com idosos na UCDB

A Universidade da Melhor Idade/UMI é o resultado de uma tendência ao cuidado sistêmico do idoso (saúde física, mental e social), que foi sendo desenvolvida no mundo todo a partir da Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, França, em meados da década de 1950, numa experiência coordenada pelo professor Pierre Vellas com idosos asilados. De acordo com Cachioni (2002, p. 47),

[...] devido ao sucesso desta experiência, inicia-se no campo universitário atividades intelectuais e culturais para pessoas a partir de 45 anos. Estes aprenderiam a preparar seu envelhecimento, obtendo resultados positivos em sua qualidade de vida resultando em uma velhice bem-sucedida. Além do trabalho com os idosos, foi feita uma intervenção com os acadêmicos da graduação sobre o envelhecimento humano. O projeto foi um sucesso, foi denominada universidade aberta à terceira idade e logo vários países europeus começaram a desenvolver atividades para a terceira idade.

A partir do trabalho realizado, a Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) foi um movimento que se espalhou pelo mundo e

[...] insere-se no conceito de educação permanente, proposto pela UNESCO, de que o aprendizado deve estar presente ao longo de toda a vida, de forma constante, interativa e cumulativa para acompanhar as mudanças rápidas e contínuas da sociedade moderna. (CACHIONI, 2002, p. 25)

No Brasil, a primeira experiência de educação para idosos foi realizada pelo Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo, na década de 1960. No âmbito da extensão universitária, em 1982, a Universidade Federal de Santa Catarina, por meio do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), realizou o primeiro programa brasileiro com características de Universidade da Terceira Idade. Porém, somente em 1990 a Pontifícia Universidade Católica de Campinas inaugurou um programa segundo o modelo francês. As UnATIs configuram-se como uma forma de

(...) educação permanente de natureza não-formal, uma vez que a intenção maior não é a de certificar ou profissionalizar os alunos idosos, mas, sim, abrir o mundo do conhecimento e da possibilidade de se aprender ao longo de toda a vida. O ambiente universitário, multidisciplinar e intergeracional, propicia aos mais velhos a troca de experiências, a sociabilidade, o resgate da cidadania. (CACHIONI, 2002, p. 5)

Contudo, existem outros modelos em outros países, com diferentes configurações:

O modelo anglo-saxão, praticado especialmente no Reino Unido, tem como característica predominante, a aprendizagem compartilhada ou de autoajuda. No modelo norte-americano existe uma contribuição mais expressiva dos idosos na organização dos cursos. O modelo sul-americano, baseado no Francês, funciona exclusivamente nas instituições de ensino superior. O modelo Chinês é focado na vida da comunidade e na manutenção da cultura tradicional. Em suma, os modelos apresentam variações determinadas por características históricas, políticas e culturais. Mesmo localizando-se em um mesmo país, há diferenças determinadas pela estrutura da instituição, por exemplo, pública ou privada. (CACHIONI, 2002, p. 3)

Atualmente, são mais de 200 programas espalhados em todo o território brasileiro que abraçaram este projeto, sendo apoiados pela Associação Brasileira das Universidades Abertas da Terceira Idade (ABRUnATI) desde 2012. A ABRUnATI tem por finalidade desenvolver atividades ligadas à valorização da pessoa idosa e sua inclusão na sociedade através das ações universitárias e o desenvolvimento de políticas públicas. Contudo, cabe ressaltar que

[...] os programas universitários para idosos não são a panaceia para todas as questões decorrentes do envelhecimento populacional, mas podem ser parceiros no auxílio para decisões de políticas públicas e do engajamento e promoção de um processo de envelhecimento mais saudável, como já o são. (DA SILVA, 2017, p. 11)

De acordo com este propósito, nasceu o projeto da Universidade da Melhor Idade-UMI/UCDB, cuja história começou a ser construída há mais de duas décadas e até o presente momento percorreu um caminho cheio de desafios e horizontes a conquistar, contando com a participação de pessoas fundamentais para a sua implementação.

Dentro da UCDB, as Assistentes Sociais Luciane Pinho de Almeida e Maria José Rodrigues, que na época desempenhavam a função de coordenação pedagógica, foram as primeiras a conhecer a proposta de desenvolver um trabalho voltado à promoção da velhice saudável, numa conferência em Santa Catarina, e ficaram muito entusiasmadas no que se refere à melhoria da qualidade de vida dos seus participantes, assim como aos estudos sobre a área do envelhecimento. Tendo vivenciado esse momento, as assistentes sociais trouxeram a novidade para a UCDB e, no ano de 1998, foi criada a Universidade da Melhor Idade/UMI. A proposta iniciou a partir de um projeto de dissertação de Mestrado em Educação da Profa. Dra. Neila Barbosa Osório Sinésio, com o tema: “Melhor Idade: Como Atendê-la?”, defendida na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho no ano de 2008.

Sua pesquisa motivou o espaço acadêmico a receber e inserir como compromisso social um projeto que atendesse às demandas dos idosos e dos acadêmicos:

As Instituições de Ensino Superior estão preocupadas em garantir a formação profissional de seus acadêmicos, preparando-os para o mercado de trabalho, empreendendo, para tanto, revisão e atualização de currículos, metodologias e técnicas. Ignoram, porém, quase que totalmente, a necessidade de incluir no processo educacional discussões e reflexões sobre a realidade social, sobre as relações do cotidiano com as quais os futuros profissionais irão se deparar em suas atividades. (SINÉSIO, 1998, p. 142)

Ainda no trabalho de dissertação, Sinésio (1998) comenta que, ao criar um espaço para a UMI/UCDB, a iniciativa da UCDB gerou grande repercussão:

Desde o princípio, constituiu-se em um enorme sucesso educacional e social em nosso Estado (...) e foi, sem dúvida, um passo gigantesco enquanto proposta destinada a abrir as portas da universidade para pessoas idosas, muitas das quais nem sequer haviam pisado o espaço de uma Instituição de Ensino Superior. Foi, com certeza, uma forma concreta e positiva de democratizar o ‘solo sagrado’ e, frequentemente, elitista de uma universidade brasileira. (p.146)

Ainda sobre o assunto, a pesquisadora nos ajuda a entender que

[...] O espaço oferecido pela UCDB possibilita o questionamento da velhice antes colocada em um plano de responsabilidade individual para recolocá-la como uma questão social coletiva, em que o problema não está nas pessoas, mas nas estruturas injustas da sociedade que precisam urgentemente ser transformadas. (p. 154)

A ideia de criar a UMI/UCDB vem ao encontro da Pedagogia Salesiana, que carrega consigo princípios que fundamentaram a criação deste programa. Assim, a UMI passa a ser um Programa da UCDB a partir do ano de 2005, sendo considerada a primeira Universidade Salesiana da Terceira Idade na América Latina. “Ter a UMI dentro da UCDB é colocar em prática a pedagogia Salesiana”. (PAULA, 2008, p. 65).

Nessa direção, a ex-coordenadora do programa da UMI, Profa. Me. Leiner Maura Alves Vieira de Mello⁵, menciona que

[...] Desde o início, a UMI foi assumida pela Missão Salesiana e desenvolvida no espaço da UCDB. Os padres e mestres que eram ligados a Pró-reitoria de extensão, sempre apoiaram a UMI, especialmente o padre Marinoni, padre Arlindo e mestre Luilton que, na época, queriam que o programa expandisse e deram todo apoio para seu desenvolvimento, mais divulgação, participação e levar a UMI em todos os lugares. Daí, Luciane Pinho, como assistente social, pela sua experiência e contato com outros serviços que lidavam com a população idosa, deu muito apoio para que a UMI se desenvolvesse na UCDB (entrevista realizada em 13 de setembro de 2019).

A coordenação da Profa. Me. Leiner de Mello iniciou no ano de 2002 e se estendeu por 18 anos. Nesse período, ela implementou propostas de inovações dialógicas a partir das expectativas dos participantes da UMI, assim como uma maior abertura para que os alunos dos cursos de Graduação da UCDB e professores da instituição tivessem o conhecimento acerca do trabalho com a melhor idade, despertando o interesse em estudos voltados ao envelhecimento humano. Desde então, a UMI vem participando de Fóruns, Conferências, Seminários e Conselhos dos Idosos em nível municipal, estadual e nacional, visando à implantação de políticas públicas para esse segmento populacional.

⁵ Possui graduação em História pela Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (1975), graduação em Educação Física pela Universidade do Estado de Mato Grosso (1974), mestrado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (1998). É gerontóloga, membro da SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia) desde 2005; Membro da Frente Parlamentar dos Direitos da Pessoa Idosa de MS desde 2016; Membro do Conselho Estadual do Idoso de MS desde 2002; Membro do Conselho da Diretoria da AABB/Campo Grande, desde 2018.

Tendo o cuidado de apresentar a história desse programa e as percepções sobre este público em vários aspectos, especialmente na valorização de suas histórias e identidades, conforme os objetivos desta pesquisa, procurei escutar a Profa. Me. Leiner de Mello. Seus relatos foram importantes e esclarecedores, pois ela foi uma personagem fundamental para o programa. A ex-coordenadora menciona que

[...] Um dos objetivos deste apoio, além da atenção às necessidades de saúde física e social dos idosos, era que os acadêmicos tivessem maior contato com este público e uma melhor formação para trabalharem com a terceira idade. Este apoio traduzia-se em fazer o melhor possível para aqueles maiores de 50 anos, especialmente em relação a prevenção da depressão, o que era uma preocupação do Curso de Psicologia (entrevista realizada em 13 de setembro de 2019).

Desta forma, a UMI deixa de ser um projeto e passa a ser um Programa Institucional com corpo docente especializado, totalmente profissional, que tem respaldo político de cunho social e educacional. Baseada na linha francesa, a UMI/UCDB proporciona a interação entre idosos e alunos da graduação; o presente projeto busca averiguar a efetividade e a qualidade desta relação, especialmente sob o ponto de vista do idoso.

O corpo docente da UMI foi construído a exemplo de outras experiências das UnATIs. Daí eu procurava os coordenadores dos cursos para sugerirem professores com perfil para trabalhar com o idoso, indicações de dentro da UCDB, ou trazidos de fora da instituição que tivessem formação ou aptidão com o público idoso. As atividades foram oferecidas em parceria com os cursos da UCDB que deram muito apoio ao crescimento da UMI, como os cursos de direito, assistência social, psicologia, engenharia e mais tarde enfermagem e fisioterapia. Assumi a coordenação em outubro de 2002, com uma proposta aberta, ouvindo os alunos e os professores para melhorar o que era oferecido pelo programa (entrevista realizada em 13 de setembro de 2019).

Este depoimento revela a importância da gestão em grupos de Terceira Idade. Isso se mostra como sendo fundamental, pois estes grupos são muito dinâmicos, heterogêneos e buscam lugares que ofereçam atividades de acordo com seu interesse. Sendo assim, o fato de se saber as características deste público, seus anseios, expectativas e necessidades, influencia na busca e permanência destes programas ou projetos afins, disponíveis em vários setores da sociedade em diversas regiões do país, e vai ao encontro de alguns fundamentos do Projeto Político-Pedagógico da UMI/UCDB:

O processo de ensino e aprendizagem tem como base a análise crítica das experiências curriculares tanto dos professores quanto dos alunos, levando em consideração e aplicando na construção das aulas práticas e teóricas os conhecimentos culturais, políticos e sociais, bem como as diversas

realidades socioeconômicas observáveis em meio aos participantes da UMI, construindo desta forma os fundamentos da proposta pedagógica em coerência com os anseios e necessidades da população idosa. (PPP UMI/UCDB, 2017, p. 14)

Ou seja, a UMI/UCDB foi se desenvolvendo em conformidade com as demandas trazidas pelos idosos, docentes e das próprias UnATIs, além do olhar de todas as instâncias dentro da instituição.

A UMI se transformou numa grande família, que foi construída com muito acolhimento, respeito e valorização de suas diferenças. Percebi principalmente a importância do acolhimento, o que vem do modelo salesiano em que me formei e trabalhei ao longo da minha vida como professora. Ali na UMI, a acolhida faz toda a diferença, como um lugar para receber, confraternizar, se sentirem à vontade, se sentirem ouvidos e valorizados. O idoso quer estar ativo e inserido socialmente, ele busca esse lugar que o acolha, isso lhe dá conforto e pertencimento. Ele precisa de lugares que lhe dêem suporte e estrutura para enfrentarem os desafios que perpassam o processo do envelhecimento (entrevista realizada em 13 de setembro de 2019).

3.2 A história da UMI/UCDB

A Universidade Católica Dom Bosco – UCDB é uma Instituição de Ensino Superior Comunitária, de cunho beneficente, de Assistência Social na Área de Educação, filantrópica e sem fins lucrativos. Acolhe em seu campus universitário a Universidade da Melhor Idade/UMI, sendo este um programa pautado no Estatuto do Idoso, lei nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003, que coloca no Art.3º:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade, do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, o esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

A Universidade da Melhor Idade-UMI/UCDB foi fundada em 09 de março de 1998. É um programa referendado na Política de Assistência Social, com base na Lei 12.435/2011 que dispõe sobre a organização da Assistência Social em seu Art. 3. Conforme o Decreto Presidencial nº 7.237/2010, que regulamenta a Lei 12.101/2009, cumpre a Resolução nº 109/2009 – Tipificação Nacional de Serviços Sócio-Assistenciais, considerando a Deliberação do Conselho Municipal de Assistência Social- CMAS nº 92/2017, que dispõe sobre os Parâmetros para Inscrição e de Regularidade Anual de Entidades e Organizações

de Assistência Social, bem como dos Serviços, Programas, Projetos e benefícios Sócio assistenciais no âmbito da Cidade de Campo Grande/MS.

O programa de extensão universitária iniciou suas ações como projeto no espaço da UCDB no ano de 1998, com a participação de 30 idosos, nas dependências do Bloco B. Com uma equipe formada por diferentes profissionais, a UMI procura proporcionar aos seus participantes com mais de 50 anos de idade uma melhor qualidade de vida, ressaltando aspectos intelectuais, físicos e coletivos.

Desta forma, o Regimento Interno da UMI/UCDB traz diversos esclarecimentos acerca dos objetivos do programa, sendo eles:

Art. 3º: São objetivos do Programa UMI/UCDB:

- I-** possibilitar às pessoas a partir de 50 anos o acesso à Universidade, como meio de ampliação cultural e de educação continuada, através de cursos e atividades que propiciem a atualização de conhecimentos gerais e específicos, conforme a necessidade deste público;
- II-** estimular as pessoas a partir de 50 anos da UMI/UCDB a participação nas atividades sociais, políticas, econômicas e culturais da universidade e de sua comunidade;
- III-** proporcionar informações que permitam a reflexão sobre o processo de envelhecimento, no meio acadêmico e com os participantes do Programa;
- IV-** proporcionar um espaço gerador de convivência e troca de experiências intergeracional;
- V-** incentivar o desenvolvimento de pesquisa e parcerias para a colaboração na construção de políticas públicas e implementação de ações dirigidas às pessoas idosas;
- VI-** promover intercâmbio estadual e nacional com outras instituições visando o desenvolvimento da UMI/UCDB. (PPP UMI/UCDB, 2017, p. 25.)

Em média, trezentos idosos/ano são matriculados na UMI atualmente. Até a presente data, a UMI atende de forma gratuita, permanente e continuada pessoas com mais de 50 anos, sem exigência de escolaridade e com independência funcional e cognitiva, que moram nas mais diversas regiões da cidade de Campo Grande e procuram a UMI/UCDB com o objetivo de obter melhor qualidade de vida e vínculo social através do ambiente educacional, sendo a educação permanente

[...] um processo que não se conclui nunca, estendendo-se por toda a vida dos sujeitos. Significa dar oportunidade de aprendizagens contínuas, objetivando a atualização do ser humano, atendendo suas necessidades de interação e aprimoramento do saber. (TEODORO, 2006, p. 43)

Para a UMI - Universidade da Melhor Idade, o processo do envelhecimento humano é um compromisso que permeia num espaço contínuo e ininterrupto em debates qualificados e crítico de ações desenvolvidas, pesquisas e estudos realizados com trocas de experiências, que resultam em proposições, voltadas para as questões de um envelhecimento ativo. Nesse sentido devemos respeitar as peculiaridades do idoso, incentivar o envelhecimento saudável visando seu bem-estar e o desenvolvimento integral como cidadão conhecedor de seus direitos e deveres para com a sociedade em que vivem, promovendo a universalização do acesso aos diferentes saberes. (PPP UMI/UCDB, 2017, P. 9)

Neste sentido, a proposta pedagógica desenvolvida na UMI/UCDB é amparada pelos seguintes princípios, de acordo com o Projeto Político-Pedagógico (2017, p. 9-10):

1. Educativo – Compromisso com o desenvolvimento e a formação integral dos participantes da UMI, permitindo o conhecimento e a compreensão de um mundo em constante transformação.
2. Ético – Promoção da releitura de hábitos, culturas e valores visando o aprimoramento e a qualificação da responsabilidade e respeito que devem nortear a conduta de cada um em relação à sociedade em que vive, priorizando os princípios de bem comum, com vistas a justiça social.
3. Político – Proporcionar o exercício cotidiano, em atividades inter- e extra-classe, relativas aos direitos e deveres de cidadania. Religioso – Oferecer espaços para manifestações religiosas, conforme os princípios e o sistema preventivo de Dom Bosco, buscando, dentro de uma atenção ecumênica, prestar assistência religiosa aos alunos e professores.
4. Compromisso Social – Reafirmar o compromisso social da UCDB, através da UMI, proporcionando impacto positivo e respeitabilidade com o social, para a comunidade de Campo Grande, por meio de um serviço gratuito.
5. Interdisciplinaridade – Proporcionar o diálogo entre as diversas áreas do conhecimento da UCDB, promovendo diálogo e intercâmbio com a comunidade universitária, favorecendo o processo educativo, pedagógico, democrático e participativo para ambas as partes.
6. Inclusão Social – Abraçamento do público idoso, com vistas à socialização democrática e igualitária, garantindo respeito, com a devida desmistificação da velhice e do preconceito, por intermédio de uma conscientização inclusiva. Favorecer a convivência entre os idosos através de atividades de cunho cultural, esportivo, aulas e oficinas de interesse comum e em participação em projetos e eventos acadêmicos.
7. Protagonismo do Idoso – Preza o resgate de valores, significado, identidade, diversidade no contexto atual, somado às experiências e

bagagem sociocultural, visando sempre à humanização e promoção do indivíduo como protagonista.

8. Autonomia – A convivência humana estimula o posicionamento individual e, com isto, fortalece sua autonomia diante e dentro do grupo social inserido, em constante transformação diante das demandas socioculturais do ambiente.

Quanto à aprendizagem, a UMI tem como propósito o

1. Princípio da Atividade – O processo de aprendizagem deve ser interativo em relação ao público atendido e os profissionais envolvidos na promoção da qualidade de vida de forma atualizada, contextualizada e somada às vivências trazidas e novas demandas da atualidade, favorecendo novos paradigmas.
2. Princípio da Avaliação para Promoção – O processo de aprendizagem compreende uma constante troca de informações e observação da realidade, em vista dos objetivos previamente delimitados e construção de novos horizontes, de acordo com as demandas de um público diversificado e heterogêneo como a terceira idade.

Os idosos que participam do programa têm diferentes identidades, culturas e saberes. Esses elementos todos estão em constante construção. Conforme autores como Hall (2004) e Bhabha (1998), as identidades dos idosos não são fixas nem estáveis; elas estão sendo construídas e produzidas dentro de contextos culturais diversos.

Compreender a multidimensionalidade das atitudes perante a velhice, as suas múltiplas causas e, sobretudo, as relações recíprocas que existem entre esses precursores do comportamento e as condições dos idosos é de fundamental importância para a gerontologia social. Como as atitudes são socialmente aprendidas, a educação desempenha um papel central em qualquer projeto de mudança de atitudes em relação à velhice. Aumentar a informação e levar as pessoas e as instituições a pensarem de forma mais positiva e realística sobre os idosos e a velhice podem contribuir para mudar as suas atitudes, mas só isso não é suficiente para modificar a maneira pela qual a sociedade trata seus idosos. É necessário também promover a educação ao longo de toda a vida para todos os cidadãos (CACHIONI, 2008, p. 100).

Para compreender um pouco melhor a multidimensionalidade dos idosos da UMI, pede-se que, no ato de sua inscrição, eles preencham um formulário sócio-assistencial, o qual possibilita conhecer, ao menos parcialmente, a sua situação econômica, o contexto social, seus anseios, necessidades, histórico de saúde, trabalho e aspectos relacionados à educação e cultura.

A partir deste apanhado geral de informações, é possível planejar um currículo condizente com estas demandas e promover ações que contemplem as lacunas observadas,

assim como as expectativas pretendidas dentro das possibilidades pedagógicas do corpo docente e dos espaços e estruturas disponíveis na universidade ou através dela, como no caso de atividades realizadas em outros lugares por meio da instituição (campeonatos, apresentações culturais, participação em eventos, etc.).

Na UMI, durante dois anos (tempo padrão, porém o módulo permanente permite que os participantes frequentem a UMI sem limite de tempo), são desenvolvidas atividades “em quatro grandes eixos articuladores (...), são eles: saúde, nutrição e qualidade de vida; cultura e arte; esporte e lazer; políticas públicas, empoderamento e cidadania” (PPP UMI/UCDB, 2017, p. 17).

O idoso hoje tem mais conhecimento sobre si mesmo, sobre o envelhecimento e posicionam suas identidades com muita clareza, firmeza e querem se aperfeiçoar. A socialização é um grande motivo de participação dos idosos da UMI, desde encontros corriqueiros e convivências até viagens e participação em eventos (Profa. Me. Leiner Maura Vieira de Mello, ex-coordenadora da UMI, entrevista realizada em 13 de setembro de 2019)

Os 4 eixos citados acima se desdobram nas seguintes atividades:

a) Saúde, Nutrição e Qualidade de Vida: Fundamentos da Saúde Física e Mental do Idoso; Fundamentos de Nutrição; Fundamentos de Psicologia.

b) Esporte e Lazer: Hidroterapia; Hidroginástica; Voleibol adaptado; Natação; Dança; Musculação; Alongamento; Jogos de Mesa.

c) Cultura e Arte: Fundamentos da Língua Portuguesa e Espanhola; Informática; Oficina de musicalização; Laboratório de Canto; Coral; Teatro; Artesanato.

d) Políticas Públicas: Filosofia; Direito dos Idosos.

Estas atividades são divididas entre obrigatórias e optativas, e são distribuídas diferentemente a cada semestre. Esta estratégia permite que o idoso escolha as atividades pelas quais tem maior interesse ou necessidade (no caso das optativas), assim como também o faz participar das aulas obrigatórias – aulas básicas e fundamentais para seu aprimoramento cognitivo, ao longo do programa, aprofundando seu conhecimento em áreas diversificadas, assim como o incremento dos processos de socialização, do vínculo afetivo, da preservação da autonomia e da independência.

A teoria em si (...) não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro

lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação. (VÁSQUEZ, 1977, p. 206)

Os participantes da UMI ainda realizam viagens para fóruns, congressos da terceira idade, apresentações culturais e jogos da terceira idade, contribuindo para o entrosamento geracional, intergeracional e troca de experiências com diversos grupos e universidades abertas à terceira idade.

Para a realização das atividades relacionadas ao processo pedagógico são considerados e incorporados às ações pedagógicas aspectos cognitivos, afetivos e ambientais, incrementando saberes práticos, o saber fazer, o aprender e seguir aprendendo e possibilitar o crescimento contínuo, portanto sem limites de idade e escolaridade nas relações sociais e participação social, objetivando o aprimoramento do intelecto, da autoestima e a ressocialização do idoso, bem como a participação coletiva e responsável de todos os sujeitos do processo educativo, assegurando autonomia e cooperação, respeito à identidade cultural do participante e definição de estratégias e enfrentamento das desigualdades sociais. (PPP UMI/UCDB, 2017, p. 14)

Além disso, o corpo docente da UMI/UCDB tem um papel fundamental no desenvolvimento das atividades propostas, considerando estratégias pedagógicas variadas para atender este público heterogêneo e diversificado, no que concerne a suas diferenças, interesses e disponibilidades e “respeitando o ritmo de cada um e a necessidade de aliar significado às atividades, criando um ambiente de apoio para avanço dos idosos” (GROPPO, 2009, p. 211).

Os professores exercem um papel fundamental na mediação das atividades do programa, contribuindo efetivamente para a qualidade de vida do idoso. Dessa forma, são desenvolvidas atividades variadas, criativas e que agreguem novos conhecimentos, ampliando a visão de mundo do idoso. A metodologia do trabalho pedagógico, deve ser desenvolvida baseando-se no pluralismo de temas e discussões, bem como na variedade de formas a serem apresentadas ao participantes como, aulas expositivas, palestras, rodas de debates, aulas práticas, congressos e fóruns, bem como, sempre implementar nas aulas o uso de recursos didáticos variados e atrativos, como vídeos, apostilas, internet, teatro, dança, música, literatura, entre outras formas didáticas, sempre com o objetivo de tornar as aulas atrativas e empolgantes. (PPP, 2017, p. 14)

Neste sentido, a ex-coordenadora Leiner avalia, durante a entrevista, que os idosos têm condições de participar mais ativamente, inclusive fazendo parte de vagas ociosas que são oferecidas pela universidade de tempos em tempos.

De forma intergeracional com acadêmicos da Graduação e Pós-graduação da UCDB são desenvolvidos projetos possibilitando um ambiente favorável à pesquisa e à curiosidade de ambos, construindo conhecimentos e compartilhando informações. Ampliando o conhecimento aos acadêmicos sobre o envelhecimento ativo e os idosos adquirindo maiores informações, oportunizando experimentações e despertando a curiosidade, a criatividade e a autonomia nas oficinas e atividades oferecidas(...), bem como de discutir questões cujo enfoque volta-se para a problemática da terceira idade, tais como sexualidade, nutrição, direitos sociais, educação gerontológica e saúde, como também atividades de integração com finalidade de resgatar suas histórias e de permitir a troca de experiências entre idosos. (PPP, 2017, p. 14)

Porém, Leiner pondera que, hoje em dia, ao contrário do que era observado no início da UMI na instituição,

[...] falta atitude de credibilidade por parte dos coordenadores de curso em planejarem formas e estratégias para interagir com os saberes e conhecimentos dos idosos em seus campos de conhecimento com aquilo que os idosos trazem de experiência. Acredito que os idosos precisam ter mais formação para o empreendedorismo para aprenderem a transformar seus conhecimentos em trabalhos, serviços ou algo que tenha significado para eles e que podem se somar a outros conhecimentos e práticas. Dá trabalho, mas é necessário fazer uma triagem para ver o que cada um poderia oferecer potencialmente, juntamente com o corpo docente e os próprios idosos que poderiam ajudar neste processo, baseado em suas experiências profissionais prévias e disponibilidade (entrevista realizada em 13 de setembro de 2019).

Observa-se aqui uma expectativa de crescimento da UMI que atravesse os espaços e os lugares da academia, em consonância com toda sua trajetória, objetivos e princípios; isso se analisa frequentemente a partir da observação das devolutivas dos participantes da UMI e dos docentes do programa, em reuniões de balanço e planejamento, o que interfere diretamente nas ementas e currículo.

Em cada semestre é feita uma avaliação das atividades oferecidas, como forma de manter a qualidade pedagógica do trabalho desenvolvido e de aprimorar a formação do participante e do corpo técnico/docente, objetivando a formação permanente dos profissionais com base na reflexão crítica de sua própria prática e na criação de condições necessárias à transformação dessa prática, construindo desta forma um projeto político, cultural e educacional, trilhando um caminho, em direção a construção da dimensão ético-profissional da prática docente. (PPP UMI/UCDB, 2017, p. 15)

Contudo, nos últimos anos, a UCDB vem passando por um processo de reestruturação organizacional que vem afetando completamente o perfil da UMI, desde a troca da coordenação, a diminuição dos dias oferecidos, a ausência de reunião de professores e projeção de cobrança às atividades que forem escolhidas para o ano seguinte, além da

extinção do nome e da transformação de *programa* para *setor*, o que descaracteriza totalmente o seu formato e propósito, de acordo com o seu Projeto Político-Pedagógico.

Este movimento está sendo vivenciado com muita apreensão por parte dos docentes e participantes da UMI; há a esperança de que, apesar das mudanças já ocorridas e das que possam vir a acontecer, a atenção ao idoso continue de alguma forma existindo dentro da UCDB, sem perder de vista os benefícios representados pela presença dos idosos na sustentabilidade do processo de aprendizagem e da circularidade dos saberes. (BEAUVOIR, 1976)

CAPÍTULO 4 - OS IDOSOS DA UMI/UCDB E OS SEUS POSICIONAMENTOS SOBRE IDENTIDADE E HISTÓRIAS DE VIDA

Neste capítulo, apresento alguns elementos inerentes aos idosos, observados nas matrículas do programa UMI/UCDB, a fim de contextualizar suas identidades para uma melhor análise destas. Posteriormente, apresento seus relatos e percepções acerca dessas identidades, através de fragmentos de suas histórias de vida e observações, fruto da convivência com esta população ao longo dos anos deste trabalho que realizo na instituição, assim como os afetamentos que este programa provoca na sua realidade sociocultural e no seu processo de envelhecimento.

4.1 Quem são os idosos da UMI/UCDB

Os dados levantados nesta pesquisa possibilitam uma breve análise dos aspectos culturais que identificam esta população, o que pode criar novos horizontes em vista da melhor compreensão das características que moldam o envelhecimento, a partir da concepção dos próprios idosos e dos contextos em que estão inseridos e nos quais foram construídos.

A partir da análise documental das fichas de matrícula de novos participantes da UMI, no período de 2018-2019, verificam-se 141 novos matriculados, sem considerar o grupo dos permanentes que se mantêm ativos, especialmente nas atividades competitivas, como vôlei e natação, e também no coral e na hidroterapia; estes somam 438 participantes. Para esse trabalho de pesquisa, foram analisadas as fichas das novas matrículas, o que representa uma amostra de 24,35% do total de 579 alunos que frequentam o programa.

De acordo com os dados registrados nas matrículas dos participantes da UMI/UCDB, a grande maioria é formada por mulheres: são 123 mulheres e 21 homens, o que equivale à proporção de 6 por 1. A partir desses primeiros dados, é possível verificar a participação mais efetiva destas no auto-cuidado: as mulheres buscam mais facilmente os meios para cuidar dos aspectos relacionados à saúde física, mental e social, demonstrando, assim, maior envolvimento, engajamento, protagonismo e prevenção dos fatores que poderiam reforçar estigmas negativos relacionados ao envelhecimento.

Em relação à idade, observa-se uma maioria na faixa dos 60 anos, o que demonstra que o fator econômico (aposentadoria) pode ser um dos principais motivos para esta faixa etária buscar novos engajamentos e formas de se preparar melhor para a velhice, criando outros vínculos, diferentes do trabalho.

Neste mesmo contexto, quase 40 profissões foram descritas, sendo que em diversos casos as profissões foram mudando de acordo com a necessidade, segundo relatos dos participantes. Apenas uma pessoa registrou o voluntariado como trabalho realizado, o que diverge de observações que tive durante a convivência com estes idosos, já que muitos deles são engajados, especialmente, em comunidades religiosas. Este fato chama a atenção para o pouco reconhecimento que este público demonstrou em relação ao trabalho não remunerado, o que pode indicar que o idoso vincula trabalho à renda, o que é fruto de uma concepção social de marginalização, ligada ao valor do indivíduo economicamente ativo, assunto já tratado amplamente no capítulo 2.

Também é possível observar que a maior parte do grupo é oriunda da região Centro-Oeste, sendo 73,75% nascidos em Mato Grosso do Sul; depois seguem os nascidos no Sudeste, Nordeste e Sul. Nenhum dos registrados nasceu no norte do Brasil, e uma pessoa nasceu na Ásia.

Os dados levantados mostram que o estado civil do grupo refere 38,29% de casados; 28,36% de viúvos; 16,31% são solteiros; 12,76% são divorciados e 4,25% não informaram. No que se refere à religião, declararam-se católicos 60,28%; evangélicos 17,02%; 7,8% cristãos; 7,09% espíritas; 4,96% budista e mórmon e 1,41% não declararam.

Em relação ao nível de escolaridade, frequentaram até o ensino básico 2,12%; ensino fundamental: 26,95%; ensino médio/técnico: 32,62%; ensino superior: 31,20% e pós-

graduação: 7,09%. Também foi possível identificar que 73,75% são aposentados e que 26,24% ainda não se aposentaram.

Quanto à participação na UMI, os principais motivos apontados foram aspectos relacionados a saúde física e esporte (60,28%), saúde mental e cultura (36,17%) e saúde social, convivência e lazer (59,57%).

Em dados numéricos, as fichas de matrícula analisadas referem o seguinte:

Nascimentos entre a década de 30 e 40 (79 a 89 anos): 8; entre a década de 41 e 50 (69 a 78 anos): 30; entre a década de 51 e 60 (59 a 68 anos): 83; entre a década de 61 e 70 (49 a 58 anos): 20.

A *naturalidade* corresponde a 104 = MS; 19 = SP; 4 = MG; PR e RJ = 3; MT, CE e GO = 2; BA e Japão = 1.

Quanto ao *estado civil*, 54 são casados, 40 são viúvos, 18 divorciados, 23 solteiros e 6 não informaram.

Quanto à *religião*, declararam-se católicos 85, evangélicos 24, cristãos 11, espíritas 7, budistas e mórmons 2, e 10 não informaram.

A respeito da *escolaridade*, 3 realizaram nível primário, 38 nível fundamental, 46 nível médio/técnico, 44 nível superior e 10 pós-graduação.

Em relação à *aposentadoria*, 104 são aposentados e 37 ainda não.

Em relação à diversidade de *profissões*:

Advogado=1	Agente viagem=2	Artesã=1	Assistente administrativo=1
Assistente social=4	Autônomo=7	Bancário=1	Biólogo=1
Cabeleireiro=1	Cartorário=1	Comércio=3	Consultor técnico=1
Corretor de imóveis=1	Costureira=8	Delegado=1	Designer de interiores=1
Diarista=8	Do lar=24	Economista=1	Empresário=1
Encanador=1	Ferrovário=1	Func. público=9	Geógrafo=1
Jornalista=1	Matemático=1	Militar=3	Operador de máquina=1

Pedagogo=6	Professor=5	Psicólogo=1	Químico=1
Secretária exec.=1	Superv. saúde=1	Téc. agropec=1	Técnico contábil=1
Técnico edific.=1	Técnico Enf.=4	Voluntária=1	Não informou=26

Em relação ao *motivo de participar da UMI*, relataram aspectos relacionados a saúde física e esporte: 85, aspectos relacionados a saúde mental e cultura: 51 e aspectos relacionados a saúde social, convivência e lazer: 84.

Ou seja, se traçarmos um perfil pela maioria, diríamos que o idoso que frequenta a UMI/UCDB se apresenta predominantemente como localizado na faixa etária entre 59 e 69 anos, mulher, casada, católica, sul-mato-grossense, aposentada, nível de ensino médio/técnico e participante do programa por motivos relacionados à saúde física (atividade física e terapêutica).

Analisando o perfil epidemiológico dos idosos da UMI/UCDB, observou-se uma maioria etária na faixa de 60 anos, ou seja, nascidos entre os anos 50-60. Daí se deduz que vivenciaram, em sua juventude, um período histórico brasileiro muito conturbado politicamente. Talvez este período de crise tenha afetado seu comportamento, refletindo hoje na sua atitude pró-ativa em relação a cuidados gerais com sua saúde como um todo, o que o Programa sempre ofereceu diversificadamente.

Sendo mulheres a maioria, podemos refletir que o comportamento feminino na promoção da saúde é muito mais preventivo do que lenitivo, ao contrário do comportamento masculino. A diferença entre os gêneros quanto aos cuidados com a saúde é uma problemática tratada em pesquisas que apontam:

As mulheres são consideradas mais cuidadosas e os homens, mais vulneráveis aos aspectos psicossociais, como: o machismo, as dificuldades em assumir a doença no trabalho e a dificuldade à acessibilidade aos serviços de saúde. A prevenção ao câncer de próstata foi o aspecto mais apontado quando a preocupação é a saúde. (ALVES e col, 2011,s/p)

Sendo a maioria também casada, isso pode indicar um fator estrutural social que beneficie o auto-cuidado, uma vez que elas já estão inseridas no cuidado familiar, no qual se incluem. Esta suposição, porém, não exclui quem tem outro estado civil, já que outras diferenças fazem parte das participantes do Programa, considerando, em ordem decrescente, viúvas, solteiras, divorciadas e não informado.

A denominação religiosa, predominantemente católica (85), pode estar relacionada com o fato de a instituição UCDB ser devocional, o que não exclui a diversificação de credos e o respeito às diferenças, sendo que outras religiões foram observadas nas matrículas, tais como: espíritas (7), evangélicos (24), cristãs (11), mórmons (2) e budistas (2). Alguns não informaram sua religião (10), mas ninguém se classificou como ateu, o que indica que tenham algum tipo de fé, mesmo que não manifesta.

O dado que indica que a maioria é nascida no próprio Estado do Mato Grosso do Sul e vive aqui até o momento presente pode revelar que a sua vida foi construída na própria região, em meio a grandes transformações socioeconômicas. Se levarmos em conta que o Estado de Mato Grosso foi dividido em 1977, e que nesta época essas pessoas tinham em torno de 17-27 anos e vinham de uma realidade rural num momento que o Brasil vivia uma intensificação industrial, o novo Estado de Mato Grosso do Sul era a grande seara do país em franco desenvolvimento, assim como toda a região Centro-Oeste.

O nível de ensino, predominantemente médio ou técnico, sinaliza que a formação educacional escolar era buscada basicamente para a capacitação no mercado de trabalho, naquele momento. No decorrer da vida, porém, muitos relataram desenvolver diversos trabalhos para garantir seu sustento e da família. A preocupação percebida nos relatos era trabalhar para dar condições para os filhos terem o que eles não tiveram.

Estes aspectos são apenas alguns dos vários que poderiam ser coletados e analisados para melhor compor as diferenças e semelhanças entre os idosos que participam deste programa. Porém, as fichas de matrículas mudaram frequentemente, o que modificou alguns questionamentos, e consideramos os dados que se repetiam em todas as alterações. Contudo, os dados observados já permitem um desenho deste grupo em suas características sociais e culturais, o que converge com os objetivos desta pesquisa.

4.2 As identidades dos idosos do Programa UMI/UCDB

Ao longo de 15 anos, pude perceber que a participação dos idosos no programa formou uma pequena comunidade no espaço universitário. Suas aglomerações ou dispersões desenharam formas de interação social, geralmente entre o próprio grupo.

Este grupo heterogêneo e diverso, foi sendo construído aos poucos e em conjunto no ambiente da UMI. Muitas são as motivações e expectativas iniciais para quem entra neste programa, geralmente baseadas no autocuidado, em dedicar um tempo para si, coisa que para muitos foi sendo adiada ao longo da vida, e para outros foi priorizada, assim como esta oportunidade de estar neste grupo agora. Ou seja, quem não cuidara de si ainda, agora quer fazê-lo, e quem sempre já cuidara de si continua querendo fazê-lo. Esta mistura de intenções e diferentes realidades levaram os idosos da UMI a estar ali e, na maioria dos casos não querer mais sair, ultrapassando o período de dois anos previstos, *a priori*, para contribuir com seu desenvolvimento pessoal.

Os saberes levados por cada um, junto aos saberes oferecidos pelo programa, formaram elos muito fortes de significado, principalmente em termos de amizade e convivência em grupo. Este encontro de tantas realidades provoca o desenvolvimento pessoal pelo intercâmbio de saberes, conhecimentos, valores, identidades e culturas, o que cria um ambiente intercultural.

Segundo Marin (2009, p. 8), a opção teórica da interculturalidade

[...] implica assumir o desafio epistemológico do reconhecimento da existência de outras visões de mundo e de aceitar a validade de outros conhecimentos e de outras formas de construir conhecimentos.

Tratar da interculturalidade no contexto deste grupo é inevitável, tendo em vista suas diferenças de naturalidade, a diversidade profissional e educacional, as experiências de vida e visões de mundo, além do desafio de continuar afetando e se deixando afetar, se relacionando e convivendo com os seus pares na UMI, com a intergeracionalidade em suas famílias e com a sociedade em geral em seu entorno.

Além disso, aceitar a validade de outros conhecimentos, como aqueles que os idosos trazem empiricamente, no contexto da modernidade líquida em que somos fortemente influenciados, na qual novos conhecimentos muitas vezes descartam o anterior como algo ultrapassado, é um desafio hercúleo para os idosos, sendo já a sua mera presença uma provocação para a ecologia dos saberes e para a valorização de sua identidade.

Neste sentido, acerca da identidade dos idosos, muitos são os componentes que expressam sua subjetividade; sua relação com o mundo e consigo mesmos está muito ligada à forma em que se apresentam e ao que representam.

Inúmeras vezes pude observar o caminhar dos idosos entre os lugares das aulas, possibilitando novos encontros e amizades, criando conversas e também bate-bocas no corredor; o esforço para chegar no horário e os que chegam atrasados e param a aula para se justificar, demonstrando o valor que dão ao fato de estar ali; é um compromisso de que se orgulham. Os que saem mais cedo para não perder o ônibus ou a carona demonstram que estão fazendo o possível para participar do grupo que escolheram e das aulas de que mais necessitam; as demonstrações de carinho e os presentes espontâneos de suas viagens e daquilo que produzem; o respeito com os professores – chamam-nos de senhor(a) ou dão apelidos carinhosos, sempre com muita afinidade e felicidade em estar ali para aprender e compartilhar suas vidas; a vaidade em se arrumar, em demonstrar sua cultura, seus valores, desde o cinto de fivela de boiadeiro ou o laço na cintura, o chapéu ou um enfeite no cabelo, bota, chinelo, tênis ou salto, para estar ali; a luta para custear os passeios, eventos e viagens; a alegria do encontro, e a perda de alguns ao longo do caminho. Muitos que iniciam não continuam por dificuldades familiares de conciliação e apoio. Outros se ausentam por longos períodos para cuidar de seus familiares, ou por problemas pessoais de saúde. Muitas vezes os idosos são os cuidadores de seus familiares próximos.

Inúmeras situações como estas formam um caleidoscópio de identidades que estão por trás de cada manifestação corriqueira, aparentemente simples, mas que, no seu conjunto, vai dando sentido e vida a este grupo. Além disto, essas situações demonstram como os idosos lidam com suas identidades, como se posicionam individualmente e coletivamente, como se apresentam, como se representam, como se veem, enfim, diante do processo do envelhecimento, das máscaras que lhes são atribuídas, das suas realidades mais íntimas, da sua busca pela vida, pelos vínculos, pela valorização do seu existir em qualquer contexto social, o que por si só educa e promove a cultura do envelhecimento. Com base em Candau (2006), é possível verificar que educação e cultura são universos intimamente entrelaçados e devem ser analisados sob esta compreensão.

Esta observação cria uma conexão entre a cultura e a educação que o indivíduo traz de forma dinâmica e constante ao longo da vida. Ou seja, o indivíduo que está envelhecendo continua a produzir educação e cultura, da mesma forma que a cultura e a educação continuam a formar o indivíduo nos contextos em que está inserido, tal como os idosos participantes da UMI.

Os processos formativos constituem-se em potencializadores de ações que fortalecem o entendimento de que somos seres humanos e que nos desenvolvemos em contextos com os quais interagimos; e esses, embora apresentem situações diferentes para cada dimensão da nossa vida...somos todos seres que vivemos integralmente e nos expressamos desse modo em cada um desses contextos. Mas, ao mesmo tempo, nos constituímos a partir de situações e dos sujeitos diferentes que encontramos em cada um desses contextos (TOMAZZETTI, 2012, p. 112 e 113).

Contudo, vários desafios são enfrentados pelos idosos para participar assiduamente deste programa. Por que estar ali, com tantas dificuldades financeiras e físicas, para quê organizar a rotina, pagar transporte, ficar fora de casa, cumprir horário, ter frequência, participar de eventos em diversos locais?

Por que o idoso procura a UMI? Esta inclusive foi a motivação de uma pesquisa de doutorado de uma ex-professora da UMI (BÁRBARA BORGES, PhD, 2018. Educational Program for Older Adults as a Source of Health Promotion), para entender o que faz o idoso sair de casa e procurar um programa como a UMI. A resposta para esta pergunta está no significado da participação dos idosos em grupos como

[...] fonte de promoção da saúde, uma vez que esses programas abrem as portas para oportunidades para os mesmos aprenderem melhores estratégias para manter a autonomia e independência, tal como a responsabilidade com as escolhas saudáveis para manter sua saúde. (BORGES, 2018, p. 3)

Podemos observar, nestas considerações, que o aspecto social faz parte da saúde do idoso, e que um ambiente que contemple estas qualidades motivaria os idosos a buscarem estes benefícios, caso não os tenham por perto.

Além disto, percebe-se aqui a profunda relação entre o contexto social e o desenvolvimento da cultura, identidade, saberes e conhecimentos que são construídos ao longo de sua história. A convivência permite o conhecimento do contexto daquela realidade heterogênea. Neste sentido, reportamo-nos a Neri (1993, p. 39), que diz: “O velho brasileiro não existe. Existem várias realidades de velhice referenciadas a diferentes condições de qualidade de vida individual e social”.

Esta ideia nos permite não generalizar, rotular ou negar a diversidade que compreende o idoso em seus diversos contextos, histórias, saberes e identidades, haja vista a heterogeneidade já abordada neste capítulo. Pelo contrário, o idoso deve ser visto e valorizado em suas diferenças individuais e sociais, sem rótulos uniformizantes e estereotipados, o que reforçaria o preconceito e o agravamento das injustiças sociais, assim

como os abusos e todo tipo de violência contra o idoso, o que é amplamente abordado e combatido pelo Estatuto do Idoso, do qual já tratamos anteriormente.

Também podemos considerar, a partir da citação de Neri (1993), as diferentes condições de qualidade de vida, o que pode ser considerado relativo para cada um, respeitando mais uma vez sua necessidade individual e social e, mais ainda, considerando a cultura que carrega consigo e permeia sua identidade, a forma como se vê e como se mostra também.

Quero citar, nesse contexto, o exemplo de um aluno da UMI, dentre tantos outros que poderiam compartilhar seus conhecimentos sobre o campo; ele foi peão de boiadeiro por anos no pantanal sul-mato-grossense. Seu corpo traz as marcas de sua exposição ao sol: as pernas arqueadas pela montaria, a vestimenta típica de vaqueiro – e, no bloco ao lado, cursos de zootecnia, medicina veterinária e agronomia. Ambos sequer se cruzam, nem física, nem pedagogicamente.

Nosso sentido tácito da condição humana pode bloquear nossa compreensão dos “outros”. Portanto, é importante promover processos educacionais que permitam que identifiquemos e desconstruamos nossas suposições, em geral implícitas, que não nos permitem uma aproximação aberta e empática à realidade dos “outros”. E também favoreçamos este processo em nossas salas de aula. (...) Ao mesmo tempo, multiplicam-se as grades, os muros, as distâncias, não somente físicas, como também afetivas e simbólicas entre pessoas e grupos cujas identidades culturais se diferenciam por questões de pertencimento social, étnico, de gênero, religioso, etc. (CANDAUI, 2004, p. 31).

Gosto de imaginar como seria um ambiente universitário em que os saberes que ali transitam fossem mais bem aproveitados; no caso, o idoso e o jovem tendo um diálogo de experiências e novidades que poderiam ser somadas, e não desperdiçadas ou até mesmo descartadas.

Neste sentido, a única aproximação percebida são as pesquisas dos acadêmicos da graduação, especialmente na área da saúde, que têm por objeto de estudos de caso e avaliações os idosos da UMI; quando são procurados para servir a essas pesquisas, isso me parece um tanto folclórico, exótico, pois, de acordo com vários relatos que pude acompanhar, depois da pesquisa são raros os que voltam com suas contribuições acadêmicas para dar uma resposta à disponibilidade do idoso em cooperar com o trabalho deles mesmos. Poder-se-ia pensar, vulgarmente falando, que são apenas usados e depois descartados, pois já cumpriram seu papel na academia, o de ser objetos de pesquisa.

Educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa como o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de "ser humano" (LIBÂNEO, 2010, p. 30).

O olhar para o outro poderia ser uma ponte para o diálogo, ao invés da indiferença em relação ao que eles têm a contribuir com suas histórias de vida, seus sofrimentos, realizações e aprendizados vividos (geralmente subjugados). O idoso, ao mesmo tempo em que apresenta algumas fragilidades ou déficits, também demonstra resiliência, serenidade e percepções apuradas pela escola da vida, coisas difíceis de explicar, coisas que não estão nos registros, mas que podem ser compartilhadas pela convivência, pelo diálogo, por momentos de partilha.

Em tempos em que novos desafios nos interpelam, as respostas já definidas e experimentadas não dão conta de oferecer referentes mobilizadores de saberes, valores e práticas educativas que estimulem a construção de subjetividades e identidades capazes de assumir a complexidades das sociedades multiculturais em que vivemos, a dialogar com as diferenças, afirmar uma cidadania plural que supere a fragmentação e colaborar para um novo projeto de sociedade em que igualdade e diferença se articulem. (CANDAUI, 2014, p. 34)

Quantos jovens poderiam se beneficiar desta interação cultural pedagógica! Afinal de contas, o ambiente universitário é um espaço favorável para a troca de saberes, para dialogar com as diferenças, para “pensar fora da caixa”, para aproveitar ao máximo as oportunidades de convivência e realizar projetos inovadores que partem de realidades próximas e suas demandas.

Assumir a interculturalidade como perspectiva, possibilita-nos o reconhecimento e a valorização de outros sistemas culturais, para além de toda a hierarquização, em um contexto de complementaridade que possibilita a construção de um diálogo. Este, por sua vez, permite a partilha de conhecimentos, para além de toda falsa oposição entre o moderno e o tradicional, a cultura escrita e a cultura oral, a racionalidade e a dimensão afetiva. Essas falsas oposições impregnam as relações humanas e as aprendizagens. (MARIN, 2009, p. 8, 1997)

Esta citação do autor arremata a ideia defendida nesta pesquisa, segundo a qual as identidades dos idosos devem ser valorizadas na sociedade atual para o seu próprio benefício, quebrando paradigmas ultrapassados que geram preconceitos, ao invés de acumular diferenças em um mundo cheio de complexidades e questões desafiadoras que

necessitam de vários olhares para melhor enfrentá-las, e no qual as falsas oposições atrapalhariam todo este processo.

Além de todas estas considerações, o idoso, por sua larga experiência de vida, forma um público extremamente exigente e perspicaz. Quem trabalha com o idoso aprende, a cada dia, a oferecer aquilo que pode beneficiar sua qualidade de vida, levando em consideração seus interesses, aptidões e necessidades. Suas histórias de vida, que partilham em alguns momentos, são verdadeiras joias raras curtidas no tempo: incluem o trabalho, a família, os valores éticos, a moral, os costumes, os tabus, os papéis sociais desempenhados, o cuidado consigo e com os outros. Há um ditado indiano que diz que, quando morre um idoso, perde-se uma biblioteca. Penso que há muitos livros nos corredores das universidades que passam despercebidos!

É inevitável que as gerações adultas cuidem de transmitir às gerações mais novas os conhecimentos, experiências, modos de ação que a humanidade foi acumulando em decorrência das relações incessantes entre homem e o meio natural e social (LIBÂNEO, 2010, p. 73).

Tenho a impressão de que o idoso quer doar-se de alguma forma, dentro de suas possibilidades. Ele quer compartilhar a comida que só ele sabe fazer, o bordado que acabou de aprender, a sua voz e sua postura num recital, o seu exemplo de vigor num passeio, num campeonato, numa foto compartilhada. O que o idoso faz o orgulha, como se fosse uma luta vencida a cada dia.

[...] a modificação da sensibilidade investida sobre a velhice acabou gerando uma profunda inversão dos valores a ela atribuídos: antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo, passa a significar o momento do lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, hobbies e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família. (SILVA, 2008, p. 161)

Graças a mudanças ao longo do tempo, estas concepções rígidas vão ficando mais fluidas, fruto, talvez, da modernidade líquida (Bauman, 2001). Desta forma, a perspectiva cultural que o idoso tem de si mesmo mostra-se fortemente permeada por seus contextos, por costumes de uma época determinada que dizem como ele deve se comportar, se mostrar, se representar.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que

damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (HALL, 1997, p. 17).

O idoso sabe o que quer e o que não quer. Quem o respeita e admira pode usufruir de seu exemplo como uma lição de vida. Como nossa sociedade seria mais humana e sensível se valorizasse mais o idoso! Pelo contrário, estamos na superfície desta proposta. Que desperdício não ouvi-lo, não vê-lo, não interagir.

A modernidade abordou a diversidade de duas formas básicas: assimilando tudo que é diferente a padrões unitários ou “segregando-o” em categorias fora da “normalidade” dominante (SACRISTÁN, 2001, p. 123-124).

Isso vale ainda mais quando consideramos o idoso como alguém que se tem de tolerar, apenas. Skliar e Duschatzky (2001) apresentam, como uma das formas de lidar com a diversidade, o aspecto da tolerância e o paradoxo desta relação com o diferente, como sendo um convite para admitir a existência da diferença e da complexidade da alteridade.

Onde quer que o idoso esteja inserido na sociedade, desde a família até grupos diversos, ele deve ser valorizado, protegido e dignificado como ser humano, como cidadão, como sujeito.

É primordial considerar esses aspectos como premissa para afrontar o desafio ecológico e assumir um novo projeto de sociedade. A capacidade de respeitarmos os demais é a base da construção da dignidade humana. (MARIN, 2009, p. 16)

Desta forma, o ambiente educacional mostra-se favorável a esta realidade. A partir da sua valorização dentro das famílias e das escolas, os reflexos sociais sobre ele serão, ou seriam, mais positivos e efetivos. Porém,

[...] a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas, constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar (CANDAUI, 2003, p. 161).

Desta forma, o encontro intergeracional deveria ser estimulado para promover trocas de saberes/conhecimentos, a fim de haver melhor desenvolvimento relacional e cultural.

Outro aspecto que me chama a atenção é a proporção de mulheres, que são em número muito maior que os homens; inclusive, a maioria dos homens que participa vai lá por causa de suas esposas. Estes – os maridos – geralmente se envolvem com atividades esportivas e jogos. Já as mulheres querem participar de todas as atividades, na medida do

possível. Elas vivem correndo, estão sempre atrasadas para alguma aula, pois querem aproveitar tudo ao máximo. Algumas vezes, os espaços entre uma aula e outra são ocasião para novas conversas, novas amizades. Daí, percebi que os idosos não procuram um lugar para ter aula, eles procuram um lugar para interagir, conviver. Eles não estão ali para passar o tempo; estão ali para aproveitar o tempo e as oportunidades de que podem usufruir e, ao mesmo tempo, oferecer seus saberes e conhecimentos a quem aprouver.

Não obstante, também pude perceber idosos passivos, acanhados, subjugados, sedentos por algo que os tire deste estado de tibieza. É como se não reconhecessem em si o valor de suas identidades, culturas, saberes e conhecimentos forjados pela modernidade.

Alguns pontos nucleares da modernidade devem ser compreendidos: o projeto moderno é hegemônico (sempre haverá um grupo hegemônico e diversos grupos excluídos, subalternizados, ocultados); o projeto moderno é uniformizador: os considerados mais diferentes serão expulsos (mortos, torturados, presos ou jogados na miséria) e os menos diferentes serão uniformizados; o projeto moderno se funda na lógica nós (superiores, civilizados, europeus) versus eles (selvagens, bárbaros, índios, africanos, muçulmanos, judeus, mulheres, inferiores, incivilizados, preguiçosos, etc.). (BELLO; VAL, 2014, p. 110)

Assim, o processo do envelhecimento vai sendo construído em meio aos lugares, circunstâncias, acontecimentos, relacionamentos, comportamentos, sem demarcações fixas, mas fluidas e carregadas de representações e significados. O idoso apresenta-se como um paradigma para si mesmo e para a sociedade.

4.3 “Então, tudo começou há 40 anos atrás”. As histórias de vida dos idosos

Até o momento, esta pesquisa vem abordando o envelhecimento humano sob várias concepções, vindas desde teóricos da educação, da psicologia, antropologia, sociologia e gerontologia, além da geografia, estatística e legislação. Porém, de acordo com o material coletado sobre os posicionamentos dos idosos, suas identidades e histórias da vida, a abordagem daqui para frente se torna mais profunda e sensível por se tratar da própria posição do idoso acerca destes aspectos, sendo ele o protagonista, a peça central, a lente por onde somos convidados a enxergar.

Algumas questões provocativas e abertas foram apresentadas aos idosos, de forma que eles ficaram livres para expressar seus posicionamentos e compartilhamentos de trechos

significativos de suas histórias de vida. São questões como: fui criado assim...; envelhecer para mim é...; a vida me ensinou...; a UMI significa para mim...

Não iremos transcrever todas as observações, e sim pontuaremos frases e aspectos que possam expressar, de alguma forma, suas percepções daquilo que foi construído durante sua vida e que hoje é a teia de sua história única, singular, incomparável.

Quero registrar neste momento que, ao apresentar esta ideia aos idosos, fiz questão de explicar a importância de eles olharem para sua vida desde a infância até os dias de hoje e valorizarem tudo o que lhes aconteceu, como bagagem do que se tornaram hoje, e mais: o que eles diriam aos jovens da universidade ou de sua família? E ainda, será que você já falou para sua família sua história de vida? Muitos ficaram admirados, surpresos, animados. Outros ficaram distantes, incomodados, como se tivessem perdido esta oportunidade! Alguns me entregaram o material na semana seguinte, outros demoraram. Alguns enfeitaram o material com recortes, enfeites, desenhos, colagens, capa e escreveram muito. Uma aluna me entregou um envelope colorido, com uma carta feita em dobradura, até não dar mais para dobrar! Outros entregaram poucas palavras, papel amassado, outro fez linha no papel para escrever retinho... Confesso que fiquei muito emocionada com cada uma dessas manifestações, que são mais do que simbólicas; são gestos concretos, que mostram um pouco de quem é aquela pessoa que se expôs num pedaço de papel.

O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, portanto, é necessário a tomada de consciência inerente à passagem de uma compreensão da formação do sujeito para o conhecimento das características da sua subjetividade em exercício. Este processo exige uma responsabilização do sujeito e põe em evidência a autonomização potencial como escolha existencial. Assim, este autoconhecimento poderá inaugurar a emergência de um eu mais consciente e perspicaz para orientar o futuro da sua realização e reexaminar, na sua caminhada, os pressupostos das suas opções. Esses são os objetivos formativos da abordagem histórica de vida, além das aprendizagens que a abordagem, tal como é proposta, pode favorecer. (JOSSO, 2004, p. 60)

Como já vimos ao longo desta pesquisa, a história de vida é uma narrativa que expressa a forma como o sujeito se vê, assim como vê as coisas ao seu redor, o que pode nos dar pistas acerca de como os idosos se vêem hoje, assim como o que lhes aconteceu no processo de estruturação de suas identidades, ao longo de suas vidas.

A forma como articulam suas identidades, naturalizadas numa determinada época, em relação a uma época de liquidez de valores, significados e até mesmo dessas identidades,

na qual estamos inseridos atualmente, é um desafio que os idosos enfrentam e que motivou o desenvolvimento desse item, particularmente, no qual suas palavras traduzem um pouco de sua visão de mundo no momento presente. De acordo com as considerações de Josso (2004), a tomada de consciência faz com que a mesma forma como as coisas são percebidas também as faz ser projetadas. Daí podermos pensar o envelhecimento de forma plural e complexa, a partir dos afetamentos que atravessaram sua trajetória de vida, interferindo na forma como se sentem e encaram a velhice.

a) Estigma e estereótipo: A preocupação com a estética.

“No início não me senti muito feliz com as limitações, ganho de peso, olhar no espelho e ver as rugas aparecendo, me senti feia! Porém estou me aceitando e buscando me integrar na sociedade”. (Pérola)

Esta fala demonstra, de forma simples e objetiva, como a aparência física pode ser incômoda para algumas pessoas, geralmente mulheres, ao se deparar com alterações da pele, do corpo, do cabelo, numa sociedade que valoriza predominantemente a juventude. Sentir-se feia e procurar se aceitar e se integrar são expressões muito marcantes, pois mostram a força dos estereótipos e a exclusão silenciosa: só pensa em se incluir quem se sente excluído, e isto representa um desafio à dignidade humana (MARIN, 2009). Além disso, observa-se uma forte valorização da juventude e a constituição de sociedades narcisistas e individualistas. A estetização da existência induz a

[...] um horizonte, onde os valores de profundidade e interioridade estão perdendo gradativamente espaço, sendo, em decorrência disso, substituídos por valores relativos à superfície e exterioridade (PITANGA, 2006, p. 16).

O estigma social da velhice como problema refere-se à ideia de decadência decorrente do critério biológico, associado à doença e deterioração do corpo, em detrimento de toda a plenitude que o processo do envelhecimento representa (MINAYO, 2006), levando a uma rejeição da velhice e ao desprezo do próprio idoso quanto à sua condição (NERI; FREIRE, 2000)

Embora a velhice seja nada além do que um construto social, o preconceito continua florescendo. A idade é uma categoria embutida dentro dela mesma, é discutível e obsoleta. Enquanto todos os outros estágios da vida são planejados e construídos social e culturalmente e não existem conflitos para eliminar a infância, a adolescência e a idade adulta do panorama do desenvolvimento humano, a velhice é colocada à margem (Andrews, 1999), pois ao mesmo tempo em que as pessoas querem viver muito, não

querem ficar velhas nem se parecer com velhos. (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, s/p)

Neste mesmo sentido, relatos sombrios também demonstram que envelhecer “*é muito triste, nunca queria ser velha, tenho vergonha de ser velha gorda, não gosto*” (Jade); “*infelizmente, não gosto de envelhecer, porém é melhor do que morrer. Talvez seja porque tenho muito medo da morte e a velhice me faz pensar que a cada dia estou mais perto dela*”. (Ametista)

Além do aspecto da estética, a imagem negativa do envelhecimento é muito explícita neste depoimento, a ponto de a participante sentir vergonha. É como se não houvesse ganhos em envelhecer, a pessoa se sente triste. Fim da linha, não há o que esperar, a não ser a morte. Ou seja, o pessimismo e o temor demonstram o estigma do envelhecimento doentio e funesto, o que outrora foi justificado pela visão da velhice como doença e algo em que não se deposita nenhuma esperança e valor, quando envelhecer passa a ser vivido também como indesejável, em geral por estar vinculado à ideia de finitude (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

b) Valores, afetamentos e enfrentamentos:

Ao rever suas histórias de vida, alguns idosos relataram que tiveram uma infância muito difícil na roça, ou sofreram maus tratos, e que a vida melhorou quando foram para a cidade. Por isso, acham que estão melhor agora do que na infância. “*O envelhecimento pra mim foi muito rápido pois, depois de adulta, eu não cuidei de mim. Eu casei cedo e depois só pensava em trabalho e cuidar dos filhos para que não faltasse nada para eles. Foi aí que eu percebi que já estava muito velha*”. (Safira)

Este exemplo retrata os papéis sociais desempenhados e naturalizados como valor muito comum e aceito socialmente, numa sociedade moldada pela modernidade, na qual se confere uma situação de desvantagem social ao idoso (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008), relacionada à produtividade. Ou seja, a pessoa acredita que seu valor esteja atrelado à juventude, autonomia e produtividade (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008)⁶.

⁶ Em tempo: não pretendo julgar os relatos, mas tentar compreender o que é mostrado nas entrelinhas, e que pode mostrar um pouco mais das culturas nas quais as identidades dos idosos foram forjadas em suas origens e ao longo de suas vidas.

Pude observar muitas histórias de superação de preconceito para estudar, trabalhar, criar os filhos e cuidar dos deveres familiares. *“Hoje eu me vejo muito importante pra minha família”* (Aquamarine); *“Muitas coisas na vida eu não achava que valeria. Apenas hoje descobri a importância dos meus valores”*. (Esmeralda)

Isso mostra que muitas pessoas estão percebendo hoje o papel que tiveram e têm em seus diversos contextos sociais, o que lhes dá a sensação de dever cumprido e de enxergar seu valor, até então subjugado.

Outros projetaram nos filhos suas realizações: *“E hoje eu tenho muito orgulho de meu filho, porque eu consegui realizar meu sonho”*. (Rubi)

Esta fala é muito interessante, pois mostra a projeção do sonho pessoal no outro. E isto criou uma satisfação, pois seus esforços foram para dar condições ao outro. Os seus interesses foram transferidos e sua existência é justificada pelos esforços em fazer pelo outro o que não se teve para si.

Também houve casos em que os obstáculos foram enfrentados a partir da fé, como a seguir:

“Então, tudo começou há exatamente 40 anos atrás. Tinha 22 anos e me encontrava no fundo do poço. Revoltada, amargurada, triste, decepcionada, sem nenhuma esperança no futuro, não conseguia ver nada de bom, nada de real na minha vida. Foi quando decidi acabar com minha vida. Isto foi em uma quinta-feira, quando tomei esta decisão. Comecei a maquinar o mal contra mim mesma, passei aquela noite decidindo com fazer. Mas, aconteceu algo sobrenatural na sexta-feira à noite: fui impactada com um grupo de jovens que cantavam alegremente uma música com este refrão: Cristo é real, Cristo é real, pode um sonho parecer, mas Cristo é real. Isto foi um marco em minha vida. Recebi esta mensagem, ela passou a fazer parte integrante da minha vida, transformou a minha vida. Casei há 32 anos atrás, tivemos 3 filhos, hoje formados e casados. E por esta razão, posso e ajudo muitos jovens, principalmente dependentes químicos. Sou amada por Deus, consigo amar o próximo e sei quem eu sou. Hoje me sinto realizada”! (Opala)

Esta história retrata uma época em que havia muita desinformação em relação a questões relacionadas à saúde mental, especialmente na detecção e no diagnóstico de transtornos psicológicos e emocionais, além do preconceito de achar que quem precisava cuidar da cabeça era louco.

Uma forte religiosidade também é registrada como caminho para a superação de transtornos desta ordem, o que, neste caso, foi de grande valia, pois possibilitou a abertura

de um horizonte para quem não tinha nenhum, a ponto de reestruturar sua vida, construir uma família e servir voluntariamente a uma causa que a interessava e lhe trazia realização. Esta pessoa transformou seus sofrimentos em atitudes construtivas para promover o bem comum.

c) Percepções sobre cultura e identidade

Outras pessoas percebem o envelhecimento como uma vitória, depois de tudo o que lhes ocorreu na vida, o que demonstra a forma eficaz de enfrentamento relacionado aos acontecimentos, valorizando os recursos internos, frutos destas experiências (WHO, 2005). *“Envelhecer pra mim é tranquilidade porque consegui alcançar os objetivos”* (Zircônia); *“é quando começamos a pensar mais em nós”* (Ágata); *“é ter qualidade de vida e fazer tudo o que gosto”* (Âmbar); *“é felicidade”*. (Granada)

Da mesma forma, o trecho seguinte aponta para a construção da trajetória pessoal, com desencontros e enfrentamentos que foram ressignificando sua existência:

“Estou contando minha história vencedora com muito orgulho e pouco estudo! Segundo ano escolar, aos sete anos comecei na roça. Éramos 17 irmãos, todos trabalhavam. Meu pai só deixava assinar o nome. Casei com 17 anos, continuei trabalhando e dona de casa. A noite, tinha uma escola na roça que tinha o mobral, e eu fui estudar. Fiz o mobral completo. Já me sentia uma grande vencedora, aprendi a ler e escrever. Sou uma grande mãe, tive três filhos e duas adotivas, menores de rua de São Paulo. Eram bebezinhos, para mim foi a maior alegria da minha vida, foi um sonho. Aos 15 anos, uma delas voltou para a rua, a outra é casada, mãe de três filhos. Ai, como é triste você criar, dar estudo completo e eles tem o direito da sua escolha de vida. Os estudiosos dizem que a diferença é o sangue, mas o amor é o mesmo. Foi difícil aceitar essa perda. Hoje sou conformada, me resta rezar por ela, não perdi, só ganhei! Na roça, tinha um sonho de ser costureira. Já foi um passo a mais para mim ser esta profissional. Na UMI descobri o trabalho de artesanato, foi uma descoberta maravilhosa, eu vi em mim um trabalho de pintura artesanal, aprendi a fazer boneca, que era um desejo de infância. Aprendi que tudo vale a pena, tudo foi um propósito de Deus, agradeço tudo de bom e de ruim, hoje eu sei meus valores”. (Turmalina)

Esta história começa de uma forma impactante. A forma como ela se vê revela uma identidade forte, que foi construída em meio aos reveses da vida e cujos valores foram reforçados da mesma forma através de tudo o que foi lhe acontecendo. Seus sonhos nunca morreram; ao contrário, a cada etapa vencida ela já tinha outro em mente. O sentimento de gratidão revela uma grande capacidade de superação e aceitação das escolhas dela e dos outros.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), considera qualidade de vida como “a percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida dentro do contexto de sua cultura e do sistema de valores de onde vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito muito amplo que incorpora de uma maneira complexa a saúde física de uma pessoa, seu estado psicológico, seu nível de dependência, suas relações sociais, suas crenças e sua relação com características proeminentes no ambiente (THE WHOOL GROUP, 1994, 2006, p. 28).

Alguém transformou em poesia sua resposta: *“Envelhecer para mim é uma dádiva, porque nem todos que nascem envelhecem. Vamos aprendendo muito com as luzes do entardecer da vida, na sabedoria que brota das experiências. Entender a vida não como um problema a ser resolvido com amarguras, mas como um mistério a ser descoberto e partilhado na gratuidade do amor de cada dia”*. (Turquesa)

Algumas pessoas relatam que têm consciência de seu valor, apesar do discurso contrário do capitalismo contemporâneo: *“sou aposentada, não inútil”*. (Topázio)

A este respeito, existe um mito relativo à ideia de que o idoso, em geral aposentado e, em alguns casos, dependente financeiramente, perde o seu valor social, dando vazão à ideia de decadência associada à velhice. Nesses casos, é comum o próprio idoso, envolvido pela noção de descarte, sentir-se desvalorizado e, assim, buscar o isolamento do mundo (MINAYO, 2006).

Estou com 70 anos, não me vejo velha. Na minha casa tem um quintal, carpo e planto rama de mandioca. Moro com Deus e uma cachorra brava, minha companheira. Tenho minhas roseiras e uma hortinha. Graças a Deus, estou com muita saúde. (Diamante)

É muito comum ouvir pessoas relatar que não se sentem velhas, não por rejeitar a velhice, mas porque não se sentem limitadas pelo processo de envelhecimento.

Soares (2012) explica que este estranhamento se deve à percepção da pessoa que sabe que não é mais jovem, mas que ainda não se considera velha, o que gera um período de indefinição (não-lugar), denominado envelhescência.

Berlinck (2000, p. 196) também diferencia envelhescência de envelhecimento, explorando a lógica de que a primeira nasce como consequência do segundo. O envelhecimento recebe uma conotação negativa ao ser associado à decadência; já na envelhescência, o sujeito se encontra na situação de pensar seu processo de envelhecimento, o que se considera “[...] um esforço solitário, que pode enriquecer o mundo interno do sujeito”.

A envelhecimento gera um processo de ressignificação e valorização da vida de forma a permitir que o envelhecido lide melhor com os obstáculos inerentes ao processo de envelhecimento. Assim, pode-se dizer que esse sujeito envelhecido se desenvolve sob uma lógica contrária à que se evidencia na dinâmica estigmatizadora do velho, de passividade e perdas, contribuindo, em longo prazo, para a quebra de paradigmas dessa natureza. Com isso, o envelhecido concorre para o desenvolvimento e manutenção de uma nova visão do idoso, na qual se reconhecem suas possibilidades de vida, valorizando-as. (TEIXEIRA, 2015, p. 511)

A história de vida de cada um desses idosos poderia inspirar muitas reflexões sobre diversos aspectos socioculturais, especialmente em relação à construção de sua identidade e à valorização de seus contextos:

O ser humano só existe realmente enquanto membro participante de um grupo social. Estou falando da família, daí meu interesse pela história, costumes da época, forma de comunicação, porque tenho esse nome? Donde vieram os antepassados? Quando eu nasci, onde meus pais moravam, a comunicação era através de recado, cartas, bilhetes levados por amigos, combinados entre os moradores da região, inclusive tiros de carabina calibre 44, que chamavam de ‘justiça de Mato Grosso’. Quando alguém estava em apuros, davam um tiro e logo chegava socorro. Se fosse nascimento de um bebê, pra avisar que era menina eram ímpar, se menino era par. Quando eu nasci deram três tiros e gritaram: é uma menina; os maldosos diziam que nasceu uma baixa tua. A mãe e o pai disseram: vamos dar esse nome. Mas a parteira disse: o parto foi muito difícil, então fiz uma promessa ao Senhor Divino Espírito Santo e o nome vai ser este. Os pais concordaram e afirmaram, a senhora vai ser madrinha dela. Ela ficou uma semana cuidando de mim e não cobrou nada, pois nesta época nenhuma ganhava nada mesmo. Cada um de nós deve conhecer nossa origem, o que faz parte de cada um. (Lápis Lazuli)

O trecho acima traz marcas de um tempo em que a comunicação era precária e os códigos eram uma forma usual de se saber dos acontecimentos e providenciar socorro, ajuda, etc. A religiosidade mais uma vez se mostra como uma marca cultural muito forte, e a vida das pessoas e das comunidades era perpassada a todo o momento por seus significados.

Os homens e mulheres desempenhavam papéis bem delimitados, e pouca ou nenhuma recompensa ou remuneração era dedicada às mulheres; inclusive o nascimento de menino ou menina era tratado de forma diferente. Mas o texto traz um grande interesse pela origem do nome, o que fez com que a pessoa investigasse sua história como valor que lhe pertence e a constitui.

Portanto, buscamos registrar, identificar e observar de várias formas como os idosos da UMI/UCDB se percebem diante do processo do envelhecimento, superando e suscitando

novos horizontes/paradigmas para si e para os outros, valorizando também os saberes que se manifestam através de sua cultura, identidade e histórias de vida carregadas de significados diversos, a partir de suas contribuições praticamente autobiográficas, mesmo que em fragmentos. Esses fragmentos permitem tanto uma ressignificação do processo de envelhecimento quanto uma maior conscientização da cultura do envelhecimento, numa sociedade mais preparada para enfrentar os desafios da longevidade.

5. CONSIDERAÇÕES

Desde o início desta pesquisa, a partir da contextualização das motivações pessoais e profissionais para desenvolver a temática do idoso, procurei trazer alguns aspectos históricos e demográficos que ocorreram e ainda ocorrem no desenvolvimento das sociedades, em vista do respeito e da valorização do processo do envelhecimento; onde quer que o idoso esteja inserido na sociedade, desde a família a grupos diversos, ele deve ser valorizado, protegido e dignificado como ser humano, como cidadão, como sujeito.

Estudar o idoso é estar diante de uma realidade multicultural, repleta de desafios pessoais e sociais. A presente pesquisa trouxe aspectos teóricos e, principalmente, dados empíricos relevantes desta população, respeitando sua alteridade; a partir de suas falas e percepções, podemos observar o quanto são significativas suas partilhas, pois trazem questões muitas vezes naturalizadas, revestidas de estereótipos preconceituosos e homogeneizados sobre a cultura do envelhecimento.

Como pesquisadora, venho aprendendo com os idosos a valorizar o que cada um tem a contribuir com suas experiências e histórias de vida, e que estas não deveriam ser desperdiçadas pelas pessoas e lugares que fazem parte de seu entorno social. No decorrer desta pesquisa, foi possível observar quão importante é a participação das UNATIs na promoção do envelhecimento digno e inspirador, especialmente no meio acadêmico.

A valorização de sua história de vida como parte do processo do envelhecimento foi, para muitos, uma novidade, algo inusitado; mas, a partir do resgate de suas experiências, eles são convidados a ressignificar sua forma de olhar para si e para seus contextos, o que faz com que se sintam libertados, a partir da tomada de consciência de seus valores e conhecimentos. Além disso, por ser uma população experiente e amadurecida, são tão

exigentes quanto flexíveis, como se fossem dois pesos numa balança que pondera de forma mais equilibrada o valor de cada coisa.

A partir das narrativas das histórias de vida dos idosos, foi possível observar que, no contexto social em que viveram, construíram identidades marcadas pela subalternidade em algum momento de suas vidas. Porém, também foram apresentadas histórias de vida que traziam atitudes de enfrentamento e auto-valorização que refletiram satisfação em relação a suas identidades.

O papel do idoso foi, muitas vezes, construído com passividade ou sufocado pelo próprio idoso e pela sociedade. Mas o idoso sofre as consequências destes paradigmas cristalizados no imaginário coletivo ocidental. Por outro lado, os idosos de hoje são convidados ao envelhecimento ativo, ao protagonismo em relação a sua autonomia diante da saúde física, mental, social e cultural.

Neste sentido, as políticas públicas estão sendo gradativamente implementadas para atender às necessidades da população idosa em todo o mundo, considerando suas fragilidades e brechas que precisam de respaldo legal, a fim de preservar basicamente a dignidade da pessoa humana até o fim da vida.

Em vários depoimentos, pudemos constatar, acerca do lugar do idoso na sociedade atual, o valor de sua identidade e posicionamento, ferramentas de construção de uma conscientização da cultura do envelhecimento em vários espaços dedicados à educação, garantindo suas diferenças e autenticidade.

Acerca do apoio do Papa Francisco (2018), referindo-se à responsabilidade dos idosos em transmitir suas experiências de vida, percebi que a maioria os idosos se sentiram motivados a partir deste trabalho, nas ocasiões de exposição da proposta desta pesquisa. Quando perguntados se já tinham contado suas histórias de vida a seus familiares, demonstraram grande admiração, como se achassem que isso era coisa do passado e, mais do que isso, coisa ultrapassada, o que me remete a pensar nas relações de subalternização, tão defendidas por Spivak (1985).

Desta forma, as identidades dos idosos devem ser valorizadas na sociedade atual em seu próprio benefício, quebrando paradigmas ultrapassados que geram preconceitos, ao invés de aumentar diferenças num mundo cheio de complexidades e questões desafiadoras

que necessitam de vários olhares para melhor enfrentá-las, e no qual o silenciamento, a invisibilidade e a marginalização atrapalhariam todo este processo.

Novos desafios e reflexões surgem a partir da análise sensível dos dados coletados e apresentados, como forma de motivar novas pesquisas no campo do envelhecimento humano em suas várias demandas. O campo da Educação mostra-se especialmente profícuo para tratar desta temática, considerando sua capilaridade na sociedade, além da sua incontestável importância na formação do indivíduo em todos os lugares, culturas e contextos, dentro e fora do campo acadêmico.

E ainda, para se trabalhar o currículo com idosos, é importante incentivar seu aprimoramento através das aulas, considerando sua interatividade, que deve ser constantemente estimulada. Um dos principais objetivos das aulas oferecidas aos idosos está na valorização do processo educacional, que é atravessado pelo empírico, pelas trocas, pela expressão de suas percepções e de suas vivências.

Esta pesquisa faz parte de uma ação de promoção à conscientização do ambiente acadêmico sobre seu papel educador na formação dos jovens acerca do envelhecimento humano, e os atravessamentos que esta proposta provoca.

Olhar para o outro sempre foi um desafio para o ser humano na construção das sociedades. Inclusive não olhar para o outro também constrói sociedades com estes valores invisibilizados, o que fomenta o ciclo da subalternização, da intolerância e da marginalização.

Desta forma, promover um processo educacional que olhe para os idosos, que olhe para o envelhecimento humano, é garantir que os jovens em formação percebam esta população desde já em seus estudos, nas diferentes áreas do conhecimento.

Da mesma forma, a conscientização também deve ser trabalhada com os próprios idosos que muitas vezes não sabem como contribuir com as novas gerações, o que demonstra um aparte social, ou uma linha invisível para quem está do lado de lá ou de cá, como diria Boaventura de Souza Santos (2007) acerca do pensamento abissal.

Desta forma, a realidade sociocultural e a projeção demográfica da população idosa no Brasil e no mundo convidam as novas gerações a olhar com entusiasmo para as questões que atravessam a construção e a sustentabilidade da longevidade, provocando, sobretudo, um olhar de valorização para o idoso enquanto sujeito ativo e digno de reconhecimento. A

construção desta proposta, em toda sua complexidade e diversidade, necessita observar a importância das Universidades voltadas à Terceira Idade, representadas pela UMI nesta ocasião, na promoção do envelhecimento digno e inspirador, a partir do meio acadêmico, considerando o impacto social que este meio proporciona na construção de uma sociedade mais justa, responsável e cidadã.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, F. R. B. **Envelhecendo com Dignidade: O Direito dos Idosos como o Caminho para a Construção de uma Sociedade para Todas as Idades**. Niterói: UFF/ Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, 2005.
- ANDREWS, M. **The seductiveness of agelessness. (A Sedução da Eternidade)** *Cambridge University: Ageing and Society, (Envelhecimento e Sociedade)* 19 (3), 301-318; 1999. Publ. online.
- BACKES, J. L.; NASCIMENTO, A. C. **Aprender a ouvir as vozes dos que vivem nas fronteiras étnico-culturais e da exclusão: um exercício cotidiano e decolonial**. Campo Grande: UCDB, Série Estudos, v. 31, p. 25-34, 2011.
- BARBERO, J. M. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BARRETO, M. L. 1992. **Admirável mundo velho velhice, fantasia e realidade social**. São Paulo: Ática, 237 pp.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 176 p.
- BEAUVOIR, S. de. **A velhice: realidade incômoda**. (2ª ed.). São Paulo: DIFEL, 1976. 339 pp.
- _____. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BELLO, E.; VAL, E. M. (orgs.). **O pensamento pós e descolonial no novo constitucionalismo latinoamericano** [recurso eletrônico]. Caxias do Sul: Educs, 2014.
- BERGOGLIO, J. M. (S. S. Papa Francisco). **Sabedoria das idades**. São Paulo: Loyola, 2018.
- BERLINCK, M. T. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, 2000.
- BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- BOARETTO, R. C.; HEIMANN, L. S. **Conselhos de Representação de Idosos e estratégias de participação**. In: VON SIMSON, O. R. de M.; NERI, A. L. e CACHIONI, M. (org.). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas: Alínea, Col. Velhice e Participação Política, 2003.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. K. **Qualitative Research for Education. (Pesquisa Qualitativa em Educação)**. Boston: Allyn and Bacon, Inc., 1982.

- BORBA, S. da C. **Aspectos do conceito de multirreferencialidade nas ciências e nos espaços de formação.** In: BORBA, Sérgio da Costa (Org.). Reflexões em torno da abordagem multirreferencial. São Carlos: EdUFSCar, 1998.
- BORGES, B. **Educational Program for Older Adults as a Source of Health Promotion/** Faculty of Education/ Department of Educational Administration, Foundations & Psychology. Winnipeg University of Manitoba, 2018.
- BRASIL. **Política Nacional do Idoso.** Brasília: Lei n. 8.842, 1994.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 1988.
- BRASIL. **Estatuto do Idoso.** Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 4ª ed. 2009.
- BRUNDTLAND, G. **Our Common Future (Nosso Futuro Comum).** London: Oxford University Press, 1987.
- _____. **Informe mundial sobre la violencia y la salud.** Washington, D.C., Organización Panamericana de la Salud, Oficina Regional para las Américas de la Organización Mundial de la Salud, 2002.
- BUJES, M. I. E. Descaminhos. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 11-33.
- CACHIONI, M.; AGUILAR, L. H. **Crenças em relação à velhice entre alunos da graduação, funcionários e coordenadores-professores envolvidos com as demandas da velhice em universidades brasileiras.** São Paulo: Revista Kairós, 11(2), dez. 2008.
- CACHIONI, M. **Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de universidades da terceira idade.** Tese (Doutorado em Gerontologia). Campinas: Faculdade de Educação, Unicamp, 2002.
- CACHIONI, M.; NERI, A. L. **Educação gerontológica: desafios e oportunidades.** São Paulo: Vivencer – Revista Interdisciplinar sobre o envelhecimento, v. 1 (jan.-jun.), n. 1, 2004, pp. 69-78.
- CANDAU, V. M. **Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas de Educação.** Porto Alegre: impresso, v. 37, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2014.
- _____. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas.** *Currículo sem Fronteiras.* v. 11, n. 2, p. 240-255, Petrópolis: Vozes, 2011.
- _____. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica.** In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. *Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas.* Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. **Direitos humanos e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença.** Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, n. 37, jan./abr. 2008.
- _____; MOREIRA, A. F. (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** 4ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- _____. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos.** Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 156-168, maio/ago. 2003.

- CASTRO-GOMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Comp). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre, 2007. p. 127-167.
- CHAIMOWICZ, F. **A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas**. São Paulo: Revista de Saúde Pública 31(2):184-200, 1987.
- CINTRA, Dorinaldo *et al.* **Reflexões acerca do estigma do envelhecer na contemporaneidade** Porto Alegre: Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento, v. 20, n. 2, p. 503-515, 2015.
- COSTA, M. V. **Novos olhares na pesquisa em educação**. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. E. (Orgs.). 2ª ed. Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- _____ (Org). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2000.
- _____. **Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares**. In: COSTA, M. V. (org) Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.
- DA SILVA, F. M.; DE SOUZA, I. M.; DA ROCHA, R. A. **Universidade da terceira idade, compromisso social e compromisso institucional**. São Paulo: Extensio: Revista Eletrônica de Extensão, v. 14, n. 27, p. 4-18, 2017.
- DAMICO, J. C. S.; KLEIN, C. **O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social**. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- DE CASTRO, A. M. **Terceira idade: o discurso dos experts e a produção do "novo velho"**. Porto Alegre: Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento, v. 4, 2002.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Ed. Edusp/Fapesp, 1999. 266pp.
- _____. **Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade**, pp. 49-67. In Lins de Barros, M. M. (org.). Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- _____; NÉRI, A. L. **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.
- DIAS, M. B. **Manual de Direito das Famílias**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 11ª ed. rev., atual. ampl., 2016.
- DOLL, J. **Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento**. Porto Alegre: Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento, v. 12, p. 7-33, 2007.
- DOMINICÉ, P. **O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais**. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. O método (auto) biográfico e formação. São Paulo: Paulus, 2010. Cap. 03, p. 81-95.
- FALEIROS, V. P. **Violência na velhice. O social em questão**. Rio de Janeiro: Guanabara v.11, n.11, pp.7-30. Pós-Graduação em Serviço Social. 2004.
- FEATHERSON, M. **O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento**. Textos didáticos. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998.

- FEIJÓ, M. das C. C.; MEDEIROS, S. da A. R. **A Sociedade Histórica dos Velhos e a Conquista de Direitos**. São Paulo: Educ/NEPE, Revista Kairós Gerontologia, 14(1).
- FISCHER, R. M. B.. **Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê**. In: M. V. Costa; M. I. E. B. (Org.). Caminhos investigativos III: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. 1ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- FLÔRES, V. M. da S.; TOMAZZETTI, C. M. **A gestão na educação infantil: concepções e práticas**. In: ANPED SUL – SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL. Caxias do Sul, 9/2012. Disponível em: Acesso em: 21 set. 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIMENO SACRISTAN, J. **A educação obrigatória: seu sentido educativo e social**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. **Políticas de la diversidad para una educación democrática igualadora**. In: SIPÁN COMPAÑE, A. (Coord.). Educar para la Diversidad en el siglo XXI. Zaragoza: Mira, 2001.
- GOLDFARB, D. C. **Velhices fragilizadas: espaços e ações preventivas**. In Velhices: reflexões contemporâneas. Edição comemorativa dos 60 anos SESC e PUCSP. Org. SESC-PUCSP (pp. 73-85). São Paulo: SESC-PUC. 2006.
- GUERREIRO, I. C. Z.; MINAYO, M. C. de S. **O desafio de revisar aspectos éticos das pesquisas em ciências sociais e humanas: a necessidade de diretrizes específicas**. Rio de Janeiro: Revista Saúde Coletiva, 2013.
- GUSMÃO, N. M. M. de. **Os desafios da diversidade na escola**. In: A. GIDDENS. (org.), Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2003, p. 83-105.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao>
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- KLEIN, C.; DAMICO, J. G. S. **O uso da etnografia pós-moderna para análise de políticas públicas de inclusão social**. In: PARAÍSO, M. A.; MEYER; ESTERMAN, D. (Org.). Metodologias pós-críticas de pesquisas em Educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. v. 1, p. 51-72.
- LARROSA, J.. **Tecnologias do eu e educação**. In: SILVA, T. T. da (Org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.
- LEME, L. E. G. **A Gerontologia e o Problema do Envelhecimento**. Visão Histórica. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia – a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, p. 13-25. 1999.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- LUFT, L. **Perdas & Ganhos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003 (1ª ed. 1993).
- MACHADO, R. **Por uma genealogia do poder**. In: Microfísica do Poder. FOUCAULT, Michel. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

- MALDONADO-TORRES, N. **A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade.** In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do sul.* São Paulo: Cortez, 2010, p. 396-443.
- MARIN, J. **Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal no contexto da globalização.** Passo Fundo: Revista Espaço Pedagógico, v. 16, n. 1, p. 7-26, jan./jun. 2009.
- MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- MINAYO, M. C. S. **Visão antropológica do envelhecimento.** In: Vários colaboradores. *Velhices: reflexões contemporâneas* (vol. 1, pp. 47-60). São Paulo: SESC/ PUC, 2006.
- _____. **Violência contra idosos: relevância para um velho problema.** Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública, v.19, 2003.
- MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. **Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade.** São Paulo: Psicologia USP, v. 19, n. 1, p. 59-79, jan./mar. 2008.
- MOTTA, A B. da. **Gênero, idades e gerações.** Caderno CRH – Revista quadrimestral de Ciências Sociais do Centro de Estudos e Pesquisa em Humanidades da UFBA, vol. 17, n. 42, 2004.
- NERI, A. L. **Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa.** Qualidade de vida e idade madura. Campinas: Papyrus. 2003.
- _____. **Atitudes em relação à velhice: questões científicas e políticas.** In E. V. Freitas, L. Py, F. A. X. Cançado, J. Doll, & M. L. Gorzoni (Eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2ª ed. rev. e ampl., pp. 1316-1323, 2006.
- NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 1992. (Coleção Ciências de Educação).
- OLIVEIRA, H. **Etnografia e pesquisa educacional: por uma descrição densa da educação.** São Leopoldo: Ed. Unisinos 17(3): 271-280, set./dez. 2013.
- OLIVEIRA, R. C. S. **Terceira Idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis.** Campinas: Papyrus, 1999.
- OMS/INPEA. **Missing Voices: Views of Older Persons on Elder Abuse.** OMS/NMH/NPH/02.2. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.
- ONU (Organização das Nações Unidas). **Plano de ação internacional sobre o envelhecimento,** 2002. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. 49 p. (Série Institucional em Direitos Humanos; v. 1).
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.
- PAULA, A. P. de. **Manual do colaborador salesiano.** Brasília: Cisbrasil-CIB, 2008. (Coleção Literatura Salesiana); disponível em www.sdb.org.
- PEREIRA et al. **Contribuição dos domínios físico, social, psicológico e ambiental para a qualidade de vida global de idosos.** Rev. Psiquiat. Jan/Abr, 2006, v.28, n.1, p. 27-28.

- PERES, M. A. de C. **Velhice, trabalho e cidadania: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, Tese de Doutorado em Educação, 2007.
- PITANGA, D. A. **Velhice na cultura contemporânea**. 2006. 191 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Universidade Católica de Pernambuco, Recife
- ROCHA; S. TOSTA (orgs.), **Caminhos da pesquisa: estudos em linguagem, antropologia e educação**. Curitiba: CRV, p. 13-32.
- SANTOS, B. S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. São Paulo: Novos estudos – CEBRAP, n. 79, nov. 2007.
- SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007. (Coleção memória).
- _____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9ª ed. Campinas SP: Autores Associados, 2000.
- SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**. Campinas: Estudos de Psicologia, 25(4), 585-593. 2008.
- SECCO, C. L. T. R. **As Rugas do Tempo na Ficção**. Rio de Janeiro: Cadernos IPUB, n.10, 1999. Número especial: Envelhecimento e Saúde Mental. Uma Aproximação Multidisciplinar. pp. 9-33, pp.783-791.
- SILVA, L. R. F. **Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento**. Rio de Janeiro: História, Ciências, Saúde. v.15, n.1, p. 155-168, jan.-mar. 2008.
- SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SILVEIRA, R. M. H. **A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados**. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 117-138.
- SINÉCIO, N. B. O. **A melhor idade: como atendê-la?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Campo Grande, 1998.
- SINGER, P. I. **Dominação e desigualdade: estrutura de classes e repartição de vida no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. v. 17, n. 42.
- SIQUEIRA, R. L. de; BOTELHO, M. I. V. COELHO, F. M. V. **A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais**. Rio de Janeiro: Ciênc. saúde coletiva [online], 2002, vol.7, n. 4, pp. 899-906.
- SOARES, S. S. G. de S. **Envelhescência: um fenômeno da modernidade à luz da psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2012.
- SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010 [1ª ed. 1985].
- STRASSBURGER, V. M. **Como se ensina a ser velho/a – na experiência teatral do Grupo Sem Teias**. Canoas: ULBRA, 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil.

- TEIXEIRA, S. M. O. **Da velhice estigmatizada à dignidade na existência madura: novas perspectivas do envelhecer na contemporaneidade/ Capa > v. 16, n. 2 (2016) > Teixeira** <https://www.e-publicacoes.uerj.br/>
- TEODORO, M. F. M. **UnATI/UERJ: uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso.** Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, 2006. 175s.
- TOSTA, S. P.; ROCHA, G. **Antropologia & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VEIGA-NETO, A. Olhares. In: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 23-38.
- VELHO, G. **O desafio da proximidade.** In: G. VELHO; K. KUSCHNIR (orgs.), Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 11-19.
- VIEIRA, C. M. N. **A criança indígena no espaço escolar de Campo Grande/MS: identidades e diferenças.** Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco-UCDB. Tese (Doutorado em Educação), 2015. 228s.
- Vv. aa. **Projeto Político-Pedagógico da Universidade da Melhor Idade-UMI/UCDB.** Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, 2017.
- WALSH, C. **Interculturalidade, crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, reexistir e re-viver.** In: CANDAU, V. M. (Org.) Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- WARSCHAUER, C. **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna** (org. Beatriz Scoz et al.), Petrópolis: Vozes, pp. 13-23, 2004.
- WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: Silva, T. T. da (org.) Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, pp.7-72.
- WORLD Health Organization (WHO). (2005). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. Recuperado em 16/02/2013, de http://www.prosaude.org/ublicações/diversos/envelhecimento_ativo.pdf

ANEXO I – DADOS RECOLHIDOS DAS FICHAS DE MATRÍCULA

NATURALIDADE		ESTADO CIVIL	
Estado do M. Grosso do Sul	104	solteiros	23
outras regiões do Brasil	36	casados	54
Ásia	1	viúvos	40
		divorciados	18
		n/inf.	6
	141		141

GÊNERO		ESCOLARIDADE	
masculino	21	primário	3
feminino	120	fundamental	38
		médio/técnico	46
		superior	44
		pós-graduação	10
	141		141

FAIXAS DE IDADE		APOSENTADOS/AS	
79 a 89	8	sim	104
69 a 78	30	não	37
59 a 68	83		
49 a 58	20		
	141		141

DENOMIN. RELIGIOSA		PARTICIPAÇÃO UMI*	
católicos	85	saúde física e esporte	85
evangélicos	24	saúde mental e cultura	51
crístãos	11	saúde social, conv. e lazer	84
espíritas	7		
budistas	2	*item com múlt. escolha	
mórmons	2		

NA UMI/UCDB EM 2019	n/inf.	10		
		141		

**ANEXO II – DOCUMENTAÇÃO UNIVERSAL REFERENTE AOS
DIREITOS DOS IDOSOS**

ANO	DOCUMENTO	PRINCIPAL OBJETIVO
1948	Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU)	<p>Artigo XXII: Todo ser humano, como membro da sociedade, tem direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento da sua personalidade.</p> <p>Artigo XXV: Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle.</p>
1982	Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento/ Viena	<p>Artigo 1º Nós, representantes dos Governos, reunidos na II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, decidimos adotar um Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento para responder às oportunidades que oferece e aos desafios feitos pelo envelhecimento da população no século XXI e para promover o desenvolvimento de uma sociedade para todas as idades. No marco desse Plano de Ação, resolvemos adotar medidas em todos os níveis, nacional e internacional, em três direções prioritárias: idosos e desenvolvimento, promoção da saúde e bem-estar na velhice e, ainda, criação de um ambiente propício e favorável.</p>
1991	Assembleia Geral da ONU	<p>Adotou o Princípio das Nações Unidas em favor das Pessoas Idosas, enumerando 18 direitos das pessoas idosas – em relação à independência, participação, cuidado, autorrealização e dignidade.</p>

1993	Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) - Lei nº 8.742	Art.1º: A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas
1994	Política Nacional do Idoso (PNI) - Lei nº 8.842	I - a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida; [...] III - o idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza; IV - o idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a ser efetivadas através desta política.
2002	Declaração Política e o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento de Madrid	O Plano de Ação pedia mudanças de atitudes, políticas e práticas em todos os níveis para satisfazer as enormes potencialidades do envelhecimento no século XXI. Suas recomendações específicas para ação dão prioridade às pessoas mais velhas e desenvolvimento, melhorando a saúde e o bem-estar na velhice, e assegurando habilitação e ambientes de apoio.
2003	Estatuto do Idoso Lei nº 10.741	Art. 8º e 9º estabelecem a obrigatoriedade do Estado de garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, por meio de Políticas Públicas que permitam um envelhecimento digno. Art. 16º: É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.
2017	Lei 13.446	Dispõe de prerrogativas legais que visam proteger o idoso octogenário. Altera a Lei nº 8.036, de 11 de maio de 1990, para elevar a rentabilidade das contas vinculadas do trabalhador por meio da distribuição de lucros do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e dispor sobre possibilidade de movimentação de conta do Fundo vinculada a contrato de trabalho extinto até 31 de dezembro de 2015.
2018	Declaração de Viena sobre os Direitos Humanos das Pessoas Idosas.	A digitalização e as ferramentas tecnológicas podem servir como oportunidade para ajudá-las a manter ou fortalecer suas capacidades e permitir que vivam de maneira autônoma, independente e digna. Deve-se, portanto, garantir que essas oportunidades não se tornem desafios e que as pessoas idosas possam se beneficiar completamente das tecnologias. Nesse sentido, elas devem participar na elaboração, fornecimento e monitoramento destas, sendo a

		Declaração um importante passo para articular o pedido por mais proteção aos direitos dessa população muitas vezes sem voz e invisível.
--	--	---

ANEXO III – AGENDA DO IDOSO

AGENDA DO IDOSO

- Este material é uma ferramenta para o acompanhamento da saúde do idoso em seus diferentes aspectos: físico, mental, social e cultural;
- Serve de apoio a seus familiares, cuidadores e equipe multidisciplinar, dando maior segurança e continuidade das práticas de cuidados e intervenções quando necessárias.
- Promove a valorização da identidade do idoso, sua cultura e seu histórico de vida.

A AUTORA

Breve histórico

- Aianne Carelli Nasser de Mello é fisioterapeuta, atuante na área domiciliar, hidroterapia e docente da UCDB no programa UMI.
- A prática clínica fez com que desenvolvesse um apreço cada vez maior pela terceira idade.
- Constatou a necessidade de um material informativo sobre a vida do idoso, afim de facilitar a comunicação com a família e conscientizar sobre os assuntos a serem observados nesta fase da vida.

- Em meio a muitas observações das realidades que permeiam o idoso, surgiu a idéia de ajudar a organizar fatos e situações que foram e/ou são pertinentes para sua qualidade de vida.
- a convivência com os pacientes e seu entorno social ao longo dos anos, possibilitou várias análises de aspectos que todos os envolvidos necessitam, urgentemente, para favorecer a qualidade de vida e segurança no manuseio com o público idoso.

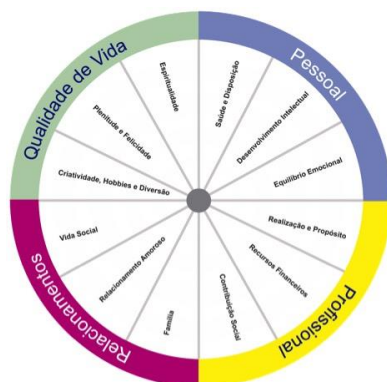
Objetivos

- Conscientizar das reais necessidades ligadas ao envelhecimento normal/fisiológico;
- Informar aspectos da saúde física, mental e social;
- Prevenir quedas e situações de risco;
- Auxiliar o manuseio com segurança;
- Organizar fatos importantes e rotinas;
- Criar oportunidades de socialização;
- Saber o que de fato interessa ao idoso, suas vontades e a revisão da sua história;
- Tratar de questões fundamentais sobre os direitos e autonomia do idoso na tomada de decisões: Protagonismo e empoderamento do idoso.

Envelhecer é um privilégio!

- A população brasileira está em transformação demográfica.
- O número de filhos por família diminuiu. Consequentemente, a proporção de idosos em nossa sociedade aumentou e aumentará ainda mais, de acordo com os institutos de pesquisa.
- As constantes inovações de vacinas, medicações, cirurgias, reabilitação em geral, melhores condições de saneamento básico, projetos sociais voltados ao idoso, grau de escolaridade, maior cuidado com alimentação e prática de exercícios físicos, favorecem que o indivíduo viva mais e melhor.

Aspectos da boa saúde



Envelhecimento normal

- O processo do envelhecimento é natural e acontecem mudanças previstas no organismo do ponto de vista metabólico, cognitivo(mental) e social
- Todos os órgãos e sistemas sofrem modificações mais ou menos graves de acordo com as condições genéticas, ambientais e estilo de vida.
- Na verdade se envelhece como se vive, e isto mostra o quanto é importante cuidar da qualidade de vida ao longo dos anos. Isto chama-se prevenção.

Alterações naturais do processo de envelhecimento

Ortopedia: desgaste articular, diminuição da densidade dos ossos e do volume dos músculos (massa magra), alterações do equilíbrio estático e dinâmico (marcha), diminuição da agilidade motora e coordenação.

Dermatologia: fragilidade da pele devido ao ressecamento e afinamento. Cuidar sempre: unhas curtas e lixadas (inclusive do cuidador), pele hidratada (a começar por beber água), cabeça e cabelos limpos e bem cuidados, uso de produtos para o corpo e rosto específicos. A auto-estima agradece!

Socialização

- O ser humano precisa relacionar-se para ter parâmetros de convivência e adaptação em todas as fases da vida;
- Conviver bem consigo mesmo favorece o bom convívio com o próximo;
- Participar da vida da família, manter contato com as amigas de longa data, fazer novos amigos, participar de grupos e/ou associações de interesse, inclusive voluntariado.

O ser idoso é um ser complexo!

- A percepção do idoso sobre sua história é algo que merece ser contado por ele mesmo. Este projeto pretende provocar uma reflexão sensível a este segmento da população, levando em consideração o processo de envelhecimento, seus contextos, suas histórias, identidades e cultura, além dos aspectos relacionados à saúde.

O CÉREBRO: “TUDO VALE A PENA SE A ALMA NÃO É PEQUENA” (FERNANDO PESSOA)

- O CÉREBRO SE ALIMENTA DE NOVIDADES, AFAZERES PRAZEIROSOS E ROTINAS PRODUTIVAS COMO LEITURA, CONVERSACÃO, ESCREVER, ARTES DE TODOS OS GÊNEROS, ETC, CONTANTO QUE TENHA SIGNIFICADO E INTERESSE DA PESSOA.
- O CÉREBRO TAMBÉM PRECISA DE ÁGUA, BOA ALIMENTAÇÃO E BOA RESPIRAÇÃO.
- QUANDO NECESSÁRIO, MEDICAÇÃO SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA.

Dados pessoais

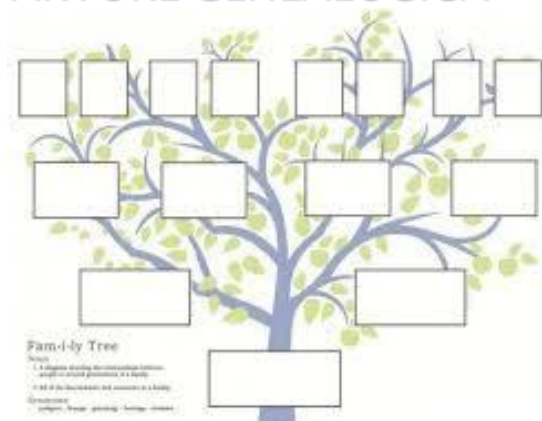
- Nome completo
- Data e local nascimento
- Endereço
- Tipo sanguíneo
- RG
- CPF
- Religião
- Escolaridade
- Telefone
- E-mail
- Doação de órgãos

RESPONSÁVEL FINANCEIRO: DADOS

NOME COMPLETO
TELEFONE
EMAIL

- DADOS APOSENTADORIA
- DADOS CONVÊNIO
(NOME/NÚMERO)


ÁRVORE GENEALÓGICA



COISAS FAVORITAS

- COMIDA
- MÚSICA
- FILME
- OUTROS
- LUGAR
- VIAGEM
- HOBY

Trabalhos que realizei...



Talentos, aptidões,
vontades...

**UM POUCO DA MINHA
HISTÓRIA...**

MOMENTOS MARCANTES

FUI CRIADA(O) ASSIM...

COMO ME VEJO:

A VIDA ME ENSINOU...

O QUE ESPERO DA VIDA?

Um olhar para mim, para os outros,
para o meio em que vivo!

QUAIS SÃO MEUS VALORES?

FAMÍLIA PARA MIM É...

PORQUE PARTICIPO DA UMI?

Qual seu significado em minha vida?
O que me faz participar da UMI?


ENVELHECER PARA MIM É...

HISTÓRICO DE SAÚDE

- CIRURGIAS
- DOENÇAS

Como observo hoje em dia a minha saúde física?

Alimentação/ vícios/ atividades
quotidianas, esportivas, terapêuticas/
dores/ limitações/ incapacidades/
dificuldades/ habilidades/ capacidades



Como observo hoje em dia minha saúde mental?

Compreensão do que é falado/ resposta coerente/ diálogo/ interesse em conversar/ interesse em se informar/ temperamento/ variação de humor/ sono/ esquecimento/ depressão/ etc



Como observo hoje em dia minha saúde social?

Relacionamentos pessoais, grupos familiares, amigos, grupos sociais, etc.



Prevenção

 **DICAS E CUIDADOS**

EQUIPE MULTIPROFISSIONAL: TRATAMENTOS

NOME	FUNÇÃO	TELEFONE	ÚLTIMA CONSULTA	PRÓXIMA CONSULTA

MEDICAÇÕES

NOME	DOSE	FREQUÊNCIA

Pressão arterial

Classificação	Pressão sistólica (mmHg)	Pressão diastólica (mmHg)
Ótima	< 120	< 80
Normal	< 130	< 85
Limitrofe*	130–139	85–89
Hipertensão estágio 1	140–159	90–99
Hipertensão estágio 2	160–179	100–109
Hipertensão estágio 3	≥ 180	≥ 110
Hipertensão sistólica isolada	≥ 140	< 90

Quando as pressões sistólica e diastólica situam-se em categorias diferentes, a maior deve ser utilizada para classificação da pressão arterial.

* Pressão normal-alta ou pré-hipertensão são termos que se equivalem na literatura.

CHECK-UP ANUAL: série de exames que visam a detecção precoce de patologias assim como o seu acompanhamento e controle.

1. odontológico;
2. médico: cardiológico, oftalmológico, urológico ou ginecológico;
3. outras especialidades conforme a necessidade;
4. exames laboratoriais de sangue, urina e hormonal;
5. exames de imagem conforme o caso para acompanhamento

Água /Hidratação

- A boa hidratação beneficia diretamente a saúde quanto à qualidade e funcionamento do corpo;
- Promove a motilidade e eficiência de todo trato digestivo
- Auxilia no metabolismo de medicações
- Estimula a desintoxicação organismo
- Hidrata todos as células do corpo favorecendo as conexões cerebrais/Funcionamento geral do cérebro
- Boa qualidade do sangue e de todo sistema cardio-circulatório
- Consumir em média 2 litros/dia

Prevenção quedas

- Boa iluminação direta e indireta dos ambientes (para não ofuscar a vista);
- Uso de óculos de grau e/ou de sol;
- Usar sapatos fechados na frente, de tamanho e modelo adequados, envolver o tornozelo para maior segurança, solado macio e com pouca elevação na região do calcanhar;
- Nivelamento do chão (não deixar fios expostos, tapetes, objetos, roupas e animais no caminho, especialmente entre a cama e o banheiro) e sinalização com fita adesiva colorida quando houver degrau ou defeito no piso;
- Uso de barras de apoio no banheiro e nas áreas de maior circulação.
- Evitar tapetes escorregadios.

Força muscular

- Caminhar, pedalar, nadar;
- Exercícios de força orientados por profissional;
- Realizar as atividades do dia-a-dia e cuidados pessoais sozinho o quanto for possível, com segurança e dentro do limite de dor quando for o caso.
- Cuidados com a postura.

Alongamento

- Exercícios respiratórios (encher bexiga, cantar);
- Espreguiçar;
- Fazer movimentos grandes, amplos em todas as articulações conforme orientação profissional.

Manter-se ativo

Dicas para o cuidador:

- Comunicar-se de forma clara e objetiva: fazer perguntas ou dar comandos simples.
- Falar devagar e com tom de voz firme. Tenha certeza que foi compreendido!
- Deixar a pessoa realizar o que consegue fazer sozinha, auxiliar só no que for necessário.
- Manter ambiente limpo e organizado.
- Cuidar mudança de postura a cada hora para evitar má circulação do sangue.
- Planejar os movimentos antes de executar, se possível com ajuda do paciente.

MANUSEIO SEGURO/MUDANÇAS DE POSTURA

- EM PÉ:
- Corpo alinhado
- Olhar para onde se quer ir
- Olhar para baixo só quando necessário (piso irregular)
- Um pé passa o outro e o primeiro toque deve ser do calcanhar no solo

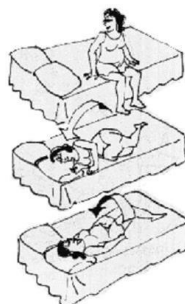
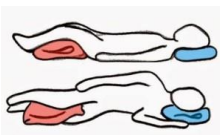


Como sentar/levantar:

- 1.cabeça inclina pra frente,
- 2.mãos apoiadas,
- 3.dobrar tornozelo e joelho,
- 4.movimentar o quadril para frente e para cima;
5. Fazer o processo inverso ao sentar e nunca se jogar para trás!



Como deitar/levantar: sempre de lado, apoiando mão e braço;
Usar travesseiro, almofada ou rolo de toalha no pescoço e entre os joelhos, ajuda a melhorar dores no pescoço, costas, quadril e joelhos.



FINITUDE

- O limite da vida humana é sabido por todos, porém poucos tratam com naturalidade esta realidade.
- Refletir sobre a morte é uma oportunidade de superar idéias negativas sobre esta temática e pensar naquilo que realmente faz sentido na vida.
- A espiritualidade é um excelente recurso interno que pode ajudar na compreensão e aceitação desta dimensão da vida.

EPITÁFIO

Frases, orações, versos, pensamentos ou citações com significado e valor pessoal.

- A escolha de um epitáfio é uma oportunidade para a pessoa expressar aquilo que melhor representa sua fé, sua vida, aquilo que acredita, seus valores, sua cultura.
- Minha escolha é...

TELEFONES ÚTEIS:
 Pronto socorro
 Parente próximo
 Vizinho
 Cuidador
 SAMU
 Hospital geral
 Convênio/ambulância

DIA DO IDOSO
 1º de outubro

*Nesses meus cabelos brancos
 é que guardo minha história.*

Direitos dos idosos

- Benefício IPTU**
 Art. 17.º - Lei 1.241/2010 e 2011
 O imóvel onde o idoso mora, quando de área construída (por lotear, maior de 500 metros, seja apartamento ou pensão, seja em lote) e habido o mesmo nome, alíquotas e valores como sua família e não seja possuída por outro imóvel, será isenta do IPTU até 30/12/2019.
- Transporte coletivo urbano gratuito**
 Art. 17.º - Lei 1.241/2010 e 2011
 O transporte coletivo urbano é gratuito para os maiores de 65 anos. Não é necessário cartão especial. Basta qualquer documento pessoal que comprove a idade.
- Vaga em estacionamento**
 Art. 17.º - Lei 1.241/2010 e 2011
 É assegurada a reserva, para os idosos, nos termos da lei local, de 5% das vagas nos estacionamentos públicos e privados. É necessária a exibição do documento que pode ser feito de forma física e gratuita.
- Leitura**
 Art. 17.º - Lei 1.241/2010 e 2011
 A partir que dos idosos em atividades culturais e de lazer será proporcionada mediante desconto de pelo menos 20% nos ingressos para a maioria artística, cultural, esportiva e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais.
- Atendimento prioritário**
 Art. 17.º - Lei 1.241/2010 e 2011
 Os idosos com idade igual ou superior a 65 anos terão atendimento prioritário, nos termos desta Lei.
- Qualificação**
 Art. 17.º - Lei 1.241/2010 e 2011
 O idoso em situação de vulnerabilidade econômica ou social, impedido ou dificultado por doença ou deficiência física, ou por motivo de transporte ou exercício de cidadania, é crime.
- Atendimento profissional**
 Art. 17.º - Lei 1.241/2010 e 2011
 Serão reservados 10% das vagas para idosos, os quais devem ser identificados com placa de respeito preferencialmente para idosos.
- Hospital**
 Art. 17.º - Lei 1.241/2010 e 2011
 Ao idoso internado ou em observação é assegurado o direito a acompanhante, através de laudo de saúde preparado por médicos atuando para a implementação em tempo integral, segundo critério médico.
- Residência**
 Art. 17.º - Lei 1.241/2010 e 2011
 Aos idosos, a partir de 65 anos, que não possuem meios para pagar sua subsistência, nem de se fazer por sua família, é assegurado o benefício mensal de um salário mínimo, nos termos da Lei Orgânica do Município de São João del-Rei.
- Assistência**
 Art. 17.º - Lei 1.241/2010 e 2011
 São assegurados ao idoso o direito de sigilo e a autonomia.

Contatos em Campo Grande:

- Conselho Estadual do Idoso
- Conselho Municipal do Idoso
- Outros...

